

Revista da **SOCIEDADE**
de **GEOGRAFIA** do Rio de Janeiro

T O M O X X X V I I — 1 9 3 3 — (1.º semestre)

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Alcides Bezerra — Alexandre Sommier — Carlos Domingues —
Saladino de Gusmão — S. Fróes de Abreu

S U M Á R I O

- S. Fróes Abreu — Sôbre a formação de caustobiólitos na
Baixada Fluminense.
Saladino de Gusmão — Cariua Ôca.
Agenor Augusto de Miranda — Alguns nomes pitorescos
na geografia nacional.
Paulo J. Pires Brandão — Ouro Preto.
Alcides Bezerra — Um folheto raro da época holandesa —
“A Bôlsa do Brasil”.
“A Bôlsa do Brasil” — Tradução do Padre Geraldo Pawels.
J. Marcelino Pinto — Rio Ribeira de Iguape.
Liberato Bittencourt — Sôbre o estudo racional da Geo-
grafia.
José Magarinos — Palavras sôbre arqueologia no Brasil.
Mocanguês — Ilhas Mabaças, Ilhas Gêmeas — Mocanguê
Grande, Mocanguê Pequeno.
Spencer Vampré — A Sociedade de Geografia e o inter-
cambio cultural com as instituições congêneres estran-
geiras.
Decreto n. 21.883, de 29 de Setembro de 1932 — Criação
do Serviço Geográfico do Exército.
Decreto n. 22.698, de 11 de Maio de 1933 — Fiscalização
das expedições empreendidas em território nacional.
Relatório do ano de 1932.
Colaboração — Consultas — Errata.

RESUMO DE TODOS OS ARTIGOS EM ESPERANTO

RUA MARECHAL FLORIANO, 212-1.º — Rio de Janeiro
B R A S I L

Revista da **SOCIEDADE**
de **GEOGRAFIA** do Rio de Janeiro

T O M O X X X V I I

1 9 3 3

(1.º semestre)

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Alcides Bezerra — Alexandre Sommier — Carlos Domingues —
Saladino de Gusmão — S. Fróes de Abreu

I N D I C E

S. Fróes Abreu — Sôbre a formação de caustobiolitos na Baixada Fluminense.....	3
Saladino de Gusmão — Cariua Ôca.....	8
Agenor Augusto de Miranda — Alguns nomes pitorescos na geografia nacional.....	16
Paulo J. Pires Brandão — Ouro Preto.....	22
Alcides Bezerra — Um folheto raro da época holandesa — “A Bôlsa do Brasil”.....	32
“A Bôlsa do Brasil” — Tradução do Padre Geraldo Pawels.....	36
J. Marcellino Pinto — Rio Ribeira de Iguape.....	60
Liberato Bittencourt — Sôbre o estudo racional da Geografia.....	71
José Magarinos — Palavras sôbre arqueologia no Brasil.....	76
Mocanguês — Ilhas Mabaças, Ilhas Gêmeas — Mocanguê Grande, Mocanguê Pequeno.....	84
Spencer Vampré — A Sociedade de Geografia e o intercambio cultural com as instituições congêneres estrangeiras.....	92
Decreto n. 21.883, de 29 de Setembro de 1932 — Criação do Serviço Geográfico do Exército.....	97
Decreto n. 22.698, de 11 de Maio de 1933 — Fiscalização das expedições empreendidas em território nacional.....	102
Relatório do ano de 1932.....	104
Colaboração — Consultas — Errata.....	116

RESUMO DE TODOS OS ARTIGOS EM ESPERANTO

RUA MARECHAL FLORIANO, 212-1.º — Rio de Janeiro
BRASIL

UNIVERSIDAD DE LA HABANA

Biblioteca Central

Rubén Martínez Villena

C A N J E

SÔBRE A FORMAÇÃO DE CAUSTOBIOLITOS (*) NA BAIXADA FLUMINENSE

S. Fróes Abreu

Assistente-chefe do Instituto de
Tecnologia, do Ministerio da
Agricultura.

(Nota prévia lida perante a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em 4 de Maio de 1933).

A maior parte dos rios que correm na baixada fluminense tem aguas escuras. Fato identico se verifica em numerosas lagoas da mesma região; ás vezes contém apreciaveis quantidades de materia mineral em suspensão, isso acontece após as grandes chuvas, outras vezes, no entanto, a materia responsavel pelo côr é de natureza organica e está parte em suspensão, parte em dissolução.

No primeiro caso ela provém da argila em suspensão coloidal, no segundo provém da decomposição de plantas que vivem sobre as aguas e em torno delas, e de representantes do plankon. Essa materia organica que se acha em suspensão nalguns cursos dagua e lagoas, quando encontra condições favoraveis para sedimentação deposita-se formando um lodo negro que vai dar origem a certas pseudo-turfas já conhecidas e mesmo utilizadas localmente.

A materia organica em dissolução, formada de ácidos ulmicos e crenicos, colóre as aguas em castanho-avermelhado. Assim são as aguas de muitos rios da baixada fluminense. E' assás conhecida a agua do Itajurú que abastece a população de Cabo Frio. A côr é de ambar bastante escuro, embora de aspecto repugnante não é nociva á saude. As pesquisas revelaram sómente uma pequena quantidade de sais minerais e materia organica dissolvida. O uso quotidiano, na cidade de Cabo Frio, é o atestado mais eloquente da sua inocuidade.

A decomposição de grandes massas de vegetais, em presença dagua, dá origem a uma materia escura que em parte

(*) Do grego *Kaien* — queimar, *bios* — vida, *lithos* — pedra.

se dissolve e em grande parte fica em suspensão e lentamente precipita. Ao contrario do que geralmente se supõe, não se trata de vegetais de organização superior, mas, principalmente, daqueles de mais rudimentar desenvolvimento. As algas têm um papel preponderante.

Nesse processo que se opera, sem duvida, com a intervenção de bacterias, ha desprendimentos gazosos e alteração da materia vegetal primitiva.

As plantas geradoras desse lodo organico, que se originam do plankton limnico, — sapropélo, (**) segundo o termo criado por Potonié, na Alemanha, são principalmente as algas Clorofíceas. Contribuem tambem o tecido macerado de nínfaceas, pontederiaceas, cíperaceas e gramineas que crescem nos terrenos alagáveis e nas margens dos rios e lagôas.

As observações feitas na lagoa da Lavagem, nos arredores da cidade de Cabo Frio, na restinga entre a lagôa de Araruama e o Atlantico são o objeto deste artigo.

A chamada lagôa da Lavagem tem poucas centenas de metros de comprimento por uma centena de largura. Nas épocas de estiagem ela reduz muito a área e se reparte em lagoinhas em fórmula de rosario. Tem sempre aguas muito escuras, mórmente nas épocas de seca quando atingem uma grande concentração em materia organica e se acentúa a fase de sedimentação. Para se avaliar o gráu de turvação das aguas basta saber que sob uma espessura de 0,06 uma moeda de niquel se torna invisivel. Essa opacidade é devida principalmente á materia escura em suspensão na agua, que atúa mais intensamente que a materia dissolvida.

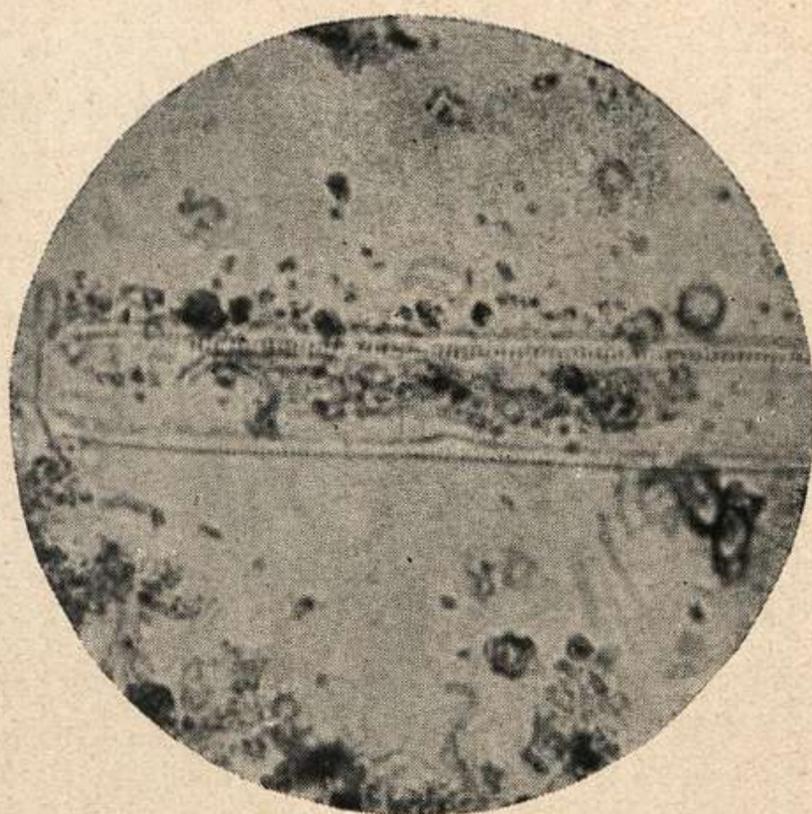
A matéria negra que se origina da decomposição dos vegetais e da geléa de algas é formada, em grande parte, de acido humico e derivados e de gelose.

Tratada com a lixivia de potassa, dissolve-se quasi inteiramente e torna a ser precipitada pela adição dum acido.

No fundo e margens das lagôas encontra-se uma camada desse material; nas margens pela ação do sol êle se desidrata e se contrae formando blócos separados por fendas, que dão ao solo um aspecto de mosaico.

No decurso do processo de decomposição certas partes mais resistentes flutuam sobre a agua e são impelidas pelos ventos para as margens onde se acumulam. Encontramos nas bordas da lagôa, em direção oposta aos ventos domi-

(**) Do grego *Saprós* — podre e *pelós* — lama.



**Alga diatomacea do sapropélio
de Cabo Frio — Aumento 500
diametros.**

Fot. Fróes Abreu.



**Formação sapropélica no litoral do Estado do Rio de Janeiro
(arredores de Cabo Frio)**

Fot. Fróes Abreu.

nantes, grandes quantidades de materia composta de tecidos vegetais com sua fórmula, porém reduzidos a fragmentos pequenos.

O material tem o aspecto duma serragem grossa onde a olho desarmado se distinguem pedaços de tecidos vegetais.

Assim, na lagôa em questão observamos os seguintes fatos:

- a) — Vegetais vivendo sobre a agua (gigoia) e nas partes razas (capins).
- b) — Materia organica vegetal em suspensão na agua.
- c) — Materia organica vegetal dissolvida na agua.
- d) — Sapropélo sob a fórmula de lodo negro depositado por precipitação lenta no fundo da lagôa.
- e) — Sapropélo seco, (sapropelito) solido, negro, desfeito em blócos.
- f) — Material fino, residual que flutuava na lagôa e foi impellido pelos ventos para as margens.

A materia mineral do sapropelito compõe-se de uma parte primaria que esteve em suspensão nas aguas e se depositou conjuntamente com o sapropélo, e uma parte secundaria composta de areia da região circumvisinha. A areia é de grãos angulosos de quartzo e a materia mineral primaria compõe-se de argila, carapaças silicosas de algas e espiculas de espongiarios.

O exame microscopico do material fresco revelou uma variedade grande de algas, espiculas de esponjas e raros tecidos de vegetais de constituição desenvolvida.

*

* *

Essas observações mostram que o processo de formação das chamadas turfeiras da baixada fluminense não é analogo ao das verdadeiras turfeiras da Europa e outras regiões temperadas. Aqui, justamente sobre a linha do tropico e sob um regime climático essencialmente tropical, estão se processando fenomenos semelhantes aos que foram magistralmente descritos por Potonié com referencia aos lagos e charcos da planície alemã e por Zallesky para os lagos da Russia européa e do Turkestão. O papel dos micro-organismos nesses fenomenos é fundamental; a materia geradora dos combustiveis que se estão formando sob os nossos olhos é principalmente da classe das algas, e a influencia das

bacterias, sem dúvida, é assás importante. O estudo dos combustíveis em formação, seu valor industrial, os processos geneticos e as influencias das condições climáticas, dos micro-organismos, da salinidade do meio e outras ainda, constituem atualmente a nossa principal cogitação. Do ponto de vista quimico, pode-se já dizer que se trata algumas vezes de combustíveis muito pobres, com alto teôr de materia mineral e elevada porcentagem de oxígeno, como na lagôa da Lavagem. Casos ha, entretanto, em que se originam combustíveis de baixo teôr de cinzas e poder calorifico elevado, dadas as condições de acumulo de grandes massas de algas e de sua própria natureza.

Assim, o sapropélo de Cabo Frio, reduzido a zero de humidade acusa

Materia volatil	37.8
Carbono fixo	22.4
Materia mineral	39.8
	<hr/>
	100.0

e o de Floriano (Vale do Paraíba, E. do Rio)

Material volatil	72.5
Carbono fixo	22.3
Materia mineral	5.2
	<hr/>
	100.0

Poder calorifico do material seco: 7.400 calorias.

A feição bacteriológica do problema bem como o estudo particular das microflóra está entregue á alta competencia do prof. Fernando da Silveira, do Instituto Biologico Federal, que já tem em preparo uma nota preliminar sobre o assunto. Valioso auxilio nos foi tambem prestado pelo Dr. Gomes de Faria, do Instituto Oswaldo Cruz a quem somos gratos.

Rio, Abril, 1933.

PRI LA FORMIĜO DE KAŬSTOBIOLITOJ SUR LA
MALALTEBENAĜO DE ŜTATO RIO DE JANEIRO

Tio estas mallongaj notoj pri minerala materio naĝanta en la akvoj de la riveroj kaj lagetoj de la malaltebenaĝo de Ŝtato Rio de Janeiro.

La aŭtoro speciale atentigas al la jena punkto: la putrado de grandaj vegetmasoj, en la akvo, naskas nigretan substancon, kiu parte solviĝas kaj parte naĝas en la fluidaĵo. Ili ne estas, laŭ la ĝenerala supozo, vegetaĵoj superorganismaj, sed, kontraŭe, ĉefe estaĵoj de plej elementa elvolviĝo.

CARIUA ÔCA

Saladino de Gusmão

A expressão tupí *cariua ôca*, que a lingua portuguesa deturpou, transformando-a, para transmiti-la á brasileira no vocabulo *carioca*, ofereceu durante muito tempo duvidas de origem e de significação; raros que têm sido os tupínologos, abalançaram-se ousadamente a estuda-la os que pouco conheciam do brasileiro idioma.

A' ignorancia dela, casava-se a falta de quem pudesse explicá-la, como se existissem regras e leis de sistematização filológica; crescendo que os próprios padres catequistas a deformavam com articulações e nomenclatura liturgica e teológica.

“Pouco importando que o índio fosse deturpando a lingua de seus avós, desde que soubesse rezar e se fosse acostumando aos rituais da igreja, fazendo desaparecer a história da tribu e as tradições de sua nação”. (*Barbosa Rodrigues*, “O Muirakitã”, Manáos, 1889).

Desde a fundação, o porto do Rio de Janeiro tornou-se o centro para onde convergiam ambições, discordias, perfídias, traições e lutas, mais atraente do que outro; daí, viciarse depressa a língua nacional, ao contacto com as dos invasores. Uma palavra escrevia-se ou se pronunciava diferentemente, tal a nacionalidade do viajante que a registava, obediente ás notações de seu idioma patrio, qual a audição que lhe parecia perceber.

O eminente philologo Dr. José Oiticica, em ligeira apreciação a estudo apresentado no ultimo Congresso Americanista, notando redução na morfologia e na syntaxe, acredita que tenha havido verdadeiro regresso nos dialetos americanos, o que elle chama — *uma involução*.

No primeiro século de colonização, os estranhos procuraram conhecer a língua dos aborigenes e o conseguiram com perfeição, quando completaram a dominação e opuzeram a sua, já mesclada de vocabulos locais ou inçada de seus próprios, deformados pelo indígena, que os ouvia mal e peor os repetia. Assim, criaram-se por exemplo: *çurára*, soldado; *páia*, pai, etc., que não existiam no tupí. Entretanto, o índio aceitava *camarara*, camarada, abandonando *irumuára*, amigo, que é o termo próprio e assim outros.

Não se fizeram de outra fôrma Pernambuco, de *Paraná-puc*; Piauí, de *Piaguay*; Sergipe, de *Serigy*.

O íncola, afastando-se e se internando na floresta, distanciou-se e perdeu-se nas quebradas longinhas das paradisáticas sertanejas amazônicas, onde o deteve a rede potamográfica que encerra a maior bacia do mundo, envolto no esquecimento e no menosprezo da civilização. No seu peregrinar, as novas gerações retrocederam, talvez, ás terras de seus avoengos, que delas teriam sido expulsos por uma raça mais forte, remotos tempos anteriores, descendo então pelo caminho facil do litoral atlântico, em contrario a este outro itinerario penoso, através da floresta formidavelmente bravia, cheia de contrastes e surpresas.

Espalhando-se na vasta planicie verde, certo enfrentaram outros povos, fizeram e deram prisioneiros, talvez se ligaram pelo casamento algumas vezes, sofrendo ainda a lingua lentas modificações, pelo concurso de novas vozes, pela timidez inata no ameríngio, se não pela influencia mesológica que passaram a sofrer. O homem ignorante tem decidida inclinação para alterar os sons, mudar as sílabas, inventar aleijões morfológicos e alguns ha que disso fazem exhibição!...

O característico principal da lingua tupí é falar guturalmente, apertando ou cerrando os dentes; em se não estando familiarizado com ela, perde-se a maior parte da conversação, porque a abreviação da frase é outro seu caracter importante, dada a pobreza de termos e a dificuldade de construção. Não se diz, por exemplo: *Bom dia, Boa tarde*, requinte de gentileza da civilização, mas se afirma:

Yané cuêma, yané carúca, nossa manhã, nossa tarde.

O linguajar dos habitantes dos rios Negro e Branco, de um lado e Solimões, de outro, no Amazonas, mostra diferença acentuada na fonética; aqueles dizem *yacy, curacy*, e estes *yacê, curacê*. A nós nos parece que estes ultimos guardam melhor a pureza da lingua, porque o y (adotado por ser mais forte do que o "i"), pronuncia-se guturalmente, quasi como o "eu" francês, motivo que levou os invasores a dar-lhe tambem o som de "u", de que é exemplo a palavra *tapyia*, transformada em *tapuia*.

Dessa fôrma, a lingua tupí limitou-se, como que mingou, mas a brasileira, em formação, vem fazendo dela o seu caráter propriamente nacional.

Estudemos a expressão *carúua ôca*. A segunda palavra, significando morada, em tempo algum apresentou duvida em sua significação, mas a primeira sempre oferece campo

vasto para interpretações, já tendo levado estudiosos a procura-la na Asia, donde se acredita levada á Europa e trazida á America, pelas emigrações amarelas, em irradiação uniforme.

Kariua ou *Cariua*, *Karaiba* ou *Caraiba*, *Karib* ou *Carib*, parece provir de *kari* e de *iua*, *iba*, *ib*; esta, raiz propriamente tupí, correspondendo a mau, malfeitor, ruim e aquela, deixada pelas antigas invasões da Armenia, da Media, da Hyrcania, de Troya, da Grecia, e Creta, sob a fórma de *kuru*, que os eólios mudaram para *kyrios*, os dórios para *karanos* e *koyranos*, dando origem ao grego *tyrannos*, ao latim *tyrannus* e ao português *tirano*. Os tártaros a empregavam nas cousas inanimadas com a significação de *negro* e no sentido de *arriscado*, *perigoso*; os arabes transformaram-n'a em *kharab*, *destruidor*; os japoneses deram-lhe a significação de *superior*, *mais velho*, *o que veio de longe*, *o estrangeiro*.

E acrescenta *Barbosa Rodrigues*:

“Em síntese, *khara* é o *invasor estrangeiro que conquista um país, usurpa terras, conservando nas mãos o seu dominio, o poder supremo, sendo algumas vezes sábio e até mau, cruel, tirano, quando tem negro o coração, mas a quem obedecem e tratam por majestade, por grão senhor, por ser o primeiro, o soberano, o valente*, qualidades que o selvagem encontrou no *branco*, depois da descoberta da America, conhecendo tambem nêles *astucia, habilidade, manha e destreza* misturada com *lisonja*”. (Loc. cit.).

Max Muller dá ao radical *kar* a significação de *gritar, louvar*; entretanto, *Bopp* dá a de *matar*.

Se fôrmos ao Perú encontraremos no *kechua*, a língua antiga dos desgraçados incas, a palavra *kara* significando *senhor poderoso, estrangeiro*. *Garcillasso de La Vega* ensina que êles se referiam aos seus reis com sublime respeito: — *Kari inca Manco Kapac*, em que *kari* é *majestade, chefe, vencedor*. Assim tambem no *aymáradugo* e no *chilidugo*; nêste significando ainda *povo, soberania, poder* e até *prepotencia!*

José Oiticica corre ao sânscrito e revela a existencia de dois radicais inconfundiveis:

Primeiro — *kala*, preto (de onde o grego, *kelainos* e *kelis* e o latim *caliga*);

Segundo — *kala*, tempo, destino, *morte*, derivado de *kal*, medir o tempo (de onde o grego *kairós*, *kér*, *kêraino*, e as conhecidas calendas). Este *kal* deu *kali*, discordia, guerra, (de onde *kaliyuga*, a era da discordia).

Tenorio de Albuquerque, ilustrado professor, chamando, no ultimo Congresso Americanista a primazia da língua para o *guaraní*, falado na terra de seu berço, disse que:

“...a significação dos vocabulos *kara*, *karai*, tem prestado assunto a muita fantasia...”

Talvez para justificar a fonte que êle dá a *Czar*, *King*, *Kaiser*, a mesma de Cezar no sanskrito — *kêçara* (de *kêça*, cabeleira, que deu ao latim *caesaries*, cabeleira).

Barbosa Rodrigues vendo que a raiz *kar* ou *kara* era empregada no mesmo sentido pelos povos americanos que se ressentiam do contacto asiatico, não hesitou em considera-la *generica*, e considerando o nome composto pela reunião de duas raizes prossegue:

“O nome *karaiba*, antes *kariba* ou *kariua*, leva-me a outras considerações.

Será o nome *karaiba* dado pelos tupís que se estendiam pela costa do Brasil, ou veio com os invasores? Penso ser um nome híbrido, composto de um radical importado e de um sufixo adicionado pelos tupís. Vejamos. Sendo tupí pode ser *kar-ayua*, máu que chegou, do verbo *kar*, chegar e *ayua*, máu, havendo mudança de “u” para “b” pelo vicio português, ou *karaiba*, o muito habil”. (Loc. cit.).

Tambem lhe pareceu que *kariua* poderia ter provindo do turcomano *kara* ou *karu* e de *ayua* ou *aib*, significando o *conquistador máu*, porque outra cousa não eram os invasores, os conquistadores, os estrangeiros, nem outra denominação poderia ter quem se apossava da região por onde passava, tudo avassalando.

Couto de Magalhães argumenta:

“*Caríua*, na costa *caraíba*; no Paraguai, *carái*... A raiz *car* ou *ra* envolve a idéa de *dilaceração*... e a segunda raiz *iu* ou *iba*, significa *ruim* de modo que o *branco* foi denominado pelo selvagem da America com duas raizes que exprimem a ideia que êles formavam, á principio, de nossa raça, isto é, a raça voraz e má; a história das primeiras conquistas mostra que, para êles, essa primeira designação era tão real, quanto vergonhosa, para nós. Por mais injurioso que seja o nome, êle ha de passar á mais remota posteridade, castigo indelevel do sangue que derramámos, dos latrocínios e rapinas que fizemos entre êles”. (*O Selvagem*, Rio de Janeiro, 1876).

Entretanto, o *Padre Montoya* afirma:

“*Carái*, astuto, mañoso. Vocablo con que honraron a sus hechizeros universalmente e asi lo applicaron al hombre

christiano y a cosas benditas e asi no usamos del en estos sentidos..." (*Arte de la lengua guarany, o mas bien tupy*).

Levemos em conta, primeiramente a confusão entre as duas línguas, sem embargo da autoridade incontestada de *Montoya*; depois, consideremos que, no Paraguai, os jesuitas mudaram a significação de *caraib*, *carai*, para *santo*, *bendito*, por melhor servirem a sua religião.

Na Amazônia, quando a perlustramos, só anotamos a forma *caríua*, desaparecida por completo a originária *caraib* ou *carib*, significando o estranho, o hospede importante, o chefe, que nós pensamos ser, em vez de *escravisador*, *malfeitor*, o que tem as qualidades de tirania e prepotencia, porque na língua tupí o verbo *kar* também significa *saber*, *valer*, e o substantivo *kara*, em consequencia será, *poder*, *tirania*.

Eu me lembro bem da humildade com que os índios nos recebiam e o esforço que empregavam para agradar-nos; nunca consenti que os meus trabalhadores aceitassem (seria melhor dizer tirassem...) objeto algum ou desrespeitassem uma índia. Ao chegar a uma *taba*, era meu primeiro cuidado tranquiliza-los, conquistar sua confiança e não demorar mais do que o tempo preciso, da passagem ou da visita. Não ha na língua tupí palavra alguma significando *branco*, em relação á côr da pele; a distinção da humanidade em raças, só muito depois separou os homens pelo preconceito da côr. O próprio cruzamento do invasor, apenas produziu uma sub-raça — a *tapayuna* (de *tapuya-una*, caboclo preto), resultante da ligação do negro com a índia.

Negro ou *branco*, desde que é o chefe, o maioral, recebe o tratamento de *caríua*; o temor da crueldade levou o aborigene a limitar nêste a significação da palavra, mas na realidade são todos os civilizados...

Caríua é, pois, o mesmo que *caraíba* ou *carib*, reunião das raizes *kara*, *kar*, *ra* e *iba* ou *iua*, aquela significando *malfeitor*, *tirano* e esta *ruim*, *máu*, como que dando força á primeira, num superlativo ou num pleonasma, fraca expansão de odio incontido.

Chegando á nova terra, o invasor viu-se de repente em presença de um povo de milhares de homens nús, cheios de ornato, suprendendo e surpreendidos no seu descuido, na sua ingenua confiança, soprando os seus *borés*, tocando as suas *inubias*, talvez oferecendo ao hospede a recepção e o agasalho, que as vicissitudes maiores não conseguem afastar do teto mais humilde, nem da choupana mais miseravel do brasileiro. Entretanto, nos veleiros, irrequietos ao mo-

ver das ondas, a surpresa produzia temor, gerava medo, acordando a covardia, despertando a prepotencia dos recém-chegados.

As *ronqueiras* ecoaram; os portadores da civilização e da cruz, fazendo luzir os seus metais ao sol, pisaram a nova terra, logo desenvolvendo as cenas das planicies da Cezaréa, das invasões da Média, da Tartaria, da Armenia, da Batoryana e do Perú, numa orgia de escravidão e de castigo ao aborigene indefeso e bom, que os aguardava carinhoso e alegre.

Estrugiu, então, unisono, o grito desesperado — *Cariua! Cariua!*

Não era a palavra mansa e meiga da hospitalidade, mas a imprecação revoltada do sofredor! O hospedeiro, maguado e triste, retraiu-se e se afastou, expulso e espoliado de suas terras, de suas aguas, sem pais, sem esposos, sem filhos e sem os próprios ornatos, que ainda não contentaram a ambição dos malvados, desaparecendo na floresta espessa.

Depois dessa barbaria, em que a deshumanidade afirmava nas virgens terras americanas os processos da civilização, foi o primeiro cuidado dos heróis o entrincheiramento das posições, a construção da morada, menos para abrigo das intemperies do que para fugir á vindita das vítimas. O tipo de construção era desconhecido, na sua fórmula, nas suas disposições, nas suas taipas, mas a cobertura era a dêles, de palha de palmeira e compreenderam — era a *ôca do invasor*.

Os prisioneiros, escravizados, indicaram os materiais, buscaram-os, teceram-os, sopitando intimas revoltas, que explodiam por fim, incendiadas pelo castigo, na ofensa que atiravam á face do intruso, apontando-o rancorosos:

Cariua! Cariua! Tu és perseguidor, matador de gente!

E a vaidade humana, o orgulho do homem, dêsse mesmo que *Darwin* considerou um animal, para que *Nietzsche* elevasse á altura de um deus, interpretou o grito desesperado de sua vítima:

Branco! Senhor! Poderoso! Majestade! Soberano!

“Os indígenas costumavam tirar das condições físicas dos lugares os nomes para estes.” (*Algumas Notas Genealogicas* — S. Paulo, 1883).

Pensamos que os tiravam tambem das coisas notaveis que encontravam ou das que havia em maior abundancia, costume ainda hoje observado e de que temos exemplo, relativamente recente, na denominação de *Belo Horizonte*.

Assim, êles perguntariam em relação ao acampamento dos invasores:

Mamé reçú ou *Makity tahá reçú*? Para onde vais? E outro responderia:

Cariua ôca kity, ou simplesmente *Cariua ôca*, para a casa do invasor, porque, como muito justamente acentua *Couto de Magalhães*:

“Ha, por assim dizer, uma especie de *preguiça* na língua, que faz com que ela não empregue senão palavras quando estas são essenciais”. (Loc. cit., pag. 69).

A expressão *cariua ôca* encurtou-se para a palavra *cariuôca* e finalmente *carióca*, passando da significação originaria de *casa do tirano*, para a de *acampamento do estrangeiro*, *logar do estrangeiro* e, por fim, a representar a *naturalidade* dos que nascem nesse logar.

Pela mesma lei os espiritosantenses não são chamados *capichabas*, do nome da tribo que ocupava a ilha de Vitória? Os riograndenses do norte não são *potiguáras*? Os catarinenses não são *barrigas verdes*, sómente porque usavam, nas guerras gloriosas da independencia, um colete dessa côr?

Nada justifica a tradução encontrada nos autores da época:

Mãe dagua, Agua corrente entre pedras, Corrente saída do mato, etc... Nem melhor a que se aproveita do vocabulo *ôca*:

Casa de agua corrente, Casa do branco, etc...

Até o sabio *Von Martius* não hesitou em a consagrar como *casa da fonte* (*domus fontis*) menos por investigação linguistica do que por informação facilmente acolhida.

O eminente *General Couto de Magalhães*, incontestavelmente um dos nossos maiores indianistas, teve este cochilo:

“*Carióca*, de *cariua*, branco e *oc*, tirar, isto é, tirado do branco, *mestiço*, *mulato*”. (Loc. cit., pag. 88).

Ora, a sua gramatica ensina que o logar de onde alguma cousa vem, representa-se pela posposição *çuí* ou *çuí-uára*, que ali não é representada; por outro lado, nem *cariua* quer dizer *branco*, nem entrou aí a raiz *oc* (tupí da costa), *og* (guaraní antigo) *uc* (Amazonas), ou a particula verbal *oc*, inexplicavelmente confundidas com o substantivo *ôca* que é o empregado.

O rigor da língua não permitiria jamais tal confusão, mesmo banida e degradada como foi, porque

“...esta língua é, como já o disseram os padres *Anchieta* e *Montoya*, muito mais escrupulosa do que muitas das atuais línguas cultas da Europa”.

E’ o povo que elabora as línguas, emprestando-lhes o papel que lhe apraz. A filologia apresenta-nos inumeros exemplos, até de palavras que perderam completamente a significação primitiva.

Carióca é palavra brasileira, significando atualmente a naturalidade das pessoas que nascem na cidade do Rio de Janeiro”.

RESUMO EN ESPERANTO — Caríua-ôca — La aŭtoro, *d-ro Saladino de Gusmão*, faras vastan lingvan, etnologian kaj geografian studon, celantan pruvi, ke la vorto *carioca* (pron. “karioka), jam eniginta en nian idiomon, devenas de la indiĝena (tupí) vortkunmetaĵo *caríua-ôca*. Bazante sin sur la aŭtoritato de la majstroj kaj de la historiaj faktoj, li opinias, ke tiu vorto, uzata hodiaŭ por difini la homojn naskiĝantajn en la urbo Rio de Janeiro, havas sian originon ĉe la vorto *carib, caraib*; tiu ĉi indiĝena vorto laŭ sia unua senco, signifis *malbonulo, maliculo, mortiganto*; kun la kreskado de la tempo ĝi ricevis plurajn sinsekvajn signifojn, kiaj *invadinto, superreganto, mastro*. Efektive, *malbonaj kaj malicaj* opiniis la indiĝenoj la eŭropanojn, kiuj, anstataŭ peni altiri al si la amikecon de la idoj de l’ nova lando, per milda konduto, uzadis ĉiam perforton por ilin sklavigi; *mastroj kaj superregantoj* montras la povon de la venkinto, la venkon de la perforto.

ALGUNS NOMES PITORESCOS NA GEOGRAFIA NACIONAL

Agenor Augusto de Miranda (E. Civil)

No correr das minhas viagens, de um lado anotei, para mim, os nomes geográficos que me pareceram pitorescos, uns com explicação possível, mesmo clara, decorrente de um fato a assinalar, outros de tal extravagância que desafiam qualquer interpretação plausível, a não ser pelo espírito galho-feiro de alguém — como aconteceu a um amigo meu, que, comprando alguma terra no Estado do Maranhão, para montar uma fazenda, batisou-a logo, com o nome singular, de “Tudo perdido” e que deveria traduzir o pressentimento que tinha dos prejuízos que lhe poderiam advir do empreendimento a que, aliás, se devotava com o maior amor! O fato é de todo verdadeiro e serviu-me para abandonar a idéia de investigar, para cada caso, a origem dos nomes que vinha registrando. De outro lado, nas horas de descanso, entretido em trocar idéias com os nossos sertanejos, quantas frases pitorescas, igualmente, eu pude registrar, não para mim, é verdade, mas para fornecer ao meu amigo Francisco de Assis Iglesias, meu velho companheiro por 3 anos, nos sertões do Piauí, e que tinha e tem ainda, a intenção de publicá-las. Destas frases, ainda encontro em notas uma meia dúzia delas, que transcrevo, para que se possa ver como é, às vezes, interessante conversar com a gente do sertão. Assim diz o sertanejo: “O vento é volúvel”, em lugar de — “O vento muda de direção”; “Vocês hoje trabalharam uma porcentagem”, em lugar de — “Vocês hoje trabalharam muito”; “Êste lugar é achacado a frio”, em lugar de — “Êste lugar é muito frio”; “O boi era um trem exquisito”, em lugar de — “O boi era um animal velhaco”; “Chegando lá, ficando de estado, toma logo as alturas”, em lugar de — “Fixando residencia lá, ficará em breve senhor da situação”; “Os astros *está* como coisas que quer chover”, em lugar de — “Observando o céu, parece que vai chover”; “Não falando descortêsmente, ha galco por aí”, em lugar de — “Não quero fazer mau juizo dêle, porém penso que sua doença é sífilis”.

Estas frases foram as que conservei em notas que hoje revejo. Bem anotadas foram suas traduções, depois de pacientes investigações, feitas jeitosamente, em conversa cor-

rente, porque, de outro modo, descobrindo o sertanejo que o interlocutor quer ridicularizá-lo, nada mais dêle se consegue e se obtém de pronto um inimigo. E' preciso muito jeito, identificar-se com a conversa sem demonstração de curiosidade, para dela se conseguir alguma cousa. Do pitoresco da linguagem do nosso sertanejo, especialmente do lado do Piauí, onde os homens me pareceram sempre mais ladinos, poderá um espírito curioso colher material para uma obra interessante. Minha preocupação, porém, era mais de cunho geografico e apenas registrei os nomes, a que chamei de pitorescos, da nossa geografia, relacionados, como seguem, por ordem alfabética:

- 1) *Até Bôa*. Povoado sergipano.
- 2) *Anda só*. Fazenda e boqueirão, situados á margem direita do Gurgéia, entre Bôm Jesus e Jurumenha. O boqueirão é notavel pela abundância de gramíneas e leguminosas.
- 3) *Apertada-hora*. Corredeira do alto Parnaíba, abaixo de Filomena, 7 léguas. E', de fato, uma perigosa situação para quem desce o rio, na época da sêca. A *hora* da passagem torna-se *apertada*.
- 4) *Alto do céu*. Localizado na Ilha de Itaparica, na Baía, atrás da praia das Mercês. E' um aprazivel lugar, em ponto de veraneio.
- 5) *Acaba a vida*. Corredeira do rio Preto, na Baía, entre Santa Rita e Pontal. Quando o rio baixa, nêsse ponto, passa-se com a vida em perigo.
- 6) *Barra da Pistola*. Na estrada de Benedito Leite, á margem esquerda do Parnaíba, para Santo Antônio de Balsa, 9 kms. de Benedito Leite. *Não é a barra de ribeirão que tenha o nome de Pistola*.
- 7) *Bôca de Madeira*. Lugarejo, na cabeceira do rio Salitre, afluente da direita do rio São Francisco e que cai pouco acima da cidade de Juazeiro.
- 8) *Brejo dos Segredos*. Lugarejo, entre a cidade de Barra, no rio São Francisco, e Parnaguá, no Piauí. 16 léguas da Barra.
- 9) *Brejo das Moças*. Lugarejo, entre Rio Branco, na margem direita do rio São Francisco, e Paulista, no interior do Município.
- 10) *Come assado*. Rio goiano, um dos formadores do rio do Sono. Nasce na encosta Sul da Serra da Mangabeira. Suas cabeceiras contravertem com as do Parnaíbinha, afluente maranhense do rio Parnaíba. Como se poderá ex-

plicar a origem deste nome, no nosso alto sertão, onde nem ao menos os índios comiam carne crua?

11) *Catinga do Moura*. Lugarejo, na estrada, entre Morro do Chapéu e Jacobina, no Estado de Baía. Nêste caso a origem está explicada, embora se torne pitoresca. Na zona em apreço predominam as matas e a catinga esporádica toma o nome do seu ocupante. No caso, o Moura não cheira mal, não tem *cattinga*.

12) *Canto do buraco*. Serra que ladeia o rio Pará-mirim, pela direita, Estado da Baía. Não ha explicação plausível para êsse nome. A serra é grande e isolada na catinga, como são todas as elevações nêsse sertão sêco e de fertilidade notável.

13) *Caça o Coelho*. Morro isolado nas catingas do Pará-mirim, á margem direita. Na fauna sanfranciscana o coelho é animal raro. Nos morros predomina o mocó, uma especie de preá. E' possível que aí tambem apareça o coelho, para ser caçado. Lugar onde se *caça o coelho*.

14) *Confusões*. Entre Caracol e São Raimundo Nonato ha um grande baixão que assim se denomina. Em alguns mapas, nos mais antigos, aparece êsse nome, generalizando uma zona de lagoas — Pimenteiras, do Mato, Ibiraba e Dourada. Nada disso é real. A propósito eu escrevo: "A lagoa da Pimenteira é uma ficção geográfica", capítulo dêste livro. E' típica a feição geográfica dêste alto sertão.

15) *Cai-cai*. Denominação dada, em Maragogipe, na Baía, a um ponto do seu porto.

16) *Cai n'agua*. Travessia no rio Pará-mirim, 4 léguas acima de sua foz, no São Francisco. E' um apertado de pedras, onde o rio se torna correntoso e forte, levando á água quem não tem fortaleza para atravessá-lo, no começo das enchentes.

17) *Cabeceira da consulta*. Águas que correm para o *Angico*, na bacia do rio Corrente, na Baía, sertão do São Francisco.

18) *Empata viagem*. Lugarejo entre Ilhéus e Itabuna, no Estado da Baía.

19) *Espada baixa*. Lugarejo entre Lapa e Carinhanha, á margem esquerda do rio São Francisco.

20) *Já te mando*. Rio no município de Caíru, na Baía, desagua na baía do mesmo nome, próximo do povoado de São Francisco (Nova Boipeba). No leito dêsse rio ha grande quantidade de sulfato de ferro.

21) *Ladeira da fôrca*. Na estrada entre Benedito Leite e Balsas, no Maranhão.

22) *Mãe da pobreza*. Lagoa do rio São Francisco, de frente da foz do Paracatú. O nome vem da abundância de peixes que produz.

23) *Mata fome*. Morrote que fica nas imediações do Morpará, margem direita do rio São Francisco.

24) *Não beber*. Lugarejo na Baía, nas proximidades da Cachoeira Paulo Afonso.

25) *Nove galhos*. Primeiro afluyente da direita do Sapão, afluyente do rio Preto, na Baía. Nessa zona outrora houve muito veado sussuapára, de 5, 7, 9 e 11 galhos. O ribeirão é curto, mas tem nove afluentes, todos quasi juntos, daí o nome, do que se assemelha com a armação do veado.

26) *Os ovos*. Lugarejo no municipio de Macaúbas, no vale do Pará-mirim, afluyente da direita do rio São Francisco.

27) *Por-em-quanto*. Lugarejo nas proximidades de Teresina, Piauí.

28) *Prato fino*. Lugarejo entre a cidade da Barra, na Baía, e Parnaguá, no Piauí. A 10 léguas da cidade da Barra.

29) *Pau da história*. Divisa da Baía com Pernambuco, á margem esquerda do rio São Francisco.

30) *Pega tempo*. Fazenda entre Monte Alto e Caitetê, na Baía.

31) *Passagem das moças*. No ribeirão Icatú, afluyente da esquerda do rio São Francisco. E' o primeiro corrente permanente, limiando a região sêca do Brasil, ao oeste, na Baía-Piauí. Contraverte com o Curimatã, no Piauí, e que tambem não sêca no verão. O vale do Icatú é bem povoado e suas terras são férteis e valorizadas. Produz especialmente cebolas.

32) *Perde trem*. Passagem d'água, nas enchentes, entre Tamboril, e Morpará, margem direita do rio São Francisco. O sertanejo chama *trem*, aquilo que êle possui e carrega. "Eu levo os meus *terens*, ou *trens*". "Moço, onde estão os seus *terens*?"

33) *Pau sem nome*. Lugarejo á margem do rio São Francisco, uma légua acima da cidade da Barra. Houve realmente aí outrora, uma arvore desconhecida para os ribeirinhos. Hoje, só se conserva o nome.

34) *Paracatú dos seis dedos*. Afluyente da direita do rio São Francisco. Não sei se a denominação corresponde a um número de afluentes, como os "9 galhos", da zona do Jalapão.

35) *Passa dez de baixo*. Nas proximidades da antiga capital Miniera, Ouro Preto. Essas designações são comuns em Minas: Passa Quatro, Passa Vinte, etc., isto é, a estrada corta quatro vezes o rio, etc.

36) *Pega e pucha*. Lugarejo no Município de Catú, na Baía.

37) *Querida*. Lugarejo em Sergipe, á margem direita do rio São Francisco.

38) *Quebra bunda*. Ladeira muito conhecida na Capital baiana. Em terreno argiloso, era de trânsito difícil, em época das chuvas. Difícil era subir sem escorregar e cair.

39) *Quebra homem*. Lugarejo no município de Barra, ao norte, ao lado da estrada de Barra para Parnagua.

40) *Risada*. Lugarejo em Sergipe, nos limites com a Baía.

41) *Riacho dos pandeiros*. Afluente da esquerda do São Francisco, entre Januária e São Francisco, (cidade).

42) *Rompe dia*. Serrote em Minas, na Manga, margem esquerda do rio São Francisco.

43) *Se me apanhas*. Corredeira no rio Parnaíba, abaixo da foz do afluente Santa Rosa, da esquerda. O nome indica o perigo que oferece essa corredeira ao viajante dêsse rio, na época da estiagem.

44) *Vamos ver*. Fazenda nas proximidades de Teresina. Ainda com o mesmo nome, temos uma morada á margem da Estrada de Monte Alto para Riacho de Santana, na Baía.

45) *Vila Risonha*. Antigo nome de São Romão, á margem esquerda do rio São Francisco, em Minas.

46) *Vai quem quer*. Passagem d'água permanente entre a cidade da Barra e Estreito, á margem esquerda do rio Grande.

N. DA RED. — Confiando á “Revista da Sociedade de Geografia” o interessante capítulo do livro a aparecer “Pelo Brasil interior”, o autor declara que os nomes pitorescos aí citados são poucos em relação aos que devem existir. E sugere que a “Revista”, dando á publicidade a coletânea por êle organizada, faça um apêlo para novas contribuições.

E' êsse apêlo que com muito prazer transmitimos aos nossos leitores.

RESUMO EN ESPERANTO — Kelkaj pitoreskaj nomoj en nia Nacia Geografio — La aŭtoro, inĝ. *Agenor de Miranda*, notis en sia vojaĝokajero pitoreskajn nomojn kaj frazojn, kiujn li trovis dum siaj profesiaj laboroj en la nordoriento de Brazilo. Ekzistas ja nomoj kiuj, se unuflanke vidigas la neklerecon de nia enlandido — kapolaboristo, arbohakisto, fiŝkaptisto aŭ ĉasisto —, aliflanke malkovras al niaj okuloj senmalican animon, malfacile kredeblan naivecon. Tamen, tion ja reale oni konstatas ĉe la kontakto kun la senkultura loĝantaro en nia enlando; al ĝi mal multe interesas la veran signifon de la vorto: kio al ĝi gravas estas, ke la vorto estu uzata, ekz.: bovo estas *trajno*, la vento estas la *ŝanĝemulo*.

OURO PRETO

Paulo J. Pires Brandão

Conferência realizada na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro em 7 de Outubro de 1931.

Sr. Presidente:

Acabo de regressar de uma viagem a Ouro Preto, a legendária Vila Rica, Mariana e Sabará, onde fui especialmente ver as obras de Antonio Francisco Lisboa, o *Mestre Aleijadinho*, genial artista que forma desassombradamente no mesmo plano da galeria dos gênios, destes verdadeiros genios, porque nunca tiveram mestres como, Miguel Angelo e Leonardo da Vinci, cujas obras atravessam os séculos sem cópia nem imitação.

Vi em Congonhas do Campo os profetas de atitudes imponentes e que pela tessitura da vasta barba emaranhada, as mãos ossudas e nervosas, as dobras dos panos de suas vestimentas que o vento tenta levantar, deu-me impetos na sarça ardente do entusiasmo de bater em seus joelhos e gritar como Miguel Angelo ao terminar a sua obra "Parla Moysés", tal é a perfeição destas estátuas.

Aleijadinho, em Congonhas do Campo, é o estatuário colossal; além dos Profetas esculpiu no cedro os "Passos do Senhor" em figuras do tamanho natural, divididas dentro de sete capelas cada qual completamente isolada e suas fachadas enriquecidas de ornatos de admirável concepção e completamente diversos uns dos outros.

Em todos estes Passos a figura do Cristo é impressionante pela sua fisionomia seráfica, e a dos algozes pela boçalidade das caras e atitudes. A figura de Judas com a bolsa dos trinta dinheiros, e agarrada a ela tão fortemente que deixa ver as formas das moedas que ela encerra. E' de tal maneira concebida esta figura de Judas, que os rudes homens do interior agreste na impossibilidade de esbofeteá-lo alvejam-no de garrucha como atestam várias balas encravadas em seu madeiro. As figuras das mulheres que acompanham Jesus em seu martírio mostram nos seus rostos tal expressão de dor que só vi igual em "La Pietá", de Miguel Angelo.

Ha grande semelhança entre as obras de *Miguel Angelo* e *Aleijadinho* como algo na vida artística dos dois. *Miguel Angelo* pintou os profetas, *Aleijadinho* os esculpiu.

Miguel Angelo pintou o juizo final com seu inferno, *Aleijadinho* esculpiu no pórtico da Igreja de São Bom Jesus de Matosinhos, em Ouro Preto, um anjo Gabriel de fino acabamento encimando um inferno.

Miguel Angelo vingou-se do Cardeal Biagio de Casana, que não queria as figuras nuas, pintando-o no inferno, sendo roído por uma serpente. O pobre Cardeal dirigiu-se ao Papa pedindo que ordenasse a *Miguel Angelo* para que apagasse a sua caricatura do famoso quadro. O Papa que era então Paulo III, cunhado de Julia Farnesio, lhe respondeu: — Si o artista te houvesse colocado no purgatorio poderia tirar-te, porém, no inferno, é impossivel. *Nulla est redemptio*. *Aleijadinho* tambem vingou-se do Ajudante de Ordens do Capitão General que o chamou de feiura, de monstro, caricaturando-o na imagem de São Jorge por êle esculpida. O pobre Ajudante de Ordens nada pôde implorar porque o ridículo o matou.

Miguel Angelo era tido como um homem sinistro, solitário, tétrico, inimigo do genero humano. *Aleijadinho* vivia da mesma maneira, privando unicamente com os seus dois escravos; ia para as suas obras antes do nascer do sol e voltava quando êste já se tinha ocultado totalmente no horizonte, o que se attribuia á causa de sua fealdade e á moléstia que o deformava, dando-lhe a alcunha de *Aleijadinho*.

Miguel Angelo quando percebia alguem em baixo de seu andaime, fingia-se distraído, atirando-lhe pedras; o mesmo fazia *Aleijadinho*.

A capella Sixtina de *Aleijadinho* é o São Francisco de Assís de Ouro Preto onde os pulpitos e o pórtico bastam para firmar a sua immortalidade.

Os italianos ainda hoje tangem o mármore de Carrara a que *Miguel Angelo* deu vida e immortalidade . Os ouropretanos ainda hoje tangem a pedra sabão a que *Aleijadinho* deu vida e immortalizou.

Aleijadinho é bem maior que *Miguel Angelo*, porque nunca viajou, nunca saiu de Minas Gerais, situada no Brasil ha dois séculos apenas descoberto; nada viu de arte e quasi tenho absoluta certeza que êle desconhecia completamente a existência e a obra de *Miguel Angelo*, de quem seu gênio seguiu a mesma luminosa trajetória, dêste *Miguel Angelo* nascido na milenária Itália vencedora dos gregos e herdeira de sua arte.

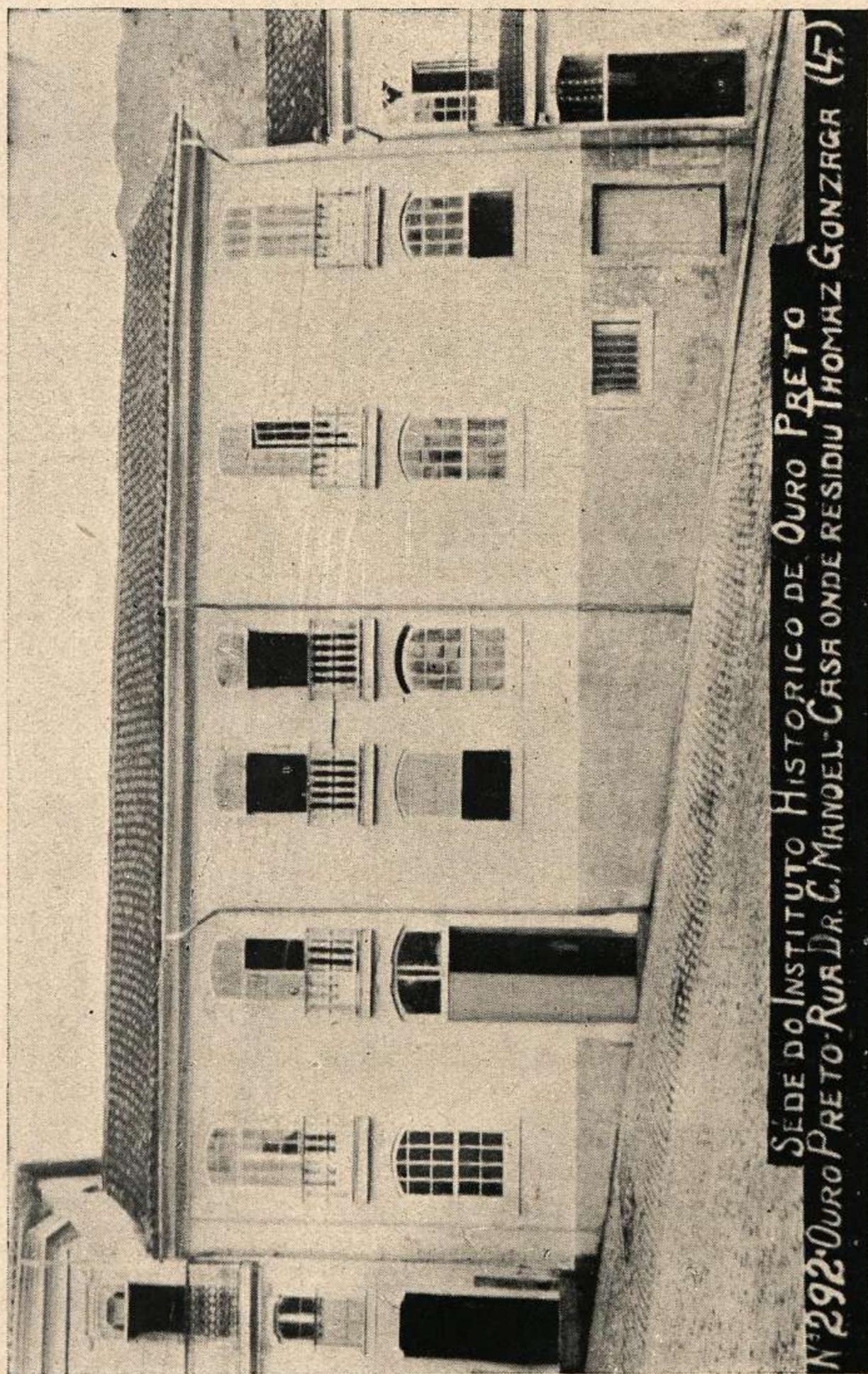
A Igreja de S. Francisco de Assís de Ouro Preto ainda está por acabar, é como as grandes catedrais que levam séculos a terminar e não terminam nunca.

O teto da S. Francisco de Assís de Ouro Preto é uma pintura admirável, de tintas fortes e fundo escuro, do mesmo sabor das pinturas antigas da idade média; deve-se ao pincel do artista pátrio Miguel da Costa Ataíde.

Célebre também é a fachada da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto, de uma elegância e harmonia de ornatos e baixos relevos que deslumbram e fascinam. A sua sacristia guarda um lavabo de beleza surpreendente, também de sua autoria. E dizem que todas estas maravilhas da Igreja de Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto foram pagas a *Aleijadinho* com moedas de ouro falso.

Vi toda Ouro Preto cujas montanhas são pontuadas pela brancura de inúmeras igrejas que *Aleijadinho* transformou em catedrais de arte, cidade que mantém a mesma fisionomia do século XVII, conservando as casas as mesmas fachadas, e passeiei pelas ladeiras cujas pedras foram pisadas por *Aleijadinho*, *Felipe dos Santos*, *Tiradentes* e todos os inconfidentes da conjuração mineira e foram por estas mesmas ladeiras que se arrastaram as sacas peçadas do ouro que enriqueceu Portugal e reconstruiu Lisbôa.

Para ver Ouro Preto é necessário pôr em relação as suas grandes Igrejas, as suas grandes edificações, a Casa dos Contos, a Casa do Govêrno com seus baluartes, a Cadeia, a Igreja de Santa Efigênia, devoção dos negros, com seu relógio a bater horas, a Casa de Marília, a Casa dos Inconfidentes, e a Casa de Gonzaga, com o tempo em que nasceram e com as gerações que as levantaram. Ver no Morro da Queimada as ruínas da primitiva cidade onde a figueira do inferno floresce sôbre o alto de seus muros e nos interstícios de suas pedras se acoitam escorpiões. Como Roma, tem seus aquedutos, fontes e chafarizes, como também suas pontes e cada ponte o seu cruzeiro. Como Roma, tem seus subterrâneos que são minas de ouro, hoje abandonadas. Tem também a sua Via Apia, calçada de largas lajes que era a rua principal da cidade extinta, onde defronte das ruínas de cada casa existe a entrada da mina que seus moradores exploravam e junto uma gruta onde as crianças da casa festejavam o dia de Natal e a exaltação da Cruz. Via Apia que o rolar dos tempos não nos deixa precisar se ela começa ou acaba na Igreja do padre Faria, a primeira que se construiu em terras do Itacolomé. Igreja levantada ao contacto das esmolas que caíam uma a uma nas



SÉDE DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OURO PRETO
N.º 292 - RUA DR. C. MANDEL - CASA ONDE RESIDIU THOMAZ GONZAGA (4)

mãos trêmulas e agradecidas deste Padre pedinchão, que de tanto pedir a população dêle fugia espavorida, mas ao ouvir a sua palavra quente e inspirada dava tudo que trazia no bôlso, o que tinha em casa e dava até o que não possuía. Essa Igreja fica situada num vale admiravel, de um lado as ruínas da cidade caída, de outro lado as fortificações da cidade monumento de pé, e assim forma ela o traço de união entre o passado e o presente. Pedra fundamental onde estão escritos os anais da História Pátria com



o sangue de seus mártires e com o ferro e ouro das suas minas.

A cidade de Ouro Preto foi se construindo e acomodando-se no aconchego de vales e rampas abruptas, de montanhas altaneiras como que formando com suas casarias e Igrejas um frouxel de ninho d'aguias. Frouxel donde nasceram e partiram em largo voo aguias da sabedoria e talento de: Gonzaga, Claudio Manoel, Diogo de Vasconcelos, Xavier da Veiga, Padre José Joaquim Viegas de Menezes, Bernardo Guimarães, Costa Sena, Lucio José dos Santos, Aleijadinho, Visconde de Ouro Preto, Conde de Afonso Cel-

so e tantas e tantas águias que engrandeceram e engrandecem o Brasil.

Ouro Preto, quando ainda Vila Rica, tendo a notícia do novo ataque dos franceses comandados por Duguay Trouin, para vingar a derrota de Duclerc, em sete dias preparou seis mil homens armados e comandados por Antonio de Albuquerque que, gastando apenas dezete dias, chegaram ao Rio de Janeiro, mas os franceses vitoriosos já tinham cinco dias antes partido, não podendo, assim, esses denodados patriotas mostrar a bravura nas pelejas como mostraram em vencer tão grande distância em tão curto tempo.

Roma antiga teve o celebre levante de escravos que Spartacus chefiou, Vila Rica tambem teve o seu levante de escravos que a delação abafou.

A Imprensa, em Minas Gerais, nasceu em Ouro Preto, com a publicação do seu primeiro jornal "A Abelha do Itacolomé" em 14 de janeiro de 1824, de propriedade do Padre José Joaquim Viegas de Menezes que escrevia, compunha e imprimia com suas próprias mãos o seu jornal, com todo o aparelhamento por êle mesmo fabricado de materias primas tiradas das terras de Vila Rica. Depois appareceu outro jornal "O Movimento", e assim appareceram muitos e hoje Ouro Preto não possui um só jornal.

Ha crises na sua história que não são crises nacionais e sim crises humanas, como a transição do mundo antigo para o mundo moderno.

Ouro Preto não é uma cidade morta. Ouro Preto não morreu! Ouro Preto dorme e dorme profundamente, porque não podia estar acordada nesta época nefasta que o mundo atravessa.

Como no mundo antigo as mulheres do Cristianismo venceram, pela sua virtude, as mulheres do paganismo, a família de Ouro Preto tem vencido, pela austeridade, os costumes dissolutos da família moderna. E assim tem sido porque esta família se vinculou na atmosfera de uma cidade cujas portas se fecharam e em finados dobraram os sinos para que Pedro I, o Principe libertino, não viesse profaná-la com a sua presença.

E esta cidade hoje composta de Igrejas onde não se vê vestígios da vida política, de joelhos sobre as ruínas de um passado grandioso ha de um dia acordar, ha de levantar-se novamente, e com ela a tribuna no Foro, ha de falar a Imprensa, ha de ecoar a antiga eloquência, hão de brotar todas as escolas, hão de discutir-se todos os problemas, porque não podemos expulsar o espirito político das sagradas

regiões onde o espírito político teve seu nascimento. Onde a liberdade nasceu.

O sossêgo, o silêncio de Ouro Preto tem a feição da-quele que se sente em seguida ás grandes emoções, e respira-se um ar puro e sadio de clima salubérrimo, cuja água cristalina e saborosa dá a seus habitantes beleza e fortaleza.

O azul de seu céu é difficil definir, é um azul como êsse que ainda se encontra nas porcelanas antigas ou como aquelles que se pintavam ás portadas das velhas Igrejas, na nuance desmaiada que o tempo desbotou.

A luz elétrica não profanou Ouro Preto; ao contrário, transformou-a, á noite, num verdadeiro presepe, que o luar com sua luz de eterna poesia continua, sem esmaecer, a illuminá-la.

Ouro Preto é a cidade única. Não tem nada de outras cidades. Tudo é dela, unicamente dela. O perfume que se evola do interior de suas casas é um mixto de incenso que vem da religiosidade de seus templos, de envolta com o cheiro forte do pau de candeia, lenha que sempre se queimou em seus lares e iluminou os seus primeiros bandeirantes em suas tendas e com ela incendiaram a velha Ouro Preto.

Em surdina Ouro Preto trabalha; é a notável Escola de Minas Gerais, é a Escola de Farmácia, colmeias de sábios, incessantemente a produzir cientistas, e de quando em quando no anonimato de seus filhos, aparece um que sem ter mestre, vai rperoduzindo na tela com uma fidelidade de artes artistas, eu vi, mora lá, conversei com êle, presenteou-me tista as maravilhas que ornamentam esta cidade. Um descom uma das suas aquarelas que pode figurar, sem desdouro, ao lado doutras assinadas por mestres consagrados.

Uma visita a Ouro Preto é a maior lição que se poderá obter de história, de civismo e de nacionalismo.

Em Mariana visitei a Igreja de São Pedro, Igreja-Museu, cuja paciência, profunda sabedoria, brilhante talento, real virtude e inegualável bondade do Arcebispo de Mariana, Sr. D. Helvecio Gomes de Oliveira, fez uma das mais belas e preciosas coleções de antiguidade. Estive tambem no Seminário de Mariana, o primeiro estabelecimento de ensino superior, fundado em Minas Gerais pela Carta Regia de 12 de setembro de 1748 e onde se educaram as mais altas sumidades do Clero brasileiro.

Em Sabará visitei um velho solar que hospedou cinco gerações de Príncipes — Pedro I, Pedro II, Conde d'Eu e ultimamente o Principe D. Pedro e seus filhos.

Fui á Lagoa Santa e no túmulo de Lund fiz a minha oração como católico que sou e foi ali pela primeira vez que senti a responsabilidade que tenho de ser Membro do Conselho Diretor da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Bendita viagem que lavou minh'alma, pois se gozei na contemplação do belo como um simples e humilde amator de belas artes, orgulho-me de ter cumprido o dever de grande patriota, na visita ás obras de *Aleijadinho*, o maior artista de seu século. Um brasileiro.

O que me traz á tribuna não é propriamente falar de *Mestre Aleijadinho*, porque êle é sobejamente conhecido nesta Casa. O que me traz á tribuna é dar á Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro a notícia do aparecimento de dois livros próximos a vir á luz, sôbre a vida e obra de *Aleijadinho*; um da autoria do Dr. Vicente de Andrada Racioppi, jurisconsulto, historiador e insigne latinista, residente em Ouro Preto; o outro é da autoria de Gastão Penalva, o mavioso cantor de *Aleijadinho*.

Finalmente trago a notícia capital que é a da fundação do "Instituto Histórico de Ouro Preto", realizada em 29 de agosto do corrente ano, 201.º aniversario de *Aleijadinho*, em que Deus Nosso Senhor deu-me a fortuna de ser um de seus sócios fundadores, Instituto que será a guarda e defesa do patrimônio artístico e histórico de Ouro Preto, berço de nossa grandeza real e intelectual, arca santa onde se guardam os fundamentos de nossa nacionalidade e independência.

Requeiro, Sr. Presidente, que se consigne em ata um voto de louvor pela fundação do Instituto Histórico de Ouro Preto e se officie ao Secretário Geral do mesmo Instituto, Dr. Vicente de Andrada Racioppi, dando comunicação da aprovação dêste requerimento.

Peço licença, Sr. Presidente, para proceder á leitura da ata de fundação do Instituto Histórico de Ouro Preto, escrita em redação e estilo de português antigo: —

TERMO DE FUNDAÇÃO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE OURO PRETO

Aos vinte e nove dias de agosto de MCMXXXI, 220º da erecção da Villa Rica d'Albuquerque e 117º da morte de Mestre Aleijadinho, neste Arrayal das minas do oiro preto, no qual, junto com o de Antonio Dias, se levantou, em 8 de

julho de MDCCXI, a Villa Rica de Nossa Senhora do Pilar e Albuquerque maiz tarde Imperial Cidade de Ouro Preto, por tal havida e reconhecida em memoria e reconhecimento de relevantes serviços prestados á causa sagrada da Liberdade e Independencia do Imperio do Brasil pela Provincia de Minas Geraes, de que era Capital, por haver a dita Provincia se distinguido muito especialmente como hua das primeiras na resolução de sustentar os direitos inauferiveis dos Povos do Brasil contra os seus leclarados inimigos e por se terem avantajado algumas de suas povoaçoens em testemunhos de denodado patriotismo, em a Caza de morada do bacharel formado em Leys Vicente de Andrade Racioppi, á rua Direita, numero coarenta e seis, achando-se presentes em hua Junta o dito Senhor, o escriptor Gastão Penalva e o bacharel formado em Leys Paulo José Pires Brandão, estes dois ultimos moradores no Rio de Janeiro, assentarão os sobre ditos em que fosse fundado nesta cidade o INSTITUTO HISTORICO DE OURO PRETO, em memoria do 201º anniversario do nascimento de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, patrono da Instituição, que terá toda a loge escolhydos Prezidentes de honra o Prezidente da Republica, em cujo Governo Provisorio assiste o Doutor Getulio Dornelles Vargas; o Prezidente desta Provincia das Minas Geraes e o Arcebispo de Marianna, em cujo sólio assiste o obediencia ás Leys da Justiça e da Arte. Ficarão desde Senhor Dom Helvecio Gomes de Oliveira; Prezidente effectivo o Prezidente da Camara Municipal de Ouro Preto; secretario geral o Doutor Vicente de Andrade Racioppi e socios fundadores os sobre ditos Senhores da Junta e maiz o Doutor João Baptista Ferreira Velloso, medico, morador da cidade.

Sahyrão eleytos congregados, a todos os votos, além dos demaiz lettrados que no futuro serão escolhidos, como maiz capazes, deste Paiz e do Estrangeiro, com tal efficiencia que possam exercitar os seus cargos com a maior attenção e zelo ao serviço de Deus, da Familia e do Instituto, para conveniencia de todos os moradores e pessoas deste povo, para bem da Historia e das Res Publica, as seguintes pessoas: Conde de Affonso Celso, Rocha Pombo, Affonso d'Escragnolle Taunay, Tobias Monteiro, Renato Guimarães, Almirante Gago Coutinho, Doutor Edgard Roquette Pinto, Dom Joaquim Silverio de Souza — Arcebispo de Diamantina, General Moreira Guimarães, Doutor Alfredo Ferreira Lage, Doutor Lucio dos Santos, Doutor Manoel Bomfim, Doutor Viriato Corrêa, Doutor José Marianno (filho), Ministro

Edmundo Lins, Doutor Augusto de Lima, Doutor Nelson de Senna, Doutor Alcides Bezerra, Doutor Antonio Carlos Simoens da Silva, Doutor João Pandiá Calogeras, Doutor Rodolpho Garcia, João Raymundo Duarte, Doutor Mario de Lima, Albino Barreto, Doutor Pedro Feu de Carvalho, Doutor Noraldino Lima, Dona Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, Commandante Eugenio de Castro, Commandante Lucas Boiteux, Almirante Henrique Boiteux, Doutor José Boiteux, Doutor Carlos Góes, Marcos Carneiro de Mendonça, Francisco Lentz de Araujo, Padre Assis Memoria, Conego Raymundo Trindade, Doutor Washington Luiz Pereira de Souza, Doutor Wenceslau Braz, Doutor Arthur da Silva Bernardes, Doutor Afranio de Mello Franco, Doutor Affonso Penna Junior, Doutor Francisco Campos, Doutor Gustavo Barroso, frei Pedro Sinzig, frei Virgilio Hoogenboon, Doutor Joaquim Furtado de Menzees, Doutor Aurelio Pires, Doutor Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Doutor José Carlos de Macedo Soares, Manoel Victor, Doutor A. Felicio dos Santos, Doutor Mario Mello, Doutor Alberto Coelho de Magalhães Gomes, Doutor Claudio Alaor Bernhauss de Lima, José Wash Rodrigues, Doutor Francisco Diogo de Vasconcellos, Doutor Roberto de Vasconcellos, Doutor Thomaz da Silva Brandão, Doutor Fernando de Mello Vianna, Doutor Benedicto José dos Santos, Doutor Carlos Versiani Velloso, Padre Doutor José Marcos Penna, Doutor Affonso dos Santos, Paterson Peiró, Francisco Marques dos Santos, Coronel Grimualdo Favilla, professor Arthur de Brito Machado e Escragnolle Doria.

O Instituto Historio inaugurou hoje a placa — RUA DO ALEIJADINHO, na Rua da Conceição, antiga Rua Detraz, que, a seu pedido, passou a ter o nome do insigne Artista, por decreto numero nove do Prefeito Municipal Doutor João Velloso, que decretou feriado o dia de hoje.

Foy adoptada esta diviza do Instituto Historico de Ouro Preto: “Quem não amara o passado não entre” — *Interesto, si praeteritum diligas*. E de como assi se ajustou, tudo, os assistentez sobre ditos assignão este termo.

E eu, Vicente de Andrade Racioppi, secretario geral, o escrevi e assigno. — *Vicente de Andrade Racioppi*. — GASTÃO PENALVA — PAULO JOSÉ PIRES BRANDÃO — DOUTOR JOÃO BAPTISTA FERREIRA VELLOSO.

RESUMO EN ESPERANTO — Ouro Preto — Parolado — La parolado de *d-ro Pires Brandão* estas konsciencia studo pri la malnova urbo Ouro Preto, la legenda Vila Rica jam ekzistanta dum la kolonia tempo de Brazilo. En tiu urbo, tenejo de la plej bonaj tradicioj de nia lando, troviĝas la mirindaj skulptaĵoj de Antônio Francisco Lisboa, alnomata *Aleijadinho* (La kriplulo).

La aŭtoro faras interesan paralelan studadon inter nialanda artisto kaj la granda *Miguel Angelo*, kaj montras, ke la brazila neniel estas malsupera ol la itala, pri la skulptarto. Fine, la aŭtoro insistas pri ideo, ĝenerale akceptita, ke la Registaro oficiale rekonu la urbon Ouro Preto kiel nacian monumenton, ĉar ĝi ja estas la fidela tenejo de la kolonia arto, kiu estas eternigita en la malnovaj katolikaj preĝejoj de tiu urbo.

UM FOLHETO RARO DA EPOCA HOLANDESA. — “A BOLSA DO BRASIL”

Alcides Bezerra

O reverendissimo padre Geraldo Pauwels, a pedido meu, traduziu em português o interessante opusculo holandês intitulado — Brasilsche Gelt-Sack waer in dat klaerlyk ver-toont wort, waer dat de Participanten van de West-Indische Compagnie haer geldt ghebleven is.

E' mais um serviço de valia que o benemerito estudioso de nossa historia presta aos confrades que não podem lêr no original aquele interessante opusculo. Mesmo os que souberem holandês, não terão facilidade de o deletrear, porque é rarissimo.

O exemplar que serviu para a presente versão pertence á bibliotéca do Arquivo Nacional, que aliás só ha poucos anos teve oportunidade de o adquirir e o fez pela importancia de 600\$000 no antiquariado de J. Leite & Cia. desta cidade. Traz o ex-libris de Alfredo de Carvalho, que, como se sabe, possuia uma seleta bibliotéca brasiliense, onde não faltavam as maiores preciosidades, infelizmente dispersas pouco antes de sua morte prematura.

Deve-se áquele erudito investigador pernambucano o haver mostrado documentadamente que foi embuste a declaração constante do frontispicio do aludido folheto, a saber “Gedruckt in Brasilien”, “impresso no Brasil”, pois os flamengos não chegaram a introduzir a imprensa em nosso país, o que hoje seria titulo de gloria para eles.

Barlaeus, Nieuhof e Moreau não esqueceriam tão grande acontecimento. O mesmo se poderia dizer dos outros cronistas da época — Calado, Raphael de Jesus, Diogo Lopes Santiago.

A tradução do Pe. Geraldo Pauwels destinava-se ao Arquivo Nacional e devia figurar na coleção de opusculos da época holandesa, cuja publicação a mesma repartição não ha muito inaugurou. Oportunamente tambem será publicado nela juntamente com o texto original em fac-simile, mas, estando as oficinas graficas do Arquivo abarrotadas de serviços urgentes, ficou combinado com o illustre tradutor que esta Revista tivesse as premissas da publicação. Aliás, uma edição não prejudicará a outra, não só por ter esta o seu

circulo especial de leitores, como tambem por ser a edição do Arquivo não direi suntuosa, mas valorizada pelo texto estrangeiro fielmente reproduzido.

Convem ainda notar que o erudito Pe. Geraldo Pauwels não teve para fazer o seu trabalho nenhum auxilio de uma tradução anterior. Muito de industria lhe occultámos que o saudoso Dr. José Hygino já havia trasladado em vernaculo o celebre folheto — tradução que foi estampada em 1883, na Revista do Instituto Archeologico e Geografico Pernambucano, n.º 28, hoje raro.

Agora ficará A bolsa do Brasil facilmente accessivel, podendo os seus dados serem aproveitados pelos cultores de nossa historia. O que se acaba de fazer com este rarissimo folheto precisa ser feito com a grande serie dos opusculos da época holandesa. Hoje alguns deles já não são encontrados; raros ou rarissimos se poderia qualificar muitos outros. Daqui a um ou dois seculos — e que é esse periodo na vida das nações? — ficarão ainda menos vulgares. A tradução de todos eles, seja qual fôr o gráo de sua importancia ou raridade, deve ser feita quanto antes, mesmo para que tenhamos daquela notavel fase de nossa historia uma imagem mais aproximada da realidade.

Cabera naturalmente aos Institutos historicos do Nordeste essa providencia, se dispuzessem de meios para leva-la a efeito. Venhamos, pois, em seu auxilio. Todavia a historia daquela época atribulada interessa realmente a todo o país, tendo concorrido as lutas contra os bártaros para o inicio da formação do sentimento da nacionalidade.

E' de justiça assinalar que o Instituto Archeologico e Geografico Pernambucano já fez muito pelo conhecimento do periodo holandês e disto a sua revista nos dá o mais cabal e irrecusavel testemunho.

Esse folheto anónimo é um verdadeiro libelo acusatorio, ou antes difamatorio, como o qualificaram José Hygino e Alfredo de Carvalho, contra os directores da Companhia das Índias Ocidentais e especialmente contra Hamel, Bas e Bullestraten, membros do Supremo Conselho do Brasil Holandês. E' interessante notar que a difamação alcança coletivamente os judeus, acusados de auxiliarem os delapidadores. Eram numerosos naquela época, atraídos a Pernambuco pelo ambiente de liberdade religiosa da colonia holandesa, como tambem pela febre de negocios que se desenvolveram num dos grandes emporios comerciais do açúcar.

Quem seja o autor do panfleto, ignora-se por completo, todavia se pode conjeturar. Foi o que fez o saudoso Dr.

José Hygino, arrimando-se a uma informação de Nieuhof, constante de sua grande obra, de p. 228 a 235, a qual foi traduzida pelo erudito historiador pernambucano e posta como comentario a sua edição do aludido panfleto.

“Alguns sujeitos malevolos e ignorantes (diz Nieuhof) lançaram a culpa da decadencia e ruina do Brasil Neerlandês sobre os altos conselheiros Henrique Hamel, Adriano Bullestraten e Pedro Jansz Bas.

Notam-se principalmente como acusadores Abrahan de de Vries, Pedro Verhagen e João Greving (ex-despenseiro do conde Mauricio), os quais fizeram a estes altos conselheiros veementes increpações, e, como homens de pouco juizo, serviram-se contra eles de indecencias, insuportaveis injurias e não poucas mentiras que engendraram.

Em recompensa do louvavel serviço, que estes altos conselheiros prestaram com ter engenhado e celebrado os contratos, disseram os acusadores que eles receberam grandes presentes ou gratificações, e até encheram as bolsas. Clamaram tambem que os referidos contratos prejudicaram á Companhia; porquanto os contratantes, tendo ficado onerados de grandes dividas, procuraram a revolta como meio de esquivar-se ao governo neerlandês, e voltar á sujeição da corôa portuguesa, pagando á Companhia com um nihil ou nada absolutamente.”

Lendo-se o folheto, vê-se que a defesa de Nieuhof vem ad rem.

A conjectura do erudito Dr. José Hygino se não nos apazigua a curiosidade de conhecer a autoria do panfleto, pelo menos nos mostra um caminho para a sua descoberta.

Ha mais de uma edição do pamfleto. J.C. Rodrigues, na sua Biblioteca brasiliense, registra duas, ambas do ano de 1647, as quais diferem entre si, segundo o aludido bibliografo, pela disposição das linhas do titulo. Ele as registra sob os numeros 458 e 1.086.

Os caracteres bibliograficos do exemplar do Arquivo Nacional que serviu para a tradução do Pe. Geraldo Pauwels são os do exemplar que José Carlos Rodrigues descreve sob o numero 458.

A disposição das linhas do frontespicio é a seguinte:

BRASILSCHE
GELT-SACK,
WAER IN DAT KLAERLIJCK VER-
toon wort/waer dat de Participanten
van de West Indische Compagnie haer
Geldt ghebleven is.

Gedruckt in Brasilien op't Reciff in de
Bree-Bijl. Anno 1647.

Teria sido um exemplar dessa edição, talvez a primeira, que serviu para a versão do Dr. José Hygino?

Pensa Alfredo de Carvalho que não, mas sim um exemplar da segunda edição, que ele identifica com a que José Carlos Rodrigues descreve sob o numero 1.086.

Entretanto quem se der ao trabalho de comparar o titulo do folheto que o Dr. José Hygino traduziu, constante da pagina 121 do vol. 28, tomo IV, da Revista do Instituto Arqueologico e Geografico Pernambucano, com as especies descritas por José Carlos Rodrigues verá que não coincide na disposição das linhas com nenhuma delas. Entretanto são folhetos in-4.º de 28 paginas, tanto o exemplar que serviu ao Dr. José Hygino como o de n.º 1.086 da coleção Rodrigues.

Cabe perguntar: será uma terceira edição o do Dr. José Hygino? Ou apenas ele não copiou com toda exação o frontespicio? Fica a duvida para os biografos esclarecerem.

Para o nosso fim basta assinalar que o Padre Geraldo Pauwels e o Dr. José Hygino tiveram que traduzir o mesmo opusculo mas em edições diferentes, parecendo que a tradução que oferecemos ao publico agora é da primeira edição. Isto explicará pequenas divergencias entre as traduções. Aliás o Dr. José Hygino alude a erros tipograficos que corrigiu e comentou.

Esta edição precisava de alguns ligeiros comentarios para a boa compreensão do texto, mas isto nos levaria longe e é pequeno o espaço de que dispõe esta Revista. Demais seria tambem refazer um trabalho que o erudito professor pernambucano já fez com admiravel competencia e grande senso critico.

Daqui quero fazer agora um apelo ao Revmo. Padre Geraldo Pauwels: continue na tarefa de pôr em vernaculo opusculos como este d'A Bolsa do Brasil que o seu nome jamais será esquecido, passando á mais remota posteridade.

E' a recompensa que a historia reserva aos seus cultores e áqueles que um dia lhe prestaram qualquer serviço desinteressadamente.

A BÔLSA DO BRASIL

Onde se mostra claramente o rumo que tomou o dinheiro dos Acionistas da Companhia das Índias Ocidentais

Impresso no Brasil, Recife, no Machado Largo—Ano de 1647

(Tradução do Pe. Geraldo Pauwels).

SENHOR, julgo conveniente fazer V.M. ciente do seguinte, para que possa ver a que triste estado temos sido levados já por culpa dos nossos pecados, já pelo governo ímpio dos nossos regentes.

Por exemplo

Que os senhores dêste governo, desde o princípio até hoje, não procuraram outra cousa senão encher a sua bôlsa. Empregando para isso todos os meios, e em particular o auxílio dos judeus e de outros homens inconvenientes e ávidos de lucro torpe. Os mesmos punham seu dinheiro em depósito, e procuravam presentes e gratificações que sempre aceitaram com grande impudência.

Que os senhores desta maneira foram levados e induzidos a firmarem contratos tão notáveis e importantes com João Fernandes Vieira, Jorge Homem Pinto, e muitos outros, para prejuízo indizível da Companhia e de todos os interessados. Assim os portugueses retiveram tudo nas suas mãos, não fazendo, sem necessidade, a ninguém nem á Companhia o mínimo pagamento, com o que também conseguiram ter nas mãos a faca, para cortar o pescoço, como agora estão fazendo.

Que êstes senhores sempre favoreceram mais os do povo portuguez e os estimaram acima dos nossos, concedendo-lhes assento no seu conselho, onde os neerlandeses, embora tivessem servido á Companhia em altos e qualificados cargos, tinham que ficar em pé, e nada sabiam dos segredos do conselho; pelo que os portugueses se tornaram extraordinariamente soberbos e se tomaram de ódio contra nós e o nosso govêrno. Zombando da simplicidade dos holandêses e do mau govêrno dêste estado, cujos segredos todos eram melhor conhecidos a êles do que a nós, e possivelmente melhor do que aos proprios senhores, que êles diziam poder predispor, por honrarias presentes, para todas as suas intenções, e até para as cousas mais torpes e inconvenientes.

João Fernandes Vieira costumava dizer, em substância:

— O diabo carregue os engenhos —, por os mesmos não poderem fornecer tanto quanto é preciso, para pagar os senhores, chamando os mesmos “vermes bêbedos” e “imbecís”; agradecendo a Deus, por terem ido embora V. Exce-lência junto com os senhores van Ceulen e Gijselijn; pois êstes tinham um bocado mais de critério e prudência, bem como respeito e autoridade do que “aqueles bebedinhos”.

Êstes senhores nunca promoveram um homem honrado para um cargo, para o qual poderia ser idôneo, deixando perecer de desespero gente de ânimo probo e reto, e confiando tudo a uma malta de vagabundos levianos que com lisonjear, adular e caluniar lhes passavam mel pelos beiços, para nos cargos que administravam, continuarem sem serem molestados, para grande prejuízo da Companhia que roubavam larga e valentemente.

Não ha conselheiro da fazenda que não vestisse todos os dias outra roupa, qual mais preciosa. E é para admirar terem os dezenove instituído aquela repartição que afinal é inútil nem serve para nada; pois as finanças dêste estado podem perfeitamente ser administradas e adiantadas por uma única pessoa experimentada que, não estando carregada de mulher e filhos — como o são estes vadios —, não havia de meter as mãos tão fundo na bôlsa da Companhia.

Os comissários são sem exceção pequenos condes: vivem, comem, bebem, vestem e aprontam-se como gente graúda, principalmente os que superintendem a artilharia, os víveres, as mercadorias e açúcares da Companhia; é tudo vestidos preciosos, mesa preciosa, cavalos, criados, etc. Donde tudo isso provém, que o medite a quem toca!

Os escriturarios dos livros da guarnição, os guarda-livros inferiores e outros que tais que com a pena procuram seu sustento, estão equipados do mesmo jeito, só que frequentam as tavernas um pouco mais do que o fazem os graúdos que, para se darem ao respeito, mandam vir tudo para as suas próprias casas, ou compram dos armazens sem dinheiro.

Não ha um miserável empregado da Companhia nas vizinhanças dos seus escritórios que não leve vida tão folgada como quiser.

E os senhores, mantendo seus próprios negócios em tão grande segredo que são conhecidos de todo o mundo, não podem castigar aqueles malandros, para que êstes, sendo melindrados, por vingança não denunciem e revelem seus próprios deslizes.

Não costumava passar semana, sem que no Recife e,

em particular, em casa do senhor assessor, se não dessem quatro a cinco banquetes, nos quais os senhores hóspedes se deixavam então encontrar na companhia antes de João Fernandes Vieira, Antônio Cavalcanti, Jorge Homem Pinto e outros portugueses, do que de alguns honrados neerlandeses; êstes, assim afrontados, não deixavam de pensar o que é verdade, a saber, que sôbre o vinho se pode perfeitamente agir e inquirir a situação e a disposição do seu partido, o que era a intenção dos traidores, como agora se vê bem pelos resultados.

Os passeios e os divertimentos não tinham fim, ao passo que os nossos honrados governantes anteriores mourejavam dia e noite e, não obstante, só a custo podiam desempenhar-se das suas variadas incumbências.

Os senhores naturalmente favoreceram mais do que todos os comerciantes, os seus dois respectivos filhos, quer fazendo a cobrança das dividas ativas, provindas frequentemente de letras que recebiam de outros em pagamento contra a Companhia e imediatamente eram pagas em dinheiro á vista; quer celebrando contratos firmes, bons e seguros que por boas razões sabiam não lhes poderiam resultar em prejuízo.

Todos os senhores de engenhos e lavradores holandeses no Brasil foram arruinados completamente no ano da revolta, devido a se não ter escrito em tempo por navios que poderiam ter levado os açúcares, de modo que enviámos para o Recife apenas tantas caixas de açúcar quantas eram precisas para o pagamento das nossas despesas feitas e que então foram vendidas por pouco mais de nada e pela metade se sumiram em despesas; o resto ficou nos engenhos, onde — que desgraça! — caíram nas mãos do inimigo e se perderam junto com os nossos mais bens.

A rebelião que então rebentou em Pernambuco e todos os outros lugares, já tinha sido resolvida havia mais de três anos, a saber, quando André Vidal a primeira vez veio cá com um recado frívolo e fictício, e exortou os lavradores, cujos chefes eram João Fernandes Vieira e outros, a apresentarem seus serviços ao rei de Portugal.

Depois do que Vidal foi embora, e, passados poucos dias, um padre de São Bento, de nome Frei Estêvão, foi enviado, por Vieira e os outros, ao reino, afim de tratar do negócio conforme o agrado dêles com o rei; para isso o presentearam com uma soma de 30.000 florins, além de todas as despesas que se fariam para a viagem, durante e depois dela.

Frei Estêvão faleceu em Portugal, sem poder dar recado da sua negociação aos moradores.

E em seu lugar André Vidal foi com cartas de Portugal mandado de novo vir cá da Baía; e foi pelos senhores permitido entrar, por êle dizer que estava de viagem, para se transferir ao reino, e vinha apenas despedir-se do seu velho pae, que era um pobre marceneiro, morador da Paraíba, com quem êle se importava tanto como eu com ver o rei do Congo.

E sob este pretexto foi primeiro para a várzea e os engenhos de João Fernandes Vieira, onde lhe foram ao encontro cincoenta dos principais moradores de cêrca uma milha de caminho; aí demorou cêrca de oito dias, durante os quais agradecia aos moradores em geral e em particular, em nome do rei e do governador da Baía, pelo zêlo que mostravam ter, por se libertarem e sacudirem o jugo dos neerlandeses, e resolveu com João Fernandes Vieira, Antônio Cavalcanti e outros moradores nobres sôbre o tempo e os meios de levar a efeito êste plano.

Feito isso, transferiu-se para a Paraíba, afim de executar aí semelhante comissão; o que realizado, voltou, para dar recado dos seus feitos a Vieira e os outros, ficando ainda largo tempo com os mesmos.

Indo-se depois embora, levou como também tinha feito na sua primeira missão grande quantidade de jóias, ouro e prata, pertencente a João Vieira, afim de tê-lo seguro para qualquer eventualidade na Baía (pois apesar de tudo o negócio aqui poderia não resultar bem); igualmente levou grande soma de dinheiro que, para assegurar sua reta disposição, remeteu ao governador, para recrutar povo.

Quando Vidal desembarcou, gritou no mercado um português alto e bom som, dizendo na presença de muitos dos principais judeus: — Deus cegou os olhos a êstes senhores, deixando desembarcar este cachorro que não traz outra intenção, senão sublevar e revoltar todo êste estado —.

Depois da partida de Vidal, João Fernandes Vieira e Antônio Cavalcanti, com mais outros portugueses, sempre andavam rixando, um censurando e processando o outro, ultrajando-se ignominiosamente, só para nos adormecerem e tirarem aos neerlandeses todas as suspeitas acêrca da sua já iniciada conspiração.

Os cristãos e judeus que moravam fora do Recife no campo, os próprios papistas, deram ao Conselho Supremo mais de mil avisos do que ouviam falar á surdina e chegavam a saber de alguns que duvidavam do bom resultado desta traição: mas tudo foi de balde. Pelo contrário, man-

daram-se as cartas de aviso áqueles que eram acusados, como a de Jacob Dasne, o qual por isso teria sido enforcado pelos portuguezes, se o fiscal dêstes tal não tivesse impedido. Tambem Gaspar Francisco da Costa deu bons avisos, e vários outros — mas de balde.

Despachavam-se com palavras enfadadas e injuriosas os que traziam tais notícias.

Os senhores enviaram o senhor de With á Baía, para, sob pretexto de transmitir cumprimentos, fazer algumas indagações e obter algumas notícias. Mas em vão, porque não tinha aí pessoa alguma conhecida nem partidário, para poder obter notícia de cousa alguma. Voltou para casa tão sábio como quando partiu, tendo que comunicar mais da boa vida que tinha levado na Baía, do que qualquer outra cousa que pudesse servir para nossa instrução.

Tendo os senhores concebido algumas suspeitas mais veementes, mandaram prender alguns portuguezes. Vieira, vendo isso, fez sua trouxa e mudou-se com um troço de gente para a mata. E não obstante isso os presos, que agora, sem perigo de suas pessoas e de seus planos, confessavam cousa alguma, não só foram soltos, mas até favorecidos com alguns lotes de negros que receberam contra três pagamentos a realizar em três anos, como reparação, por assim dizer, de sua honra, diminuida por terem suportado esta prisão imerecida. Atualmente estão com o inimigo e até como chefes de govêrno, como João Carneiro de Mariz e Francisco Dias Delgado em Ipojuca, assim como Antônio de Bulhões em Santo Amaro, com outros mais. Tivessem os mesmos sido retidos aqui, bem teriam servido para trocá-los por nossos soldados e officiais que em 17 de agosto tão ignominiosamente foram presos e agora diariamente são assassinados com sangue frio pelos tratantes.

A fôrça do inimigo é de mais de dezoito mil homens, conforme a lista.

Os nossos navios estavam mal tripulados, os fortes mal cuidados, não tinham chefe na milícia, nem podiam receber refrescos; além disso vão os Altos Conselheiros e destroem o bello jardim de S. Ex., sem motivo nem razão, pelo que se nos tira o refresco que dêle poderíamos ter abundantemente. Falsamente se põe nas atas que a comuna o pediu, como se a gente se quisesse tirar mesma a vida. Por estas e outras ações não sabiamos senão que estavamos vendidos, para sermos entregues. Receavamos também que nos envenenariam a água nas "Cinco Pontas" e nos poços salobros.

Enfim, tudo se ha de perder, a não ser que os senhores

Estados e governantes nos socorram já e já o mais depressa possível com gente, navios, dinheiro, pólvora e chumbo, todos os petrechos de guerra e munições; pois tudo falta aquí; não, porém, tanto como regentes bons e honestos que Deus nos queira enviar! Nem acabar-se-ão estas guerras, sem divertir o inimigo por um ataque contra a Baía que agora está totalmente desguarnecida e fácil seria de conquistar, o que seria acontecimento desejável e prosperidade perpétua para a situação da nossa cara pátria e da Companhia. Porque doutra forma sempre seremos traídos pela nação portuguesa, por não haver ninguém que nutra intenções sinceras para conosco ou com nosso governo, procurando êles enganar-nos a nós todos com adulações e expulsar-nos do país.

E' absolutamente certo que o inimigo, não podendo realizar seu plano de conquistar a terra, ha de destruí-la de maneira tal que já não parecerá a mesma. A cana se pode queimar, o cobre fundir, o gado completamente aniquilar e consumir por uma tão grande multidão de povo; e neste caso a Companhia e todos os particulares estão arruinados e sem meios de restaurar qualquer cousa ou cultivar de novo, porque hão de levar embora para si sem dúvida alguma quantos negros puderem. Tudo isso, porém, deixarão de fazer com certeza, se por uma repentina e inesperada marcha contra a Baía forem obrigados a retirar-se em fuga.

Para isso Deus dê os meios e sua bênção! E vá bem!

Breves Indicações do prejuízo que a Companhia das Índias Ocidentais está sofrendo, por causa do mau e negligente govêrno dos senhores Altos Conselheiros no Brasil: os senhores Henrik Hamel, Adriaen van Bullestraten, e Pieter Jansz (= Janszen) Bas. Assim perdoando dívidas ativas por aceitarem presentes e donativos, pois daí vem que não podem exigir as quantias vencidas, tornando-se estas assim, com o tempo, dívidas perdidas; isso se pode ver pelas listas que existem a respeito.

Por vinte e oito navios carregados que pararam no porto, um pelo outro, 64 1/2 meses e deveriam estar surtos — segundo o costume ordinário — só 19 1/2, a três semanas por navio —, de modo que demoraram 45 meses demais; contando um pelo outro, a 1.500 florins por mês, resulta para a Companhia um prejuízo de 67500-0-0.

Por várias ordens a diversas pessoas, que, por não terem sido executadas devidamente, com o tempo se tornaram divi-

das: vem a ser para os oito anos vencidos de 1638 a 1645, em pagamentos diversos, como a lista especifica	1291989-16
Para sete anos, a serem vencidos de 1645 a 1651, em diferentes pagamentos, como consta pela lista	158796-0
	<hr/>
Importam estas duas somas em	1450785-16-
	<hr/>
Por engenhos vendidos a diferentes pessoas em diversos pagamentos que não entraram — pois foram perdoados por causa de presentes e donativos — e com o tempo se tornaram dívidas perdidas: dá para os oito anos que se venceram de 1638 a 1646	1829602-15-0
Importa para os seis anos a serem vencidos de 1646 a 1651 em	134200-0-0
	<hr/>
portanto somado	1963802-15-0
	<hr/>
Ganho por execuções de diferentes pessoas nos anos de 1642 e 1643 mas não pôde ser cobrado	250291-12-0
Por alugueres no Recife vencidos nos anos de 1642 e 1643	332250-0-0
Ainda do ano de 1643, de 1.º de janeiro até último de dezembro	27000-0-0
Ainda do mesmo ano de 1643	44000-0-0
Estes rendeiros devem aos filhos dos Altos Conselheiros, pagos da renda que assim é subtraída á Companhia	403250-0-0
Por contratos, como alugueres no Recife no ano de 1642, de diferentes pagamen-	

tos, mas que não entraram, por serem perdoados contra presentes e donativos e aos poucos se tornaram dívidas perdidas, pelo mudarem os devedores uns para a Baía outros para Portugal . .	379543-0-0
Por gêneros secos e molhados, comprados pelos Altos Conselheiros seguramente pelo triplo do preço que se paga na pátria, pelo que a Companhia com certeza fica lesada por um terço; isso poderia ter sido evitado, se em tempo se tivesse dado aviso a respeito aos Dezenove: como consta pela lista	272023-11-0
Por farinhas para a câmara da Zelândia, pelo navio Bordieux, como se vê pormenorizado na lista	9553-1-0
Dos comerciantes de escravos, pelos negros entrados e vendidos no ano de 1642: por 3040 negros	1086146-1-0
No ano de 1643: negros vendidos 3428 . . .	700480-4-0
No ano de 1644: negros vendidos 448 . . .	93500-8-8
Desta soma não entrou a terça parte, de modo que a Companhia sofre o prejuizo de	1880126-12-0
Pelos negros domésticos empregados pela mor parte inutilmente nas casas dos serventes da Companhia e geralmente desaparecem, por serem declarados mortos	112500-0-0
Por casas e heranças no Recife, vendidas a diferentes pessoas e ainda não pagas, perdendo com o tempo seu valor: importa para o ano de 1641 em	257053-15-0
Para o ano de 1642, como consta da lista .	143600-0-0

Dá a soma de	400653-15-0
Por fretes marítimos	210427-14-0
Desta importância o tesoureiro responde por	115893-0-0
(que se olhe por onde ficou esta quantidade), restando, pois	994544-14-0
Pelos passageiros que com os navios vieram e se foram, desde o ano de 1642	
Pelo comissário que fica devendo	46666-14-0
Pelos fretes dos navios que arribaram no ano de 1642, até 17 de fevereiro, como consta da lista	384135-9-0
Por mercadorias não pagas á Companhia, pelo navio "Blauwen Boer" (=Lavrador Azul) como consta pela lista	22900-14-0
Por resíduos de reconhecimento e avarias dos açúcares enviados para a pátria e carregados pelos navios "Groenwijn" (=Mulher Verde), "Erasmus" e "Snoek" (Lucio)	11668-10-0
Por navios vindos da pátria, desde 17 de fevereiro de 1643; deve-se procurar quando chegaram e quando partiram	
Soma total	<u>7752946-14-0</u>
Nestes sententa e sete tonéis de ouro consiste o capital inteiro da Companhia, dos quais a Companhia não ha de receber dez tonéis de ouro.	
Pela administração na Angola, de 17 de novembro de 1641 até 17 de setembro de 1642, os diretores receberam	753012-11-8
e gastaram	398954-18-0
Resto	<u>354047-13-8</u>

Se a Companhia se não importa com tal resto, deixo ao juízo de homens sisudos.

EXTRATO

Recebidas de Jan van Rasenbergergh 480 barricas e 26 tonéis pequenos de Flor Francesa (farinha), pesando líquido 239700 libras, a 3 1/8 stuivers a libra, importa em 40449-7-8

E foram distribuidas á guarnição a 2 1/8 stuivers, importando, pois, a perda na mencionada farinha na soma de . . . 14881-5-0

Recife, aos 13 de outubro de 1643.

Quando o comissário Sweerts, por haver queixas a respeito do pão, teve que trazer uma prova a S. Exa., viram que, ao cortarem o pão, se encontraram ainda grandes pedaços de castanhas. De fato de o próprio comissário reclamar que a farinha não absorvia água nem se aglutinava, se pode deduzir á suficiencia a qualidade da farinha que os governantes da Zelândia, para seu proveito particular, venderam por seu representante Jan van Rasenbergh á Companhia Geral. Mas quem hade entrar pela perda e pelos dissabores causados por tal farinha, isso resta ainda considerar.

C Ó P I A

Lista dos Contratos celebrados no Brasil com diversas pessoas, pela qual se pode ver que fiador cada contratante apresentou e que presentes deu.

Lourenço Petit, contratador da soma de 19.921 fl. 10 stuivers, pagável em três prestações, a primeira em janeiro de 1645 e assim adiante ano por ano. Possui apenas dois negros, sem partido, nem eira nem beira; seus fiadores portugueses são dois vagamundos que andam pelo sertão como mascates.

Amaro Lopes Madeira, devia a particulares, não á Companhia, 28.496 fl. 10 st., pagáveis nos três anos próximos seguintes. E' lavrador; seus fiadores são pobretões e crivados de dívidas. Deu presente 3.000 fl. em letras.

Diogo Fonseca Lemos, devia a particulares 43.840 fl., pagáveis como supra. O contratador possui um engenho

arruinado, de terras imprestáveis, não tem pessoal, senão apenas uma negra. E' um pobretão; seus fiadores, exceto Francisco Carvalho, são pobres como Job. Deu de presente 7.500 fl. em letras.

Paulo d'Almeida de Sousa, devia a particulares 53.336 fl., pagáveis em três prestações, a se vencerem como supra. O contratador é um pobrete; do moinho que comprou faz mais de dois anos e atualmente possui, não pagou um real, de modo que o proprietário tenciona retomá-lo. Seus fiadores são seus próprios três lavradores que não possuem, cada um, mais de cinco a seis negros. Deu de presente 4.000 fl.

Jorge Homem Pinto, fez dois contratos. Pelo primeiro cabem á Companhia 340.403 fl. 6 st., que já foram recebidos; pelo segundo contrato 937.997 fl. st.; soma 1.278.400 fls. 19 st. Desta importância devem ser realizados primeiro os pagamentos do primeiro contrato, antes de começar o segundo, como também se está fazendo expirando o primeiro em 1645. Os pagamentos do segundo contrato devem ser feitos nos seis anos seguintes. O contratador possui muitos engenhos; seus fiadores são bastante bons. Mas a soma, em comparação com as posses dos mesmos, é seguramente pela metade demais. Ele trouxe consigo da Paraíba 27.000 fl. em jóias, em tanto taxadas por seu valor, pertencentes tanto a êle como a seus lavradores; deu-as de presente tanto em espécie como em dinheiro, e além disso 23.000 fl. em letras. Alguns falam em mais ainda.

Gaspar Ley, devia tanto a particulares como á Companhia 130.785 fl. st., pagáveis em quatro prestações, das quais a primeira se vence em agosto de 1645. O contratador é um pobretão; pois o que possui, deve ainda. Seus fiadores é gente ruim que nada possui; entre êles um padre chamado Belchior Garrido, que tem dois a tres negros e, além disso, só o que ganha com sua missa diária.

Abraham Tapper, deve tanto á Companhia como outros, 27.000 fl., pagáveis em açúcar, a 125 caixas por ano, principiando em 1647. O contratador pagou do seu engenho apenas 6.000 fl., devendo ainda todo o resto, nem possui coisa alguma fora do engenho; seus fiadores são pobres.

Manoel Fernandes Cruz, deve, tanto á Companhia como a outros, 60.795 fl., pagáveis em três prestações, principian-do a primeira em janeiro de 1645. O contratador comprou o engenho, em que mora, faz mais de dois anos, de Antonio Lopes de Moura, a quem deve ainda o referido engenho; tem do seu próprio pouco ou nada. Um dos seus fiadores,

a saber, Manoel Gomes da Fonseca, tem bastante recursos; mas o outro, que é seu cunhado, não possui nada. Deu de presente 10.000 fl. em letras.

Bartolomeu Lins de Albuquerque, por D. Maria d'Oliveira, sua mãe, devia a particulares 37.146 fl. st., pagáveis como supra. Este contrato pode passar, por D. Maria a mesma ser rica, e os fiadores dela bem poderem ser aceitos por aquela soma. Deu de presente 1.500 fl. em dinheiro contado e 3.000 fl. em letras.

Antônio Barbalho Bezerra, devia a particulares 124.310 fl., pagáveis como supra. O contrato de algum modo seria bom, se a soma não fosse demasiadamente grande nem o prazo para pagamento tão curto. Os fiadores são homens abastados. Deu de presente em dinheiro contado e letras 12.000 fl.

João Lourenço Francez, deve tanto a particulares como á Companhia 84.509 fl., pagáveis como supra. O contratador tem bastantes recursos; seus fiadores são três, sendo um advogado que não possui nada, e os outros dois pobres. Deu 13.000 fl., 10.000 ao sr. Codde, e 3.000 a outros.

Francisco Camilo Valcassar, deve á Companhia 10.325 fl. st., a particulares 149.879 fl. 17 st.; soma 160.205 fl. st., pagáveis em três anos. O contratador possui um engenho; seus fiadores são bastante ricos. Deu de presente 15.000 fl., tanto em dinheiro contado como em letras.

Jerônimo Cadena, deve a particulares e á Companhia 215.724 fl., pagáveis em três anos, vencendo-se o primeiro pagamento em agosto de 1645. A soma é muito grande para o contratador e seus fiadores, embora sejam para o Brasil homens de bastantes recursos. Deu de presente 18.000 fl., tanto em dinheiro contado como em letras.

João Tavares de Matos, devia a particulares 35.994 fl. 10 st., pagáveis em três prestações, vencendo-se a primeira em janeiro de 1645. O contratador e seus fiadores são pobres. Deu de presente 3.000 fl. em letras.

Manoel Cavalcanti, devia a particulares 40.763 fl., pagáveis como acima. O contrato é bastante bom, em relação com os fiadores. Deu de presente 4.000 fl. em letras.

Jan Cornelissen Jongeneel, devia a particulares 39.474 fl. 10 st., pagáveis como supra. Tem só um fiador e deu de presente ao sr. Codde um cavalo de 800 fl.

Os Altos Conselheiros, aportados do Brasil agora faz algum tempo a estes países em navios vazios, negarão fortemente estas cousas, por saberem que os portugueses se re-

voltaram, da maioria dos quais se poderiam obter os melhores testemunhos a respeito do que tem acontecido.

Caso, porém, aos altos Poderosos aprouver inquirir bem e insistentemente esta gente, é de crer-se que a própria consciência os ha de trair. E dizendo a fama, sabida do país inteiro, que os regentes e seus cúmplices por sua má administração causaram perda tão grande da Companhia e de muitos dos honrados habitantes dêste estado: por isso o governo dêstes países de certo tem razões de peso, para se assegurar dêles, pelo menos detendo-os, afim de devidamente devassar tudo a seu respeito, mesmo que fosse só para dar uma satisfação ao mundo, na suposição de êles serem inocentes — o que todavia de forma alguma são.

Muita gente observa que estes trapaceiros são ainda preferidos e favorecidos até por governantes: do que só se pode deduzir (como se narra no "Breede Bijl") que a maioria dos governantes participou na presa.

E alguns que sabem de cousas, vendo isso, se retiram; pois não lhes convém perder o pouco que ainda tem, contra as muitas posses dos referidos governantes num processo. Todavia serão encontrados bastantes — caso forem chamados para isso pelos Altos Poderosos — que farão revelações valiosas de fatos, nem faltarão homens, para trazer á luz as histórias podres dêles, mesmo que fôsse só a metade; pois não se hão de descobrir todas as traficâncias, de modo que se pudesse saber de tudo. Mas se sujeitarem esta gente — que o mereceu dobradamente — a exame mais apertado, não faltará que se revelem ainda muitas prevaricações.

Aqui não vai nenhum artigo que lhes não possa ser repriminado rigorosamente, porque os não poderiam negar sob juramento, a não ser que não tivessem respeito dêle.

O firmarem contratos nefastos e prejudiciais, para seu proveito particular e para ruína da Companhia e de tantos dêstes moradores — não devem responder por isto? Que espécie de bom procedimento poderá ainda aparentar esta gente sob cujo governo dominaram só traficâncias? Mas a cubiça cegou-lhes os olhos e os fez esquecer toda a honradez. Ou não se devia bastante á Companhia, como se pode ver? Não tinham os parvos com isso o bastante para cobrar? Não obstante vão êles ainda ser fiadores para insolventes profissionais, para pagar suas dívidas e de boas fazer más dívidas!

E' de admirar que se encontrem ainda governantes que sabem enfeitar isso como se fôsse bem feito. Por isso pode-se suspeitar que êles pelo menos teem participado e por seus agentes — os filhos dos Altos Conselheiros — teem sabido

cobrar algumas dívidas perdidas para roubar (a soma correspondente) perfeitamente á Companhia e seus acionistas.

E' prática que se fica fiador com seu próprio dinheiro; mas vários agentes souberam quanto a isso tirar o corpo, para não viverem continuamente neste perigo, em particular agentes que não tinham mais de 5 % por suas cobranças. A fim de não ficarem fiadores por nem cem florins, procuraram gente que não tinha muito que perder, como um certo Michiel van der Vennen que antes tinha falido; êste então declarava que os contratantes eram devedores seus e êle ficava fiador, pelo que tirava 5 % e passava então as letras a seu legítimo dono; êste então percebia o dinheiro ou fazia o encontro das dívidas. Não está a Companhia bem servida com tais fiadores? Não se pode aqui notar claramente a prevaricação e a má administração.

Esta boa gente alega e julga ter cumprido duplamente bem suas obrigações, por virem com os livros bem encerrados; mas o que não está por liquidar em dívidas a cobrar e perdidas, como se vê? Tivessem êles se esforçado por cobrá-las devidamente e feito entrar nos cofres ao encerrarem os livros, seria realmente de se estimar. Mas é lícito supor que êles e seus cúmplices se benzeram bem com estas dívidas a liquidar, porque frequentemente o dinheiro que os rendeiros deviam dar, se cobrou para sua conveniência particular ou a dos seus filhos; a Companhia que se arranjasse!

Não foi na Paraíba, no engenho de Francisco Camelo, que Hamel em caixas de açúcar que lá estavam para particulares, fez apagar as marcas, alegando que aquela pessoa devia á Companhia e por isso marcava as caixas para a Companhia, mas depois fê-las desembarcar para seu proveito particular? E quando Camelo foi perguntado, se devia á Companhia, declarou que não, mas que isso não tinha importância para os "Senhores".

Gaspar Dias Ferreira recebeu sua sentença justa, por ter delinquido em prejuízo deste estado e conquista. Seria para desejar que também esta gente recebesse seu merecido castigo conforme a justiça!

Bullestraten continuou como representante do referido Ferreira, bem que se dissesse que era seu filho; mas por sua autoridade e impudência se executaram muitas coisas ilegítimas em prejuízo de homens honrados e proveito do já mencionado Ferreira.

Desta forma êles mesmos ajudaram a afiar a faca, com que se nos cortou o pescoço. Não é de estranhar que os cidadãos não confiavam nos seus regentes, tanto mais que

tinham recebido tantos avisos antes de começar a revolta; mas os que davam estas denúncias, foram tratados deslealmente, mandando-se as próprias cartas ás mãos dos traidores que por isso tencionavam eliminar aquelas pessoas. Realmente, é lícito crer — nem é sem razão — que o próprio governo procurou perder tudo, para não ficar com responsabilidade (a saber das traficâncias).

Os maiores velhacos e traidores eram os mais estimados pelos senhores. Nem podiam castigar um delinquente, em particular os que tinham perpetrado faltas não pequenas e sabiam das suas práticas, por medo que estas fôsem descobertas.

João Fernandes Vieira, o maior traidor, era o mais bem visto por êles; pelo que entenderam dar-lhe, em 31 de maio de 1641, um abatimento sobre o décimo que tinha arrendado, no modo que segue:

abatimento em Pernambuco	28640-0-0
sobre a pensão da mesma capitania	5200-0-0
sobre décimos de Tamarica	4160-0-0
	<hr/>
Soma do abatimento	38000-0-0

Não pode haver boas sobras, por ter concedido tal abatimento?! No mesmo ano, em 17 de junho, se fez abatimento a Moisés Navarro, sobre os décimos da Paraíba, que êle tinha arrendado por 31.000 fl.

16.000 fl. do décimo de Pernambuco
20.000 fl.
<hr/>
36.000 fl. de abatimento.

Realmente, a perda, por causa da qual se deu este abatimento, não seria de estimar tanto; mas os senhores preferiram sofrer o prejuízo a informarem-se devidamente a respeito.

Passaram muitas letras em proveito dos seus filhos. Hays Dirksen, pedreiro a serviço da Companhia, pode dar boas informações a respeito. O referido Hays Dirksen, por ter trabalhado além da hora estipulada, ganhou em cinco meses de salario extraordinário — como o chamam — 1.675 fl. 4 st., etc. Um bom mestre que não tem contrato, teria que trabalhar para isso um ano inteiro, para ganhá-lo. Mas isso que a Companhia o aguentasse, já que tem que dar a

comida a tantos mandriões, sobrinhos e sobrinhas de governantes. Bullestraten queria também auxiliar a seus amigos!

A letra passada em 24 de Maio de 1642 a favor de Jorge Homem Pinto, é de 30.000 fl., que lhe deram além do que tinham aceitado pagar por êle; foi uma velhacaria engenhosa. Pois Jorge Homem não tinha dinheiro contado que no momento pudesse dar de presente aos traficantes, mas da-quele jeito pôde ser arranjado. Por isso Hamel e Bullestraten o auxiliaram, indo em pessoa com êle ao tesouro, quando se contou o dinheiro. Quando então Jorge Homem quis dar de presente dois "portugueses" aos tesoureiros êstes não os quiseram reter e deram-nos a um diácono, em benefício dos pobres. O mesmo, porém, os Altos Conselheiros não fizeram, preferindo ficar com o dinheiro. A corrente de ouro que Jorge Homem deu de presente a Bullestraten, foi feita em Amsterdão e custou 700 fl. As 80 libras de prata, que também deu, foram recolhidas de diversos. Com o comprar mercadorias de particulares em prejuízo da Companhia se perpetraram não pequenas traficâncias. Pois em tal caso os senhores sabiam deixar saber os seus filhos o que tencionavam comprar; estes então açambarcavam todas as provisões e, logo em seguida, os paes o compravam com grande lucro para os seus filhos. Como desta maneira não poderia ficar rico um miserável pé no chão! De 12 de fevereiro de 1642 até 30 de outubro de 1643 os Altos Conselheiros compraram pelo comissário Frans de Sweerts víveres por 370.086 fl. 15 st., pelo comissário David de Solemne — desde 1.º de maio de 1642 até 16 de janeiro de 1644 — fazendas na importância de 53.382 fl. 4 st.; para equipamento desde 16 de outubro de 1642 até 28 de outubro de 1643, por 39.209 fl. 8 st. Nestas listas e como vendedores daquelas mercadorias encontram-se as mais das vezes os filhos dos Altos Conselheiros; mas por vergonha fiseram aparecer muitas vezes os nomes dos seus sócios, a saber Colue e Verdion, para não ser percebido que tudo vinha dos seus filhos.

Leitor benévolo, fôssemos contar todas as trapaçarias completamente iguais que foram cometidas, seria preciso muito papel, e poderíamos abusar da vossa paciência. Lede no "Breede Bijl" e acreditai que tudo é de fato assim como aí se conta; estas indicações podem servir de testemunho da sua obra.

Nem é silenciado, mas leva-se ao conhecimento dos Estados Gerais; é também de esperar que receberão o merecido castigo os que os bens de tantas viúvas e órfãos e o sangue de tantos honrados moradores tão levianamente mal-

baratarem para seu próprio torpe lucro e ainda o fazem dia por dia. Se não merecem castigo os que em seu proveito particular modificam atas públicas do govêrno, as recortam e encaixam a seu talante, como se prova bem e claramente contra êles — isso deixo ao juízo de todos os que tem siso!

Não tem sido reduzido enormemente — depois da partida do conde — o que desde então em retôrno tem chegado, para com o mesmo poder prover os armazens? Não temos visto, aquí em Amsterdão e em outros lugares, que êstes se parecem com uma casa que é morta e antes tinha vida?

No Rio Grande não foi bem feito que se matassem os portuguezes pelos tapuias, comandados por um vagabundo impudente, Jacob Rabbi, que antes teria merecido a fôrça do que um comando? Que se tomassem aí alguns em refém, levando-os para o castelo, para depois tirá-los de novo e matá-los friamente? Tal fato foi causa de se revoltarem os da Paraíba, que sem isso bem o teriam deixado de fazer. Devido a este acontecimento, quando começou, Bullestraten estava no Rio Grande; não poderia a sua sabedoria, ao admitir tal coisa, imaginar que nos haviam de trazer prejuízo?

Resta-nos agora apenas desejar que o Senhor Deus se digne abençoar a obra começada pelos Altos Poderosos, e que tudo seja dirigido sob a administração dum chefe capaz e distinto, que saiba não só conquistar a terra, mas também conservá-la e pô-la em bom estado, para com isso obter bons resultados. Pois devastar a terra, ou ganhá-la devastada isso não serve a êste nosso estado. Pelo que é preciso um chefe tal que os moradores possam nêle ter a confiança lhes seja cumprido o que se lhes promete; pois doutra forma é de recear se retirem desesperados, devastando tudo, os que ainda estão pelo norte da Baía. Porque não convém expulsar todos os portuguezes, exceto os principais autores da revolta; pois para não ficar tudo parado, deve-se manter a gente miúda, por conhecerem o trabalho que ainda não quis tomar sobre si nenhum dos nossos neerlandeses. Com isso é preciso uma boa redução no numero dos governantes e mais funcionários desnecessários que a Companhia mantém e dos quais boa parte pode ser dispensada; pois, em verdade, alguns governantes não prestam serviço dum *stuiver* pelo grandioso tratamento que percebem. Por isso diz muito bem o “Breede Bijl”: Como é simplório quem aquí pensasse que no Brasil não faz frio ou que as mulheres não queriam fiar. Da mesma forma também muitos governantes não sabem de que o Brasil precisa ou em que situação se encontra o

estado. Por isso é sumamente necessário que os Altos Poderosos ponham mão á obra e consigam um colégio de quando muito vinte pessoas ou cousa que o valha, afim de que êles possam ver, onde e por quem se cometam os abusos, os quais doutro jeito pela multiplicidade das pessoas ficam desfigurados e escurecidos, como já se observa e tem observado nessa reunião dos Dezenove, a saber, que se procura perdoar todos os excessos e velhacarias cometidas, que são tais que — a não serem castigados pelos homens — devem desgostar a Deus, de modo que seria de recear um castigo cáia sobre um estado inteiro.

O Brasil então não pode durar sob um govêrno qual tem existido por algum tempo. Pois que homens quereriam sujeitar-se-lhe, onde não se faz outra cousa senão banir, mandar embora, etc., gente honesta, e isso não com razões de direito mas de paixões e fins particulares. Caso nos ficar seguro o Brasil sem termos que recear dificuldade alguma dos moradores, então os engenhos serviriam bem á nossa nação holandesa, com aqueles serem seus proprietários. Deste modo os portuguezes comuns ficariam sujeitos aos holandeses, como agora aos portuguezes; pelo que o nosso estado estabelecer-se-ia mais firme e seguro. Mas como se disse, quem de algum modo está bem assentado, não terá vontade de se levantar, para se pôr debaixo de tal govêrno. Mas se os Altos Poderosos reservassem para si toda a decisão no pôr os regentes, e permittissem mais liberdade do que dá a Companhia, seria lícito esperar que o Brasil pudesse ser levado a tornar-se outra república neerlandesa, por ser região de clima muito bom e saudável, onde se poderiam alimentar mui facilmente muitos milhares de homens. Por isso é para estado sumamente necessário manter aquela terra, não permitindo que seja perdida. Pois, guardando o nosso inimigo a paz só enquanto nisso vir proveito, dêle não a devemos esperar para mais tempo do que Deus a der; e para tal caso nós estamos com os olhos abertos em todos os recantos do mundo, para poder fazer diversão aos planos do inimigo e fazer dano ao mesmo no seu mar do Sul da Índia e mais lugares.

Onde afinal os governantes teriam deixado as remessas de retôrno que segundo a lista junta vieram de lá? Aos acionistas creio coube apenas a menor parte delas. Não é uma vergonha que por tais trapaceiros se arruinou a terra e o que dela se poderia ter tirado?!

NOTICÍA do que saiu do Brasil como carga de retôrno para a Companhia das Índias Ocidentais, desde 25 de março

de 1637 até 8 de março de 1640, com 83 navios, tanto do Recife como da Paraíba.

7.417 caixas de açúcares brancos: 154.357 arrobas, a 30 libras a arroba; 4.630.731 1/2 libras, contando um pelo outro 14 stuivers a libra	3241512-11-0
2.740 caixas de mascavados: 56.912 arrobas, a 30 libras; por 1.707.360 libras, contando um pelo outro a libra a 9 stuivers	768312-0-0
1.228 caixas de penelas: 28.224 arrobas, 28.224 arrobas, 846.720 libras, a 5 stuivers	211680-0-0
1.400.626 libras de pau brasil, a 6 stuivers a libra	350156-10-0
Soma	4571661-1-0

Pelos supra mencionados navios veio para particulares:

16.383 caixas de açúcar branco	347.059 arrobas
7.346 caixas de mascavado	155.270 arrobas
1.159 caixas de panelas	42.349 arrobas

25.588 caixas.

Frete e imposto, um pelo outro, 122 fl. por 2 caixas para a Companhia	1432928-0-0
Haveria 10 % por tonelada de carga pelo menos 3 fl. cada caixa	76764-0-0
Soma	6081353-1-0

No ano de 1640, em 15 navios, para a Companhia:

1.269 caixas de brancos, 378 1/2 de mascavados, 31 de panelas: contando 600 libras por cada, dão: brancos 1.161.400 libras, a 9 st.	522630-0-0
mascavados 226.800 libras, a 7 st.	79030-0-0
panelas 18.600 libras, 5 st.	4650-0-0
Soma	606310-0-0

Nos ditos navios para particulares:

4.473 caixas de brancos, 6.363 caixas, a 56 fl. de frete; 1.767 de mascavados e imposto	345328-0-0
123 de panelas havraia, a 3 fl. por caixa	18989-0-0
5 tonéis pequenos de doces tabaco	979627-0-0

No ano de 1641 saíram do Brasil cinco frotas, contando 40 navios e trazendo para a Companhia:

2.097 caixas de brancos, 600 libras a caixa:	
1.258.200 libras, a 10 st.	629100-0-0
571 mascavados, 600 libras a caixa: 342.600 libras, a 6 st.	102780-0-0
78 panelas, 600 libras a caixa	11700-0-0
Pau Brasil 172.700 libras, a st.	43175-0-0
15 balas de cochonilha, pesando 2.017 libras, a 24 fl. a libra	48408-0-0
Uma caixa de anil, de 25 arrobas a 30 libras; 750 libras a 10 schelling	2250-0-0
3.466 dentes de elefante, 71.039 libras; a 40 grooten a libra	71039-0-0
Cobre, 24.937 libras, a 10 st.	12418-0-0
Item, ainda dentes de elefante: 3.865 libras a 40 gr. a libra	3865-0-0
	<hr/>
Soma	924735-10-0

Para particulares:

9.603 caixas de brancos a 600 libras,	
5.761.800; 3.836 caixas de mascavados a 600 libras, 14.497 caixas: 56 fl. a caixa	711832-
1.058 caixas de panelas a 600 libras; avaria: fl. por caixa	43491-
	<hr/>
	1680058-10-0

19 tonéis pequenos de doces, a 55 arrobas; 10 ditos de tabaco, a 139 arrobas; 200 couros; saquinhos de ouro; 14.676 libras de cobre; 29.389 libras de pau vermelho.

No ano de 1642 vieram 4 frotas, com 29 navios, trazendo para a Companhia:

2.896 caixas de brancos; 61.319 1/2 arrobas, a 30 libras; 1.839.585 libras, a 9 st.	827813-5-0
661 caixas mascavados; 14.294 arrobas, a 30 libras; 428.820 libras a 6 st.	128646-0-0
138 caixas de panelas; 2.610 1/2 arrobas, a 30 libras; 78.315 libras a 4 1/2 st.	17620-17-8
Pau brasil: 140.599 libras a 5 st.	35149-15-0
Dentes de elefante, 38.601 libras, a 40 gro- oten	38601-0-0
Cobre, 19.530 libras, a 10 st.	9765-0-0
Pau, 10.740 libras a 5 st.	2680-0-0
4 colubrinas	10552275-17-8

Para os particulares:

6.690 caixas de brancos: 133.258 1/2 arrobas, a 30 libras; 2.013 caixas de mascavados: 42.429 arrobas; 8.893 caixas, a 56 fl.	498008-0-0
190 caixas de panelas: 4.261 arrobas; avaria a 3 fl.	26679-0-0
	<hr/>
	1579962-17-8

Doces: 163 arrobas, a 30 libras; tabaco: 1.194 1/2 arrobas; pau: 13.000 libras.

No ano de 1643 vieram 3 frotas, com 25 navios, trazendo para a Companhia:

1.213 caixas de brancos: 22.313 arrobas, a 30 libras; 669.402 libras, a 8 st.	267761-0-0
485 caixas de mascavados: 9.247 arrobas, a 30 libras; 277.425 libras a 6 st.	93227-10-0
580 caixas de panelas: 12.145 arrobas, a 30 libras; 364.357 1/2 libras; a 4 1/2 st.	81980-6-12
Pau brasil: 423.290 libras, a 5 st.	105822-10-0
Ouro: 1.327 marcos, 1 onça, 15 gr.; a 300 fl. o marco	398140-0-0
Dentes de elefante: 16.268 libras	8134-0-0
Uma caixa de açafão: 800 libras, a fl.	6400-0-0
	<hr/>
	961465-6-12

Para particulares:

9.470 caixas de brancos: 87.730 arrobas, a 30 libras; 3.237 caixas de mascavados: 63.119 arrobas, a 30 libras; 9 caixas de panelas: 171 arrobas: 13.716 caixas, a 56 fl. (de frete e imposto)	768096-0-0
Doces: 179 arrobas; tabaco: 1.794 arrobas; avaria, 3 fl.	41148-0-0
	<hr/>
	1770709-6-12

Cobre: 206 libras; pau palissandro: 11.400 libras; dito: 1.700 libras; uma caixa de livros; um barril de xarope; duas caixas de cobre

No ano de 1644, na frota, na qual veio S. Ex., de 12 navios, entrou para a Companhia:

508 caixas de brancos; 9.289 arrobas, a 30 libras; 278.677 1/2 libras, a 9 st.	95404-17-8
205 de mascavados; 3.958 arrobas, a 30 libras; 118.755 libras, a 6 st.	35626-10-0
97 de panelas; 2.107 arrobas, a 30 libras; 63.225 libras a 4 1/2 st.	14225-12-8
Paul brasil: 466.415 libras, a 5 st.	116603-15-0
Dentes de elefante: 34.741 libras, a 40 grootten	12320-1-0
Ouro: 1.600 marcos, 0 onças, 7 1/2 engels, a 300 fl.	481800-0-0
Pau jacol: 1.000 libras; pau amarelo: 1.885 libras; 2.885 libras, um pelo outro, a 4 st.	577-0-0
	<hr/>
	764557-15-0

Para particulares nos supra mencionados navios:

5.301 caixas de brancos: 109.619 arrobas; 2.006 de mascavados: 41.381 arrobas	410480-0-0
23 de panelas: 526 arrobas	21990-0-
	<hr/>
	1197027-5-0

7.330 caixas; fretes a 56 fl. por caixa; avaria: a 3 fl. por caixa.

Doces: 57 arrobas; tabaco: 1400 1/2 arrobas; 725 couros; diversos saccos com dinheiro.

A primeira soma importa em	6081353-1-0
a segunda	979627-0-0
a terceira	1680058-10-0
a quarta	1579962-17-0
a quinta	1770709-6-12
a sexta	1197027-5-0

Em recognições, percebidas sobre as merdorias despachadas para o Brasil, conforme durante algum tempo tem sido recebido: anualmente 250.000 fl., dando desde 1637 até 1644 2000000- -

Comboios e o novo imposto sobre o açúcar: anualmente: 350.000 2400000- -

Aqui não se tomam em consideração os proveitos sobre os navios fretados, os pagamentos das pensões dos passageiros, tanto dos que saíram como dos que tornaram, e mais outros lucros.

Alguns dos preços indicados aqui talvez sejam muito altos; mas em compensação muitos também ficam fora nem são indicados. Entretanto este belo capital tem entrado — mas que proveito tiraram dêle os acionistas? Nada, ou pouco, como também farão dos livros encerrados. Em verdade, é uma vergonha ver a gente muitas cousas tão confusamente mescladas uma com a outra, e ser cometida tanta mentira, torpeza e velhacaria sob este collegio ou funcionários da Companhia!

MALOFTA BROŜURETO: LA BORSO DE BRAZILLO

La unua parto de ĉi tiu artikolo estas tre konscienca sciigo, farita de d-ro Alcides Bezerra, pri la broŝureto "La Borso de Brazilo", publikigita dum la epoko, kiam parton de nia lando regis la holandanoj. La dua parto estas la traduko en nian nacian lingvon de la nomita broŝureto, farita de pastro Geraldo Pawels, ano de la Direkta Konsilantaro de la Geografia Societo en nia urbo.

Ĝis hodiaŭ oni ne scias, kiu estas ĝia aŭtoro: plurajn homojn oni prezentas, sed pri sia propra supozo neniu estas certa. La broŝureto, hodiaŭ tre malofte trovebla, enhavas multajn gravajn komercinformojn pri tiu tempo, tre utilajn al tiuj, kiuj, studante nian historion, intresigas speciale pri la unuaj paŝoj de la ekonomia kaj politika vivo de la iama kolonio dum la jaroj, kiam regis Brazilon la holandaj konkerintoj.

RIO RIBEIRA DE IGUAPE

J. Marcelino Pinto

(Do Departamento Nacional de
Portos e Navegação)

*Do "Litoral do Estado de São Paulo
e os rios que vertem para o Atlântico"*

O rio "Ribeira de Iguape" nasce, no Estado do Paraná, com o nome de "Ribeirinha", nas contra-vertentes dos rios Tibagi e Iapó.

Em seu trajeto pelo Estado do Paraná, recebe, em sua margem direita, as águas dos rios "Assunguí", "Piedade" e "Ponta Grossa".

Pela margem esquerda recebe pequenos afluentes até o rio Itapirapoã, servindo este, em todo o seu curso, de divisa entre os Estados do Paraná e São Paulo.

Quasi todo o territorio atravessado pelo rio Ribeira de Iguape é montanhoso, havendo, além dos contrafortes da serra Paranapiacaba, outras serras isoladas nos varios municípios banhados pelo rio.

Contudo, em suas margens e, ainda, nas de vários de seus afluentes, no município de Iguape, ha extensas zonas de terrenos planos e em grande parte alagados, próprios para a cultura do arroz, que é a cultura predominante aí.

O rio Ribeira de Iguape, entra no Estado de São Paulo depois de banhar o município de "Sêrro Azul", fazendo o seu percurso por entre matas virgens e desfiladeiros, até lançar-se no oceano, a 8 quilômetros ao N. da barra de Icaparra, onde forma um grande estuário de cêrca de 1.500 metros de largura, sendo o seu curso estimado em 500 quilômetros mais ou menos, dos quais 300 navegáveis. Em São Paulo banha os municípios de *Iguape, Xiririca, Iporanga, Apiaí e Capela da Ribeira*.

A diferença de nível, desde a foz do rio Itapirapoã até Iguape, é de 199 metros.

Depois da confluência dos rios Assunguí e Ribeirinha, quando se torna conhecido pelo nome de Ribeira, avoluma-se o rio com as águas de seus grandes afluentes, como o

“Pardo”, o “Juquiá”, o “Jacupiranga”, o “Peropava” e o “Una”; são, dêsse modo, suas águas dirigidas para o oceano e para o Mar Pequeno.

A divisão das águas aí se faz por um canal artificial, que liga o porto Velho, em Iguape, ao chamado “Mar Pequeno”.

A abertura desse canal foi iniciada em 1873; teve início na lagoa denominada “Pôrto da Ribeira”, indo terminar no Mar Pequeno, do qual dista pouco mais de meio quilômetro. (Ver nota n.º 1).

O canal tinha de extensão cêrca de 2.500 metros, variando a largura do lado do mar de 17 a 22 metros e, do lado do Ribeira, de 11 a 13 metros, sendo de 5,m 50 a sua profundidade; tais eram suas condições primitivas.

Hoje o canal tem uma largura média de 160 metros e uma profundidade de 19.

Êle traz do Mar Pequeno a maior parte das águas do rio, que se escoam mais rapidamente e em menor percurso, pois que em vez de 27 quilômetros pelo antigo leito, elas fazem o trajeto em 3 quilômetros e 850 metros.

As areias arrastadas durante o trabalho de excavação que faz o rio veem se depositar no Mar Pequeno, prejudicando o pôrto de Iguape.

Este canal é conhecido pela denominação de “Valo”. (Ver nota n.º 3).

Constitue este canal ou Valo, um dreno geral dessa zona, tornando-a livre das enchentes, mas com prejuizo do porto, que se está obstruindo.

O rio Ribeira de Iguape é um dos que melhores condições oferecem para a navegação, quer pela sua considerável largura, quer pela sua profundidade, quer ainda pela diferença de nível, que apresenta o seu leito em uma grande extensão.

A Comissão Geográfica do Estado de São Paulo fez proceder ao levantamento e estudo dêste rio e de alguns de seus afluentes, iniciando-os na foz do Itapirapoã, seu afluente da margem esquerda.

Da barra de Itapirapoã, onde o rio Ribeira tem de largura 40 metros e a profundidade de 2,40, até a povoação da Capela de Ribeira, que guarda a distância de 37 quilômetros, encontrou a referida Comissão 5 cachoeiras, 18 ilhas, 7 afluentes na margem esquerda, 3 na margem direita, prosseguindo nos estudos até a foz do Iporanga em uma extensão de 70 quilômetros, sendo estudados nesse trecho a cachoeira do Varadouro, situada a 24 quilômetros abaixo

da Capela de Ribeira, 36 corredeiras, 38 ilhas, 10 afluentes na margem direita e 9 na esquerda.

Entre as quedas destacam-se as seguintes: "Cachoeira da Barra", a do "Januário" e a do "Topetudo", entre Capela de Ribeira e Pôrto Velho de Apiaí. Neste pôrto a largura do rio é de 69 metros e a profundidade de 3 metros.

As cachoeiras de "Lavras", "Saltinho", "Tatupeva", "Gavião", "Boa Vista", "Lavrinha" e "Feia" estão situadas entre Pôrto Velho de Apiaí e a foz do rio "Pardo".

A corredeira "Aberta" e a cachoeira do "Funil", entre a foz do rio Pardo e a foz do rio Iporanga.

Nesse trecho, desemboca a direita, no Ribeira, o rio *Pardo*, seu maior afluente depois do Juquiá. Neste rio encontrou a Comissão, no trecho estudado, 10 ilhas, 11 afluentes e 6 cachoeiras, entre elas a do "Tamanduá" e a das "Lavras".

No lugar denominado "Andorinhas" o rio Pardo tem a largura de 54 metros e profundidade de 3,20 m, alcançando 5 metros em outros pontos do seu curso.

"Capela de Ribeira" é uma pequena povoação, situada entre altos morros de formação calcárea, na margem esquerda do Ribeira. Aí o rio tem 79,50 m de largura e uma profundidade que vai a 2,50 m. Entre Capela de Ribeira e o pôrto de Apiaí está a famosa cachoeira do Varadouro, terror dos navegantes pelos perigos que oferece á navegação.

Da foz do Iporanga á foz do rio dos "Pilões", afluente da margem esquerda, encontram-se as cachoeiras do "Funil", do "Caracol", e a corredeira de "Poço Grande".

Proximo da foz do rio dos Pilões encontram-se tambem algumas cachoeiras como a do "Quebra Pôpa" e a do "Poço Grande", sendo esta segunda, assim denominada.

Este rio tem na barra 31 metros de largura e uma profundidade de 2 metros.

Da foz do rio dos "Pilões" á foz do rio "Batatal" ha ainda alguns embarços á navegação, como as corredeiras do "Nhunguara", a cachoeira das "Cordas" e a das "Cordas de Baixo" e ainda a corredeira do "Sapatú". Encontra-se ainda em frente á foz do ribeirão "Ivaparanduva" um grupo de ilhas.

Embora êsses accidentes embarcem a navegação, ela é contudo franca, desde a foz do "Batatal" até "Iguape".

Em sua barra, o rio Batatal tem a largura de 20 metros, sendo apenas de 1 metro a sua profundidade.

O trecho do rio Ribeira, compreendido entre a foz do Iporanga e a cidade de Xiririca, é de 78 quilômetros, veri-

ficando-se aí a existência de 20 corredeiras, 35 ilhas, 19 cursos d'água, nesse número compreendidas as cachoeiras e ilhas já assinaladas.

A largura do rio Ribeira de Iguape, em Xiririca, é de 126 metros e a sua profundidade de 3,50 metros.

A cidade de Xiririca está situada no alto de uma colina, á margem direita do rio Ribeira de Iguape, a 29 metros acima do nível do mar, sendo de 24 metros a diferença do nível entre os portos de Xiririca e Iporanga, sendo aquele o ponto terminal da atual navegação a vapor, cujo ponto de partida é o pôrto de Iguape; sendo portanto Xiririca o centro do empório comercial da parte alta do vale do Ribeira.

A navegação entre Xiririca e Iporanga, que se faz por canoas movidas a vara, é por demais morosa, pois gasta-se, nesse trajeto, 3 dias para subida e dia e meio para a descida do rio.

Assim, prestes está o Estado em dar melhor solução a essa navegação, estudando uma proposta, tendente á substituição das canôas por pequenas barcas a gasolina, do tipo "JOHNSON".

A duração da viagem entre aqueles portos ficará então reduzida a 12 horas para a subida do rio e de 6 horas para a descida.

Entre Xiririca e Iguape a distância é de 143 quilômetros, existindo neste trecho 8 ilhas e 10 afluentes entre as duas margens do rio.

Neste trecho do Ribeira de Iguape e á sua margem estão situadas a lagôa de "Jataituba", em frente a foz do rio "Periquerá-Assú", com 2.600 metros, a lagôa do "Pastinho", em frente á foz do rio "Caiuvá", próximo de Pôrto Velho, as lagoas de "Jaguacaem" com 3.800 metros e "Nhambucú", com 2.200 metros e, ainda, a de "Jacupiranga" com 2.400 metros.

A navegação do Ribeira de Iguape e de seus afluentes é feita pela "Companhia de Navegação Fluvial Sul Paulista", subvencionada pelo Estado, e estende-se pelos rios "Ribeira de Iguape", "Juquiá", "Una d'Aldeia", "Pequeno" e "Peropava", compreendendo ainda os braços de mar entre Iguape e Ararí, passando por Sabaúna e Cananéia.

No rio Ribeira de Iguape ela é feita no trecho entre Iguape e Xiririco, com escalas por Jipurunã, Jucupiranga, Graviruna, Ponta Grossa, Registro Barra, Sete Barras e Primeira Ilha, num percurso de 144 quilômetros, e ainda entre Iguape e a barra do rio Una.

No rio Juquiá a navegação vai da barra do Ribeira até o ponto onde termina atualmente a E. de Ferro de Juquiá, pouco acima de Santo Antonio de Juquiá, escalando em Barra do Quilombo, Escalvado e Santo Antonio, com um percurso de 139 quilômetros.

No rio Unad'Aldeia, vai de sua barra, no rio Ribeira, até Itingussú, e no rio Pequeno, seu afluente, desde a sua foz até Araraquara, localidade marginal.

A do rio Peropava, afluente do Ribeira, parte de sua barra até o Morro das Pedras.

Por fôrça de contrato, a Companhia é obrigada a ter em boas condições de navegabilidade:

7 vapores de 27 a 90 toneladas de capacidade, cada um.

2 lanchas de 6 a 12 toneladas de capacidade.

4 chatas de 16 toneladas e, ainda, 2 outras para o transporte de animais.

O número de viagens redondas, semanais, subvencionadas, está assim distribuído:

1 viagem direta para Xiririca;

1 dita para Xiririca, passando por Estrada; e

1 direta para Estrada.

Em idênticas condições são feitas viagens anuais, em número de 18, para o Morro das Pedras, no rio Peropava; 18 para Itingussú no rio Una d'Aldeia e 18 para Araraquara pelo rio Pequeno, nas seguintes condições: uma viagem mensal durante o primeiro semestre e duas viagens mensais no segundo semestre.

Está a Companhia obrigada a desobstrução e limpeza dos rios e a fazer navegar 91.612 quilômetros, recebendo a subvenção de 1\$637 por quilômetro navegado.

São as seguintes as embarcações empregadas no serviço de navegação.

Vapor "*Vicente de Carvalho*" para 90 toneladas de carga, com capacidade para 32 passageiros de 1.^a classe em beliches, 50 passageiros de 2.^a classe e divisão para 8 animais.

Vapor "*Cândido Rodrigues*" para 56 toneladas de carga, 24 passageiros de 1.^a classe em beliches, 30 passageiros de 2.^a classe.

Vapor "*Iguape*" para 50 toneladas de carga, 20 passageiros de 1.^a classe em beliches e 36 em 2.^a classe.

Vapor "*Bento Martins*" para 50 toneladas de carga, 12 passageiros de 1.^a classe em beliches e 20 de 2.^a classe.

Vapor "*João Martins*" para 60 toneladas de carga, 10 passageiros de 1.^a classe e 20 de 2.^a classe.

Vapor "*Juquiá*" para 42 toneladas de carga e 30 passageiros.

Vapor "*Rio Una*" para 50 toneladas de carga e 20 passageiros.

Lancha a vapor "*Sabaúna*" para 12 toneladas, 20 passageiros.

Lancha a vapor "*Luiz Martins*" para 6 toneladas e 20 passageiros.

1 "*Chatão de ferro*" para 46 toneladas de carga.

4 "*Chatas de reboque*" para 16 toneladas de carga, cada uma.

2 "*Chatas*" para condução de 12 animais, cada uma.

Além de Xiririca, que é o ponto extremo francamente navegavel, pode a navegação a vapor alcançar ainda, porém em época de maiores águas, o pôrto de Batatal, que fica a 29 quilômetros acima daquela cidade. O pôrto de Batatal é o ponto de travessia no rio Ribeira, para os poucos viajantes, entre Xiririca e o Alto da Serra, caminho para Itapetininga, os quais dão preferência á viagem pelo rio Juquiá e São Lourenço.

Iporanga está situada na margem esquerda do Ribeira e á direita do ribeirão Iporanga. E' uma pequena povoação, naturalmente de grande futuro, pelas jazidas de minérios que aí existem. Nesta povoação estão situados três pequenos portos de desembarque, sendo um no rio Ribeira e dois no rio Iporanga, aparelhados com escadas de pedra para desembarque, sendo que a do Ribeira tem 52 degraus.

Iporanga está distante do Pôrto de Apiaí 23.600 metros e situado a 63 metros acima do nível do mar.

Além de Batatal, continúa o rio o seu curso, já agora oferecendo mais dificuldades á navegação pelas inúmeras corredeiras, que se sucedem em seu leito sinuoso e pedregoso.

De acôrdo com os estudos que veem sendo feitos, cogita o Estado de proceder a melhoramentos no rio Ribeira; dentre éstes a remoção dos baixios denominados "*Caiacanga*" e "*Cavapiranga*", que constituem, nas águas baixas, graves empecilhos á navegação na parte alta e média do rio.

A maior dificuldade de navegação não está só nas corredeiras mas, principalmente, nos práticos do rio, conhecidos pelo nome de "*fragueiros*", cujo conhecimento das condições de navegabilidade do curso se limitam apenas a determinados e pequenos trechos do rio, geralmente áqueles em que residem e em que unicamente navegam.

A navegação do Ribeira de Iguaape faz-se tambem por

sistema diverso de outros pontos do território paulista. É adotado o sistema primitivo, muito embora seja êle apropriado ao rio. Consta ela do seguinte: as varas não são ferradas e os canoeiros teem de apontá-las de hora em hora como é natural, uma vez que o leito do rio é pedregoso. Com isto, descansam os tocadores das canoas, que são empurradas rio acima, por dois vareiros, um na proa, outro na pôpa, sem mudarem de posição que é a de pé.

Para descida do rio, o sistema varia apenas nas varas que são substituídas pelos remos.

A maior profundidade do rio Ribeira é nas proximidades da lagoa de "Jataituba" onde alcança a cota de 16,m 30, sendo que a sua maior largura é de 238 metros, um pouco acima de Porto Velho.

V A L E

O litoral paulista, a meia distancia entre S. Vicente e Conceição de Itanhaém é quasi interrompido pela pequena serra de Mongaguá, contraforte da Serra do Mar, que parece vir morrer no Oceano. A Serra do Mar, já então afastada do litoral, começa a descrever a imensa curva, que a leva ao centro do Estado do Paraná, para depois voltar e aparecer na costa, no contraforte chamado "Serra do Cadeado", por detrás da Ilha de Cananéia.

Mongaguá e Cadeado constituem os dois pontos extremos da grande curva da Serra do Mar, onde se desenvolve a vasta bacia do Ribeira de Iguape, a mais importante do Estado, a qual vem sendo conhecida pela "Amazônia Paulista", tal a sua semelhança em muitos pontos com a grande Amazônia.

Os terrenos do rio Ribeira de Iguape podem-se dividir em duas zonas distintas:

A primeira, estendendo-se desde as cabeceiras do rio até a foz do seu afluente, o rio Juquiá, é formada de terrenos antigos, que constituem as faldas da serra do Parana-piacaba.

Os terrenos compreendidos entre o Sêrro Azul e o ribeirão do Rocha são em geral graníticos, em parte já decompostos.

No vale do ribeirão do Rocha, porém, é em geral calcáreo, perdominando, na bacia do "Catas Altas", o granito, para novamente voltar ao calcáreo, na povoação de Capela da Ribeira.

Entre este povoado e os de Pôrto Velho e Iporanga, ao terreno calcáreo, acresce o xisto e o granito, sendo que de

Iporanga ao rio Juquiá o terreno é mais argiloso, contendo uma camada maior de humus.

A parte mais alta do vale do Ribeira de Iguape é a região da mineração que oferece grande interêsse não só pelas jazidas de minério que aí existem como pelas várias grutas de calcáreo, principalmente nas proximidades de Iporanga.

Assim nota-se, no Itapirapuã, o afloramento da galena; no ribeirão do Rocha o antimônio, e, ainda, ouro, prata, chumbo e mesmo ferro, em varios córregos e ribeirões nesse trecho do vale.

A segunda zona da bacia do Ribeira é constituída pelos terrenos baixos e húmidos, compreendidos desde a barra do rio Juquiá até o litoral. Em geral, são todos êles, principalmente nas proximidades do rio, argilosos, silicosos e húmosos, prestando-se geralmente á cultura dos cereais, principalmente a do arroz, para o que apresentam especiais condições.

O clima da região atravessada pelo rio Ribeira de Iguape é em geral ameno, não sendo suas margens paludosas.

NOTAS

Nota n.º 1

MAR PEQUENO

Assim é denominado o canal que põe em comunicação a cidade de Cananéia á de Iguape. O trecho do canal próximo a Iguape é conhecido pelo nome de mar de Iguape, e por mar de Cananéia a parte ou trecho junto á cidade dêste nome.

Do centro deste canal parte um outro em direção á baía de Trapandé, formando as águas dêstes canais com as da baía a ilha Cananéia, onde está localizada a cidade.

Êste segundo canal tem o nome de Cubatão, um de seus trechos é conhecido pelo nome de mar de Cubatão e o outro pelo de Mar de Itapitanguí.

A largura do Mar Pequeno varia entre 300 a 1.500 metros. No canal de Cubatão a largura é de 250 metros, sendo esta no mar de Itapitanguí, nas proximidades da baía de Trapandé.

Contudo, êle seria francamente navegável se não fôra o banco de areia conhecido pelo nome de Carangueijo, que se encontra perto da cidade de Iguape.

Nota n.º 2

BARRA DO ICAPARRA

A barra do Icaparra é a entrada para o mar Pequeno; é um verdadeiro canal que vai a Cananéia, formando a ilha Comprida, com 61 quilômetros de extensão entre pontais extremos e 3 e meio quilômetros em média de largura.

Os extremos da ilha limitam as duas entradas para o estreito canal navegável, cuja extensão é de 73 quilômetros, variando a sua largura de 300 a 1.500 metros, com profundidade de 5 a 11 metros em maré baixa, tendo pontos em que estas alcançam a altura de 20 metros.

Pelo lado do N.E., a entrada do canal faz-se em curva apertada pela restinga, formada pelo avanço para o mar, do extremo da ilha Comprida, ao passo que ao largo, a mais ou menos 1,5 quilômetro do litoral, nota-se a presença de um banco de areia, que constitue propriamente a barra do Icaparra.

Este banco é o principal embaraço para a navegação, não só por ser aí desabrigada grande extensão do canal como pela pequena quantidade d'água que oferece, concorrendo ainda para a falta de navegação a ausência de praticagem.

As últimas sondagens no canal acusaram sobre o banco e em maré baixa 3,m 50 concordando com as procedidas anteriormente, em 1914.

A diferença atual é, na barra, a mudança de posição do banco, a qual pôs a entrada da mesma a 2 quilômetros a N.E., no extremo N. da ilha Comprida, ocasionada que foi esta mudança pela afluência das areias trazidas pelos Ribeira, Vale Grande e Mar Pequeno, que acumuladas na ponta da ilha, formam um grande banco, aproximando-a do continente e recuando, pois, a entrada do canal para N.E.

Nota n.º 3

O VALO GRANDE

O rio Ribeira de Iguape vindo do W. percorre terras elevadas até a povoação de "Sete Barras", daí segue na direção Sul, através de terrenos planos, aproximando-se do Oceano, cerca de 2 1/2 quilômetros, na povoação de Pôrto Velho da Ribeira. Daí toma o rumo N., separado do mar pelos morros do Costão dos Engenhos e, com um percurso de 26 quilômetros, vem desaguar no Oceano, a 8 quilômetros ao Norte da barra do Icaparra.

Antigamente as embarcações entravam pela barra do rio Ribeira e chegavam até o pôrto Velho. Com o fim porém econômico e rapidez de transporte, foi alvitado fazer-se a comunicação entre o pôrto de Iguape e o pôrto Velho.

Com esforço e muito trabalho, conseguiu-se afinal abrir, através dos terrenos baixos, um valo estreito e pequeno, entre êsses dois portos, e as águas do Ribeira começaram então a correr para o Mar Pequeno.

A qualidade do terreno, o movimento das águas, sob a influência das marés, transformaram o pequeno valo, onde só canoas o procuravam nas marés, em um rio com a largura de 200 metros e grande profundidade, contrariando, assim, os planos de iniciativa.

As areias transportadas pelo rio, em vez de se localizarem em sua barra e aí se espalharem pela ação do mar, foram se depositar no pôrto de Iguape, obstruindo-o, fazendo com que se afastasse de algumas centenas de metros o ancoradouro das embarcações, prejudicando mesmo a profundidade do Mar Pequeno, e tornando difícil a navegação nas proximidades da cidade.

Posteriormente, em 1889, foi iniciado o fechamento dêsse valo por uma barragem, afim de corrigir os efeitos manifestados. Êste serviço teve regular prosseguimento, mas foi abandonado quasi ao terminar.

Em poucos anos, as águas tomaram de novo o seu leito natural, derrocando a barragem feita; as margens do valo se alargaram novamente e a sua profundidade aumentou.

Assim, verificou-se que, em 1891, a profundidade máxima era de 10,m 76, e hoje é de 17,m 40; outras sondagens teem sido efetuadas, verificando-se o forte movimento do leito do valo.

RIO RIBEIRA DE IGUAPE

Rivero Ribeira de Iguape venas el Ŝtato Paraná, kun la nomo Ribeirinha, en Ŝtaton S. Paulo, kie ĝi fluas tra praarbaroj kaj interkrutejoj ĝis la oceano, 8 km. norde de Icaparra; ĉi tie ĝi estigas grandan enfluejon ĉirkaŭe 1500 metrojn larĝan. Laŭ la kalkuloj, ĝia fluo estas 500 km. longa, pli aŭ malpli, el kiuj 300 navigeblaj, pro la grandaj larĝeco kaj profundeco de tiu rivero.

En la artikolo estas cititaj ĝiaj alflujaj riveroj, ĝiaj akvosaltejoj, la urboj gravaj kaj negravaj ĉe ĝiaj bordoj.

La vasta baseno de rivero Ribeira de Iguape, la plej grava en Ŝtato S. Paŭlo, estas nun konata per la nomo

“S. Paŭla Amazonio”, pro ĝia frapanta simileco kun la granda norda Amazonio.

La vasta baseno de rivero Ribeira de Iguape, la plej regionojn. La pli alta parto de la valo estas la minregiono, kun riĉaj minejoj kaj vastaj kalkŝtono-grutoj. La dua konsistas el malaltaj kaj malsekaj terenoj, plejparte argilaj, silikaj kaj humaj, taŭgaj por la grenkulturado, precipe por la rizoplantado.

La klimato de la regiono trafluata de tiu rivero estas ordinare milda; nenie, ĉe la bordoj de rivero Ribeira de Iguape, estas trovataj marŝoj.

SÔBRE O ESTUDO RACIONAL DA GEOGRAFIA

Ao erudito presidente da Sociedade de Geografia

General Liberato Bittencourt

(Da Soc. de Geografia do Rio de Janeiro)

Até 1930 a geografia no Brasil, vulgar preparatório, era estudada cegamente, como em aritmética se estuda a tabuada: abusava-se da memória, com esquecimento quasi completo do raciocínio. O fraco estudante brasileiro, cidadão forte do porvir, repetia então, que nem papagaio, todo o louco palavreado do compêndio, relativamente a oceanos, partes do mundo, países livres da America ou da Europa, cidades populosas, rios navegáveis, montanhas e arquipélagos: enchia a cabeça de números e de nomes tão sómente. E nada mais. Ciência pura de almanaque. Entretanto a geografia é ciência vasta; e como ciência tem de ser explorada e conhecida. E isso felizmente já se vai compreendendo e realizando, embora sem a pressa desejada em assunto de tão grande relevância. Concorre para tanto a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, a mais bela talvez das associações científicas do país, com ás luzes que de contínuo está a espalhar, com paciência de beneditino e sapiência de filósofo, por todos os ângulos escusos do território nacional. Mas quer me parecer que a benemérita instituição científica, a que me honro com pertencer e bem servir, preferiu o mau ao bom caminho, na emprêsa patriótica.

Necessário que se seja franco, em matéria de tão largo porte.

Sabe-se que, divinamente inspirada, a Sociedade de Geografia, revoltada contra a errônea e grosseira divisão territorial do Brasil, reuniu em seus salões grande comissão de especialistas, os quais ali estudam animados, ha seis longos meses já, seguro meio de redivisão territorial do Brasil. Sou o mais apagado membro dessa abnegada comissão de sábios, o único ali continuamente de boca fechada, a ouvir opiniões as mais desencontradas, algumas profundas e quasi todas aparentemente sensatas, sôbre múltiplas exigências e necessidades da pátria em formação. Fujo de dar parecer,

porque os ânimos de contínuo se apaixonam e se estremam, e o grande ideal, o da redivisão do território nacional, pode vir a perigar, o que seria mais que lamentável. Vejo, porém, entre idéias apregoadas com alto e patriótico objetivo, qual o de grandeza e soberania, união e igualdade, liberdade e civilização, que nos falta ainda a legítima educação geográfica. E a meu fraco julgar, a douta Sociedade de Geografia, com pesar o declaro de público, é a principal culpada do acontecimento nada lisonjeiro.

Entendamo-nos, que bem o reclama a seriedade do assunto, como a valia grandiosa dos peledores.

Nas escolas secundárias do país o ensino da geografia foi sempre mal conduzido. E a educação, ali recebida sem escrúpulo, era a única em serviço mais tarde aos lidadores, nas grandes lutas empenhadas. Em tese o homem que estuda se dedica apenas á especialidade. O bacharel em direito, que aprendeu mal, quando menino, o vasto problema geográfico, abarbado depois com as graves questões sociais do tempo, no globo de fogo das sociedades em luta, lazer não topa bastante, nem tão pouco oportunidade, para estudar, como devia ter feito aos anos verdes, a séria questão geográfica, muito mais vasta do que geralmente se supõe, nas acanhadas esferas beletrísticas. E como o Brasil foi, é e será sempre governado por bachareis em direito, fenómeno generalizado em todo o mundo culto, o problema geográfico, que só encontra de parelha o problema social, teve de ser por êste, com toda a razão, atirado a segundo plano, não raro até ao esquecimento.

No Brasil mental de hoje se não sabe a preceito geografia, a ciência fundamental na segura compreensão dos delicados problemas sociais.

De quem a culpa?

Da Sociedade de Geografia exclusivamente, ao que supponho.

Não censuro: historio. Não ataco: defendo a cultura enciclopédica fundamental, em favor do Brasil independente e soberano. Sou brasileiro, que não filósofo; crítico, e não demolidor soez.

Penso que deve competir á douta Sociedade, de que sou com prazer o mais apagado e humilde servidor, a autoria benemérita de *curso racional de geografia*, de início em três volumes pelo menos: o primeiro, eminentemente propedêutico, tratando do sério problema geográfico, tal e qual é êle hoje considerado nos grandes centros cultos, em Alemanha especialmente; o segundo, essencialmente geográfico,

ocupando-se com o estudo descritivo e racional da *terra*, com tudo o que lhe diz respeito; o terceiro e último, genuinamente particular, cuidando apenas do Brasil. Ao primeiro volume compete a face filosófica da questão magna; ao segundo, a face científica; ao terceiro, a face corográfica, a de alcance imediato, a mais útil porventura no ponto de vista pedagógico, social e prático.

Depois de 1930, graças às boas idéias revolucionárias, o estudo da geografia, antes o estudo fundamental da *terra*, melhorou grandemente: vai das elementares noções matemáticas e físicas à sensata exploração econômica, nos últimos anos do curso com razão chamado de humanidades. Mas a par de tanta coisa útil, cometeu-se a leviandade científica, antes o crime pedagógico de suprimir levemente a cadeira especial relativa à pátria querida.

Que Deus nos dê juízo e luzes!

E que fez a douta Sociedade de Geografia, de que sou apagado servidor, diante da grande leviandade administrativa?

Fechou olhos e cerrou ouvidos á barbaridade pedagógica.

Creio ser o Brasil o único país culto da terra, a excluir do curso secundário a corografia da pátria. E por isso justamente é que mais tarde, nas lutas atribuladas do viver, só aos especialistas da geografia é dado conhecer, a fundo pelo menos, as necessidades antropogeográficas do país. E assim mesmo de modo singular ás vezes, como estou a presenciar no seio daquela erudita comissão, por falta exclusiva da propedêutica educação geral.

Desço, data vênua, ao coração do assunto ingrato.

Veio o homem ao mundo, para *pensar, conhecer e produzir*. Pensamento é *filosofia*; conhecimento, *ciência*; produção, *arte*. E mais nada sôbre a terra. Filosofia, ciência e arte sintetizam, por isso mesmo, toda a humana cultura, antes toda a civilização contemporânea. A filosofia ensina a *pensar*; a ciência ensina a *conhecer*; a arte ensina a *realizar*: *pensar para conhecer, afim de produzir*, eis o humano problema psicológico de todos os tempos e idades.

Como é natural, deixo á margem os dois extremos, para só cuidar aqui do meio: *in medio virtus*.

A ciência é uma só, da mais notável abstração — o número, á mais perfeita idealização psicológica — Deus. E' fácil provar, com argumento ao alcance de qualquer inteligência ou luz, que os fenômenos de pura matemática, antes de pura abstração, se prendem suavemente á biologia,

á história e á política. A ciência é uma só, por simples questão de método fracionada e subdividida em grupamentos vários, de fenômenos semelhantes.

De modo sintético, ciência é soma de conhecimentos. De modo particular e generalizado, ciência é o ramo de conhecimentos humanos que tem por fim a indagação, ou o estudo das leis, que regem a determinada categoria de fenômenos semelhantes. E como tais grupos são em número avultado, assim também as ciências constituídas. Estas, porém, podem e devem mesmo ser distribuídas, como o faço em meu sistema filosófico, em quatro e distintos agrupamentos, dois propedêuticos e dois outros finalísticos: *matemática* e *física* constituem os dois primeiros grupos; *geografia* e *antropologia*, os dois últimos:

$$\text{Ciências} \left\{ \begin{array}{l} \text{propedêuticas} \left\{ \begin{array}{l} \text{matemática (movimento)} \\ \text{física (matéria)} \end{array} \right. \\ \\ \text{finalísticas} \left\{ \begin{array}{l} \text{geografia (terra)} \\ \text{antropologia (homem)} \end{array} \right. \end{array} \right.$$

A matemática, ciência verdadeiramente fundamental, estuda racional e aplicadamente as questões de número, as de forma e as de movimento, assim na terra como no espaço infindo. Compreende por isso mesmo *cálculo*, *geometria*, *mecânica* e *astronomia*.

A física, eminentemente propedêutica ainda, ocupa-se com estudar as propriedades gerais ou particulares da matéria, e bem assim os fenômenos que nela se passam, alterando-lhe ou não a íntima constituição. *Física* propriamente dita, *química* e *electrologia* lhe são as partes integrantes.

A geografia é o estudo seco da terra, no ponto de vista matemático, no ponto de vista físico, no ponto de vista puramente geográfico e ainda no ponto de vista antropológico, ou social. Geografia sem matemática o mesmo é que capital sem embasamento, quadrúpede sem aparelho respiratório, jiquitibá possante sem a raiz indispensável. *Topografia*, *geomorfia* e *geodésia* são partes componentes, e até fundamentais, da geografia. O mesmo fenômeno educativo com a gravidade e a pneumática, a termologia e a fotologia, o magnetismo e a hidrostática, a hidrodinâmica e a eletricidade, a radio-telegrafia e a termo-química, a mineralogia e a botânica, a química industrial e a química organica, a geologia e a zoologia. Isto é, em boa linguagem portuguesa:

todas as ciências fundamentais e ainda todas as que integram filosoficamente o estudo racional da terra, são do domínio da geografia.

A antropologia, por fim, compreende a *história*, o *direito* e a *política*, o que importa afirmar todos os fenômenos relativos ao homem, como ser superior e independente.

A matemática é o *movimento*; a física, a *matéria*; a geografia, a *terra*; a antropologia, o *homem*. E essas quatro unidades coletivas — movimento, matéria, terra e homem constituem por soma a verdadeira ciência geográfica.

Geografia alheia às latitudes e longitudes, a líquidos e gases, a minerais e animais, a raças e climas, a povos e nações, a justiça e liberdade, fraqueza mental de passados séculos, e ainda em parte coisa da atualidade, mui longe está da ciência grandiosa da terra, em todas as manifestações e grandezas, que avultam com a civilização.

No Brasil mental contemporâneo inda se não sabe ao certo disso. E compete á douta Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, pela voz dos sábios obreiros ao seu serviço e necessidades, pôr de vez termo a essa situação profundamente anárquica, anti-patriótica quanto lamentável.

PRI LA RACIA STUDADO DE GEOGRAFIO

La aŭtoro, klera edukisto kaj direktoro de grava duagrada lernejo en nia ĉefurbo, skribas pri la malpliigita efikeco de la geografia studado de Brazilo mem, post la forigo de la fakoj geografia kaj historia de nia lando el la duogradaj lernejoj; li do protestas kontraŭ nia indiferenteco koncerne la specialan studadon de nia patrolando.

La kursoj pri geografio, laŭ lia valora opinio, devus esti farataj en tri fazoj: la unua, kun enkonduka karaktero; la dua, ĝenerala; kaj la tria, esence speciala, pritraktanta nur Brazilon.

PALAVRAS SÔBRE ARQUEOLOGIA NO BRASIL

José Magarinos

Para nós ha uma conexão muito direta entre o que possuímos de arqueologia e de antropologia, quasi que formando, as duas reunidas, a história evolutiva do homem brasileiro, isto é, o gentio, — o homem do nosso torrão natal propriamente dito, porque, pre-historicamente falando, o que possuímos é apenas a etnografia.

Como já escrevemos, aqui no Brasil não podemos distinguir as edades da Pedra, do Bronze e do Ferro, nem, portanto, uma escala ascendente, para firmar um tipo que se desdobrasse com superioridade sobre os outros: a diversidade de intelligencia, consequentemente, provinha das qualidades natas, melhores, de algumas tribus selvaticas.

Aqui no Brasil, parece-nos, o homem não presenciou as transformações geologicas por que passou o tipo europeu, muito mais antigo do que o nosso, provindo do periodo quar-tenario, como nos provam as jazidas paleologicas e os sambaquis.

A Europa foi teatro de influencias migratorias, que lhe alteraram a civilização pre-historica, introduzindo costumes e novas feições, como se verifica da civilização que ao velho continente levou o povo grego-romano.

Martius inspira a idéa de que os selvagens brasileiros são o reflexo de uma raça extinta, intellectualmente mais adeantada do que o nosso selvicola, que, aos poucos, foi se degradando.

Não é possivel tal circumstancia, porque no Brasil apreciamos tipos aborigenes, diferentes em cultura, no que concerne particularmente ao intellecto, aos costumes e ás artes.

O grupo Geo-Botucudo, por exemplo, confirma a nossa opinião. Isso, contudo, não quer dizer que o nosso selvagem não provenha de épocas remotas; muito pelo contrario, pois que a nossa população pre-historica foi observada pela civilização européa do seculo XVI, como se verifica dos habitantes da America Central e dos planaltos andinos da America do Sul.

O autoctonismo do homem americano, porém, não nos afirma comprovação, embora no periodo terciario não fosse

inadmissível a existencia de *hominios*, como fôra real a de *primatas*.

Com tudo, o periodo quaternario é o que cientificamente satisfaz para trazermos a pre-historia arqueologica, pelos motivos que enumeramos linhas atrás.

Todavia, em se tratando de jazidas, algumas podem figurar entre as pleistocenicis, como as de Lagôa Santa, por exemplo.

E já que falamos em jazidas, convém notar as do vale do rio das Velhas, em Minas Gerais, chamadas Cavernas de Lagôa Santa, cuja denominação provém do logar em que estão situadas.

Outras cavernas, não menos importantes, são as existentes no Estado do Pará e cognominadas Grutas de Maracá.

Voltando ás cavernas de Dr. Lund, cujos estudos foram empreendidos em 1833, sabemos que este cientista pôde fornecer-nos grande material de paleontologia.

Dos achados da Lagoa Santa interessam-nos grandemente, pelo lado arqueológico, os esqueletos de animais extintos: *glyptodon*, *megatherium*, *propithecus*, *hydrocoerus*, e grande quantidade de ossos humanos, com os quais quis Lund concluir a existencia do homem ao lado daqueles animais, crente que estava de poder provar a remotabilissima idade do homem americano.

Essa distanciada antiguidade, pensou *Lund*, coincidir com as épocas pre-historicas européas — no que nos parece não haver acerto, porque as ditas cavernas provavelmente se foram abarrotando de material antropologico, não de uma só vez, mas, sucessivamente.

“A raça da Lagôa Santa”, na frase de *Quatrefages*, não pode ser admitida pelos antropologistas, por contrariar os fatos puramente históricos, senão que os elementos científicos, para prová-la, escasseiem em virtude dos pequenos dados para a sua assersão.

Mesmo tomado o grupo Geo-Botucudo como o habitante inicial dessas grutas, não temos um ponto categorico para uma afirmação positiva, visto como as pesquisas craneometricas que sobre ele se fizeram, não permitem uma solução verdadeiramente scientifica, não só pelo sumido material posto em exame, como por não satisfazer, apenas, a inspeção craniometrica — atualmente imprecisa para concluir resultados.

Nas supracitadas cavernas foram encontradas obras de arte, não só do dominio da pedra, senão utensilios diversos e até pinturas, constituídas de coloridos varios, atribuidas,

contudo, ao nosso selvagem mais atrasado, o amerincola, como já referimos, do grupo Geo-Botucudo.

De outras cavernas, também importantes, como a Gruta das Mumias, situada ao sul do Estado de Minas; a do Alto Rio Uruguai, a de Iporanga, em S. Paulo, a da Serra de Baturité, no Ceará, e as de Santa Catarina, observadas pelo *Dr. Bleyer*, donde foram extraídos materiais antropológicos de valor, devemos salientar a já mencionada Lagôa Santa, uma outra visitada por *U. Lanari*, que lhe pôde colher varios objetos artisticos, feitos de madeira, como bastões, por exemplo, e as de Maracá, que nos forneceram preciosidades ceramicas de subida estimativa, hoje guardadas no nosso Museu, graças á atividade e dedicação do saudoso antropologo Ferreira Penna.

Tambem não devemos olvidar, após a referencia ás mencionadas jazidas espeleologicas, os *sambaquis*, pela suma importancia que encerram, visto que alguns são, não ha negar, avultados *kjoekkenmoddings*.

Os artificiais, é fóra de duvida, montam aspecto de destaque, porque ocultam artefatos liticos: "machados, pedras de amolar, pilões, perfuradores, pontas de flechas", etc.

Os *sambaquis*, como dissemos, são verdadeiros *kojoekkenmoddings*, que se destribuem por uma grande extensão da costa meridional do nosso país ou que se alastram, beijando as margens de alguns rios.

São verdadeiros *shellmounds*, quer dizer, montes de conchas que se avolumam crescidamente e dos quais, no tempo da conquista dos nossos descobridores, deles é que era retirada a cal, provinda, necessariamente, das conchas que os compunham.

Ainda hoje o mesmo fato se dá.

Varios foram os autores que estudaram os *sambaquis*, notando-se entre eles *Carlos Rath*, *Loefgren*, *von Ihering*, *Hartt*, *Krone*, *Ladislau Netto*, *von dem Steinem*, *Capanema*, etc., os quais concluíram haver muitos *sambaquis* que não apresentam traço nenhum de restos humanos, despojos, nem utensilios, nem quaisquer objetos de uso, a não ser exclusivamente crescida quantidade de conchas, ás vezes, segundo notou *Carlos Wiener*, não formam verdadeiros *kjoekkenmoddings* e, sim, verdadeiros *sambaquis* "eólicos", "aglomerados em dunas", simples e exclusivamente pela ação do vento. E é de crer que *Wiener* estivesse estribado em solida razão, porque só assim podemos compreender como eles encerram num mesmo monte conchas fossilizadas e outras de aspectos novos, afóra a promiscuidade de especies marinhas com

muitas de caracteres perfeitamente dados a ambiências estranhas: terra e água.

São esses os *sambaquis* a que se não pode dar uma qualidade de coisa ou objeto formado pelo homem, porque não atestam os mesmos caracteres físicos que comprovem a mesma antiguidade, pois que neles não foram encontrados detritos humanos, nem ossos, nem cerâmica, nem outros quaisquer objetos que pudessem asseverar o engenho do animal superior na formação daqueles *sambaquis*.

Em voltando a referir-nos aos *sambaquis* artificiais, áqueles em que foram encontrados esqueletos, artefatos líticos, restos de alimento, ossos de animais, etc., temos que notar que deles, no entanto, não se tem obtido cerâmica, a não ser em mínima quantidade, e isso mesmo nos das Cabras e do Arroio do Sal, onde foram descobertos vasos de barro perfeitamente modelados e detritos de cerâmica, de grande originalidade e beleza ornamental.

A compulsar os mestres, veio-nos a crença de que das jazidas arqueológicas que se citam neste trabalho, as que mais nos interessam são as do Pará, onde se encontram os *mounds*, únicos descobertos na porção oriental da América do Sul, dos quais, o principal, se acha na ilha de Marajó, e é chamado ilha do Pacoval, que se assemelha a um pequeno monte.

Este monte é o resultado da reunião de muitos vasos de barro e de outros objetos semelhantes, separados, no entanto, por camadas de terra.

Sabe-se que ele se formara de tres camadas sobrepostas, diferentes em material de composição, onde os mais valiosos artefatos repousavam na mais profunda de todas.

Essa observação foi levada a efeito por *Steere*.

Ferreira Penna também lhe deu a honra de uma visita.

Da camada mais externa do Pacoval retirou *Ferreira Penna* urnas grandes que guardavam vasos menores, ornamentados por traços brancos, geometricos, angulares em maior parte.

As porções inferiores da ilha constituíam-se de porções fragmentarias de louças, reveladoras de magnífica ornamentação — belíssima na frase dos autores — além de, nas mesmas, serem achadas as tangas de barro, de cujos exemplares possui o nosso Museu modelos artisticos, finamente modelados, senão também decorados com esplendidos desenhos e figuras.

O professor *O. Derby*, do Serviço de Geologia do Ministerio da Agricultura, também descobriu muitas urnas ar-

tísticas nos aterros da referida ilha, embora menos decoradas e muito menores do que as que foram encontradas pelos cientistas anteriormente citados.

Ao professor *Hartt* devemos as melhores coleções de fragmentos ceramicos da ilha de Marajó.

De salientar-se, outrossim, são as urnas antropomorfas (*Faceurns*, de *Hartt*; *Gesichtsurnem*, dos alemães), que eram guardadas ás entranhas de Marajó e de Maracá.

As citadas urnas não são todas do mesmo aspecto, cabendo ás de Marajó grandes belezas ornamentais, em detrimento das de Maracá, que apresentam fórmias aberradas, em que se exaltam, ora feições humanas, ora de animais.

Pelo processo do cilindro de barro, ainda notamos, provindas da primeira ilha, figuras de pequeno porte, á maneira de idolos, em maioria exibindo tipos humanos.

A ilha de Pacoval possuía o aspecto de uma tartaruga e, segundo *Ladislau Netto*, estava ligada á serie dos *mound zoomorfos*, da America do Norte. Relativamente á habitação do gentio, cumpre-nos falar nas tabas, choças e cabanas.

A casa do selvagem, é mais do que evidente, não é nenhuma revelação de arte; antes o inspirou o esforço do instinto, ainda que em algumas tribus operasse inteligencia mais adeantada, do que resultou maior estabilidade, melhores acomodações e aspecto mais estético na feitura de seus lares.

As tabas propriamente ditas, lembrando agregados de povos superiores em cultura, com a sua disposição, contornadas por uma cerca ou orle bem disposta, já era um acesso sobre a cabana isolada, de forma menos accessivel, segundo modelos que ainda hoje podemos apreciar em fotografias arquivadas nos estabelecimentos archeologicos e em *clichés*, publicados em livros e revistas.

A choça, como a habitação lacustre, não constitue prova que caracterize a inteligencia humana; animais, como os castores, por exemplo, tambem possuem suas habitações, com dispositivo semelhante á casa do selvagem — o que nos faz crer que, num e noutro, o que imperou foi o instinto, como elemento de defesa.

São habilissimos na construção do arco, da flecha, da *sarabatana*, que é empregada para abater as aves que desejam mortas sem maculas de sangue.

Constróem com a maior perfeição as armadilhas e objetos que armam á cata de caça e de pesca, como os *mundeus*, os *puças*, os *jéqui*, a *sararaca*, etc.

São tambem conhecidos os *tacapes*, os *murucús*, os *curu-*

bis, além dos desenhos notáveis, onde predominam as pinturas, feitas com o *urucú* (*baixa olerana*) e o carajurú, (*bignonia chica*).

O adorno caracteriza o sentimento do indio, que cobre o corpo com tabatinga (barro branco). Esse modo, porém, de revestir o corpo não é peculiar a todas as tribus.

Algumas ha, como a dos Parecis, que se pintam de modo diferente, untando o corpo com um preparado de sementes de *urucú*, macerados com cera e oleos de animais, de tatú e de ema.

“A variedade de enfeites usados pelos indios é incensuravel: contas de madreperola, penas, missangas, frutos, ossos, etc., dos quais em nada ficam os objetos manufacturados devendo aos coloridos e á beleza dos desenhos.”

Em tecelagem levam tambem á boa elevação as suas habilidades, valendo-se do *astrocarium tucum*, palmeira abençoada e fertil que lhes fornece os fios á industria.

Os aborígenes, já revelando um culto aos mortos, não deixavam de aplicar no modo de enterra-los grandes diferenças de ritos, onde imperavam variedades do modo de agir.

Assim, entre o grupo Aruaque, que incinerava previamente o corpo e depositava os ossos em vasos especiais, e os Tupís, que, antecipadamente, lavavam o cadaver, o qual em seguida era adornado de penas e fios de algodão, havia entre os selvagens varios costumes de dar sepultura aos mortos, costumes que vinham desde a inhumação na propria cabana, com o cadaver envolto na sua propria rêde, até o sepultamento em grandes vasos de barro, chamados *camutins*.

O nosso aborígene não conheceu o metal, pelo que não pôde fundi-lo nem trabalhá-lo, trazendo, algumas tribus chapas de ouro ao pescoço, como por exemplo, os Araés, por imitação aos Guínchuas.

E aqui damos por terminada a nossa pesquisa, sintética, relativamente á arqueologia geral do ameríncola brasileiro, escrevendo, contudo, algumas palavras acerca das flechas nos seus diversos tipos.

Para tal, aproveitamos a descrição do *Dr. Roquette Pinto*, do Museu Nacional, quando para o mesmo remeteu crescida coleção, em 1910.

Flecha dos Indios da Serra do Norte — 11-7-910.
Retiro do Veado Branco. Comprimento — 1,m 62. Base profundamente entalhada; 2 penas seguras por fios isolados; uma de mutum e outra de caracarú. Ponta lisa de

madeira vermelha, cilíndrica, embutida na haste, segura por fios de tucum e fitas de embira.

Flecha dos Índios da Serra do Norte — 20-7-910.

Mede 1,m 68. Base — profundamente entalhada; 2 penas de gavião seguras por fio contínuo, coberto de breu. Ponta de madeira, com uma farpa. Ao nível da parte superior da haste acham-se 2 fitas de embira que concorrem para a manutenção da ponta.

Flecha dos Índios da Serra do Norte — 11-7-910.

Comprimento total 1,m 80. Base entalhada fundo; 2 penas de mutum presas até certo ponto por fio contínuo, coberto de breu, e daí por diante por 8 pontos separados. Ponta de madeira vermelha, com 1 farpa curta.

Na porção mediana ha 1 fita de embira, enrolada em espiral.

Serra do Norte. — 11-7-910. Comprimento total 1,m 58. Base entalhada, com 2 penas de mutum seguras por fio contínuo, coberto de breu. Ponta de taquara larga e cortante, lisa, presa á haste por uma peça intermediaria de madeira vermelha, mantida por fios de tucum.”

Flechas:

“As flechas da coleção pertencem ás tribus dos Índios Urupá, do Giparaná e dos Nhambiquaras; incluem-se nestes os Índios da Serra do Norte, cujo nome ainda não é conhecido, mas que são certamente os mesmos Nhambiquaras.

Flecha dos Índios Urupá. Mede 1,m 37. Haste de taquara de 1,078, 0,008 de diametro. Base com 2 penas de mutum, seguras por pontos de embira. Ponta de madeira lisa, segura por fitas de embira enrolada. Pequena farpa de espinho negro, na extremidade, segura por fio de tucum, sem resina.

Comprimento: 1,m 47. Haste de taquara de 1,050,000. Base circular, sem entalhe, com duas penas de mutum, seguras por fios espaçados. Fitas de casca de Urubamba concorrem para a manutenção dessas penas. Acima delas, a base da flecha possui uma pequena corôa de penas rubras de tucano, mui regularmente talhadas. Ponta formada por 2 peças; uma que se liga á haste da taquara e outra que se une á lamina extrema, tambem da taquara afiada. Extremidade completamente lisa.

Flecha dos Nhambiquaras. Rio Giparaná — 1910.

Comprimento total 1,m 56. Base entalhada com 2 penas de arara, uma azul e outra amarela, presa por um fio contínuo, coberto de breu. Ponta de madeira rija, vermelha,

com 22 farpas simetricas, 2 — 2, achatada longitudinalmente e mantida á haste por fios de tucum.

“Flecha dos Indios da Serra do Norte. — 11-7-910.

Comprimento total 1,m 61.

Base entalhada, com uma pena de gavião e outra de mutum, seguras por fio contínuo, coberto de breu. Ponta protegida por um meritalo de taquara de 0,46 x 0,016.

E' formada por um fragmento de madeira rija, com 4 farpas seguras por fio contínuo, coberto de breu, mantido á haste por fios coloridos de vermelho e por pequena fita de embira.”

E, com esta pequena coleção de flechas, cuja descrição é, como dissemos, da autoria do *Dr. Roquette Pinto*, eminente homem de ciencias, brasileiro, encerramos o nosso modesto trabalho, crente de que havemos feito um bem ás letras patrias, embora sem o merecer, e ao nosso intimo, principalmente, por tentarmos a execução do nosso ideal: a contribuição aos esforços científicos e dignos da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

KELKAJ VORTOJ PRI ARKEOLOGIO EN BRAZILLO

La aŭtoro raportas pri niaj scioj pri la arkeologio kaj la antropologio en Brazilo, kaj studas la evoluon historion de la brazila homo, ĉar reale ni havas nur etnografion. Ĝis hodiaŭ ne estis distingitaj en nia lando la Ŝtona, la Bronza kaj la Fera aĝoj; ŝajnas, ke la brazila homo ankoraŭ ne vivis okaze de la geologiaj ŝanĝigoj, kiuj trafis la eŭropan. Laŭ la verkinto, la amerikaj praloĝantoj ne devenas de unu sola raso jam malaperinta, kiel kredis *von Martius*, ĉar tie ĉi oni vidas tipojn diverskulturajn, de intelektoj, moroj kaj artoj malsamaj.

MOCANGUÊS – ILHAS MABAÇAS, ILHAS GÊMEAS – MOCANGUÊ GRANDE, MOCANGUÊ PEQUENO

A Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro recebeu do digno e prestimoso consócio Sr. Comandante Octávio de Gusmão Fontoura o seguinte ofício, datado de 27 de outubro de 1932:

“Ilmo. Sr. Presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

“Octavio de Gusmão Fontoura, muito honrado em ser antigo membro dessa benemerita Sociedade, vem solicitar a vossa influência ativa junto ao Governo do Estado do Rio de Janeiro para o fim de ser mudado o nome da ilha de “Mocanguê Pequeno” para o de “BUARQUE DE MACEDO”.

“Além de evitar-se a confusão que fazem as duas ilhas “Mocanguê Grande” e “Mocanguê Pequeno” confusão às vezes lamentavel, sendo que a “Grande” é estabelecimento militar do Governo Federal e a “Pequena” é das oficinas e diques da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, colimamos perpetuar uma homenagem ao saudoso brasileiro Manoel Buarque de Macedo que, sôbre ser uma glória da engenharia da nossa Patria, foi o criador da Marinha Mercante Nacional e da nossa navegação de longo curso, educando a mocidade que hoje constitue a classe dos nossos náuticos, perfeitamente equiparável aos oficiais mercantes das Nações mais adiantadas.

“O Dr. Manoel Buarque de Macedo foi o organizador do Lloyd Brasileiro que o teve por três periodos como seu Diretor.

“Em um rochedo que era a ilha de “Mocanguê Pequeno”, sem significação comercial, êle fez construir dois grandes diques talhados na rocha e construiu prédios que abrigam as mais completas e perfeitas oficinas de construção naval da America do Sul.

“Parece-nos que os motivos acima justificam a homenagem que vos peço, a de ficar perpetuamente, como expressão geografica, gravado no nosso mapa, o nome do grande brasileiro que foi o Dr. Manoel Buarque de Macedo.

“Com o maior acatamento e consideração, vosso consócio, admirador atento e amigo. *Octavio de Gusmão Fontoura.*”

Na mesma data a Associação Geral dos Empregados do Lloyd Brasileiro dirigiu, a respeito do assunto, o ofício que se segue, á Sociedade de Geografia:

“Ilmo. Sr. Presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

“Pelo nosso prezadíssimo consócio, Sr. Octavio de Gusmão Fontoura fomos notificados de seu ofício de hoje a essa Benemérita Instituição, solicitando a sua valiosa interferência junto ao Govêrno do Estado do Rio de Janeiro, para ser mudado o nome da atual Ilha do Mocanguê Pequeno para o de BUARQUE DE MACEDO.

“A Associação Geral dos Empregados do Lloyd Brasileiro, como Sindicato dos servidores daquela empresa de navegação, não pode fugir ao imperioso dever que se lhe impõe, de reconhecimento que todos nesta casa teem pela figura representativa de Buarque de Macedo, a quem, a empresa oficial de navegação deve, indiscutivelmente, seu vulto impar dentre as congêneres na America do Sul.

“Solidários com o apelo tão em boa hora posto por nosso consócio ás mãos da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, aguardamos ansiosamente a intervenção da Sociedade que tão bem dirigis, junto aos poderes publicos para a consecução de mais esse preito de justiça á memória de quem, ainda hoje, a numerosa família marítima rende uma respeitosa homenagem.

“Apresentando-vos os nossos protestos de elevado apreço e consideração, tenho a honra de assinar-me: *Lucio Nobrega de Magalhães* — Presid. em exercício.”

Secundando a solicitação feita á Sociedade de Geografia, ainda se lhe dirigiram, por ofícios, as seguintes instituições: Sindicato dos Pilotos e Capitães da Marinha Mercante, em 28 de outubro de 1932, Centro dos Radiotelegrafistas da Marinha Mercante, em 31 do mesmo mês, e Associação dos Carpinteiros Navais, em 3 de novembro do mesmo ano.

Em ofício n.º 514, de 31 de outubro, o Sr. Presidente da Soceidade de Geografia respondeu á solicitação nestes termos:

“Ilmo. Sr. Presidente da Associação Geral dos Empregados do Lloyd Brasileiro.

“Por doutrina defendida pela Sociedade de Geografia, doutrina que mantém de pé as tradições do país, não me cabe, ainda que distinguida pela Associação de que sois

digno Presidente, a iniciativa no movimento em prol do nome, aliás glorioso, de Buarque de Macedo, para a atual ILHA DE MOCANGUÊ PEQUENO.

“Assim, aguardando novas ordens de tão ilustre confrade, aqui me subscrevo com admiração e amizade. *Moreira Guimarães* — Presidente.”

O ilustre Sr. Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes, ocupando-se do assunto, escreveu no “O Estado”, de Niteroi, em 4 de novembro de 1932, o artigo que, com a devida vênua, transcrevemos:

“AS “MOCANGUÊS”

“Sob a epígrafe — “Sociedade de Geografia” — “Denominação das Ilhas da Nossa Baía — As Mocanguês —”, publica o “Jornal do Comercio” de 29 de outubro p.p. dois ofícios dirigidos àquela Sociedade, um pelo Sr. Octávio de Gusmão Fontoura, como sócio da mesma, e outro pelo Sr. Lucio Nabuco Magalhães, em nome da Associação Geral dos Empregados do Lloyd Brasileiro, nos quais se lhe pede a valiosa interferência junto ao Govêrno do Estado do Rio de Janeiro para ser mudado o nome da Ilha de “Mocanguê Pequeno” para o de “Buarque de Macedo”.

“O pretexto para a medida, alega-se, é, além de evitar-se a confusão que fazem as duas ilhas “Mocanguê Grande” e “Mocanguê Pequeno”, prestar-se, assim, uma justa homenagem ao ilustre patrício, que foi o Dr. Manuel Buarque de Macedo, organizador do Lloyd Brasileiro que o teve por três períodos como seu diretor.

“Ora, aí está uma lembrança que parece esquecimento... E’, antes, uma lembrança que parece um crime.

“Os bons patriotas não devem deixar que a nossa toponímia brasileira se continue a converter em míseros palimpsestos onde se vão apagando os belos, tradicionais e significativos nomes indígenas trocados por feios e inexpressivos nomes portugueses ou de quaisquer personagens mais ou menos notáveis na ocasião.

“O mal vem desde a Velha Metrópole que nos borrou com suas “palavradas” todo o mapa do Brasil, começando por êste nome lindo e musical de “Niterói” ou “Guanabara” que o expedicionário lusitano estupidamente substituiu por “Baía do Rio de Janeiro”. Assim, tudo o mais.

“Em Portugal’ sempre houve ojeriza pelos nossos nomes indígenas. O próprio ensino do Tupí-Guaraní era proibido no Brasil Colonial.

“Por carta Régia de 6 de maio de 1758 mandou o Marquês de Pombal (que não pode ser santo de nossa devoção) elevar a vilas as aldeias dos Jesuítas, que contassem mais de 50 fogos, “com denominações de lugares de Portugal”. Entre outras foi a aldeia “Paupina” elevada a vila pelo ouvidor geral de Pernambuco, Bernardo Coelho da Gama Passos, no dia 1.º de janeiro de 1760 com o título de “Vilá Nova Real de Macejana d’América”.

“MECEJANA nunca foi o nome indígena da antiga aldeia cearense, torrão natal de José de Alencar, que assim erradamente o supunha, e tanto o poetizou na maravilhosa “Iracema”.

“Dir-se-ia que até hoje vigora a Carta Régia de 6 de maio de 1758...

“A celebre aldeia de “Sapopemba”, de que já falava João de Lery, passou a chamar-se “Deodoro”. “Paraíba”, a gloriosa aldeia de Piragibe, ainda ontem a mudaram para “João Pessoa”.

“Pouco importa a nobreza dos nomes novos: o fato é que os nomes indígenas vão desaparecendo.

“Chegou a vez agora do sacrifício de uma das “Mocanguês”...

“Conforme se sabe, são como que *irmanadas* estas ilhas da Baía de Niterói ou Guanabara — “Mocanguê Grande” e “Mocanguê Pequeno”.

“O nome indígena significa justamente isto: — “*Duas Ilhas, Ilhas Gêmeas, Ilhas Mabaças, Ilhas Inconhas*”. Como todo o nome indígena, vale uma definição pelo genero próximo e diferença específica.

“E’ a etimologia da palavra, e demo-la e explicamo-la ha anos em jornais de Niterói, respondendo á consulta que nos fizera, a respeito, o saudoso indigenista Capitão Manuel Benício, e, se mais tarde veio repetí-la e confirmá-la o mestre, Dr. Miguel Tenório de Albuquerque, em seus “Apostamentos para a Gramática Abanheẽ” (*Apud* “Revista do Museu Paulista”, tomo XVI, pag. 372), quiséramos apenas que se lembrasse de sermos nós quem descobrira...

“Na propria etimologia está mais uma razão para não se mudar o nome de uma das ilhas, pois a outra ficaria *uma só*, e “Mocanguê” inclue a ideia de pluralidade: quer dizer — *duas*.

“Assim, a infelicíssima proposta do Comandante Octávio de Gusmão Fontoura, embora esposada pela Associação Geral dos Empregados do Lloyd Brasileiro, ou que venha

a sê-lo pela Sociedade de Geografia, sobre criminosa, de lesa-Patria, redundando no mais ridículo absurdo.

“Em boa hora, porém, acha-se á frente do Governo do Estado do Rio de Janeiro um patriota ás direitas, como é o Comandante Ary Parreiras, membro de uma família que timbra pela extrema brasilidade: não se ha de consumir o grande pecado.

“Seria o maior sacrilegio.”

Em face das razões apresentadas no artigo supra, o Sr. Comandante Octávio de Gusmão Fontoura, em 9 do mesmo mês de novembro, escreveu á Sociedade de Geografia a carta que reproduzimos:

“Ilmo. Sr. Presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, General Moreira Guimarães. — Rua Marechal Floriano, 212. — Nesta.

“Em tempo de corrigir uma inconveniência, apresso-me a oferecer á vossa leitura o recorte de um artigo publicado no “O Estado” do dia 4 do corrente mês de novembro, em Niterói.

“O erudito Sr. José Geraldo Bezerra de Menezes ensinou-me a significação de “Mocanguês” e agradecido á lição coloco-me decididamente a seu lado em defesa do patrimonio indígena que ainda existe na nossa geografia.

“Conhecedor que sou do espírito conservador da nossa Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, que tão dignamente dirigis, sinto-me bem dentro desse espírito e venho informar-vos desta minha atitude.

“Além de marinheiro que servi ao meu País em zonas de Guerra, sou sertanejo que percorri este Brasil em todas as direções. Servi á Geografia do Territorio do Acre, fiz a exploração do Xingú em 1913. Dois formadores deste rio, o Ferro e o Firme, teem seus nomes dados por mim, que os descobri. A ligação dos meus trabalhos com os do Sr. General Candido Mariano Rondon, a quem tributo sincera admiração, foi feita pela minha fraca atividade.

“Ha cêrca de 25 anos faço parte dessa benemérita Sociedade, sou membro do Instituto Histórico e Geografico do Pará, do Instituto do Museu Nacional e da Royal Geographical Society of London.

“Tratando-se de assunto de Geografia, por direitos que eu penso ter adquirido, julguei-me no dever de encabeçar

uma homenagem justíssima ao saudoso Dr. Manoel Buarque de Macedo, a quem ninguém nega o título de glória que lhe coube na sua atuação relativa á Ilha de Mocanguê Pequeno, á Marinha Mercante Nacional, ao Lloyd Brasileiro com especialidade.

“O ilustre Sr. José Geraldo Bezerra de Menezes deve desculpar-me, mas é certo que, não significasse Mocanguês “Duas Ilhas”, eliminaríamos a confusão que ás vezes se estabelece e renderíamos homenagem a um ente cuja memória é preciosa a todos os bons brasileiros.

“A razão de “Mocanguês” significar “Ilhas Mabaças”, “Ilhas Gêmeas”, é bastante para não insistirmos num desejo que seria efetivamente *infelicíssimo*.

“Nesta data dirigi ao Diretor da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, Comte. Firmino de Carvalho Santos, um officio com copia desta carta, propondo seja mudado o nome das Oficinas de Mocanguê para Oficinas Buarque de Macedo.

“Parece-me que satisfazemos assim o nosso desejo sem prejuizo da nossa brasilidade que não é atingida com a mudança do nome da Ilha de Mocanguê Pequeno.

“Com o maior respeito e acatamento. De V.S. admirador atento e amigo *Octavio de Gusmão Fontoura*.”

Ainda em 9 de novembro o Sr. Comandante Fontoura remetia á Diretoria do Lloyd Brasileiro a carta de que damos cópia:

“Ilmo. Sr. Diretor da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, Comte. Firmino de Carvalho Santos. — Nesta.

“Tenho a honra de endereçar a V.S. um recorte do “O Estado” de Niterói e uma cópia da carta que apresento ao Ilmo. Sr. Presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, General Moreira Guimarães.

“Queremos ser razoáveis e como cultores do espírito de brasilidade que deve animar-nos a todos, modifiquei a homenagem póstuma que queremos prestar ao Dr. Manoel Buarque de Macedo, cuja memória sempre está viva entre nós.

“Não devendo ser mudado o nome da ilha de “Mocanguê Pequeno” por ser ela uma das “Mocanguês”, cuja palavra significa em idioma indígena “Ilhas Gêmeas” (ensinamento do erudito Sr. José Geraldo Bezerra de Menezes), venho pedir a V.S. seja dado ás nossas oficinas de Mocanguê o nome de “Officinas Buarque de Macedo”.

“Convencido de que V.S. se associa ao nosso desejo de perpetuar o nome do Dr. Manoel Buarque de Macedo que foi nosso chefe e amigo, subscrevo-me com o maior acatamento e consideração — admirador, atento e amigo *Octavio de Gusmão Fontoura.*”

Terminando o registo dêsse interessante caso, fazemos a transcrição de outro artigo do “O Estado”, datado de 19 de novembro de 1932:

“AS MOCANGUÊS”

“Vitoriosa a argumentação do Dr. J. G. Bezerra de Menezes, desenvolvida no “O Estado”

“A propósito do artigo sob a epígrafe acima, publicado nesta folha, na edição de 4 do corrente mês de novembro, contra a mudança do nome “Ilha de *Mocanguê* Pequeno” para “Ilha Buarque de Macedo”, tem o Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes recebido muitas adesões ao seu protesto.

“Entre estas adesões figuram as de duas altas autoridades no assunto — Dr. Gastão Cruls, o autor da “A Amazônia Misteriosa” e da “A Amazônia que eu vi”; e Dr. Felix Guisard Filho, o autor da monumental “História de Taubaté” e outras obras de grande valor.

“Mas, a todos sobreleva, no caso, o General Dr. Moreira Guimarães, que é o Presidente da “Sociedade de Geografia” a qual se constituiu a intermediária para a mudança do nome junto do Interventor do Estado do Rio, Comandante Ary Parreiras.

“O General Dr. Moreira Guimarães, dirigiu ao Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes a seguinte carta:

“Meu ilustre amigo Dr. Bezerra de Menezes.

“Cumprimentos cordiais.

“Devo ao querido patricio uma carta. E, mais do que isso, felicitações pelo artigo que em boa hora lançou no “O Estado”.

“Declaro: *foi água na fervura...* tanto que foi conhecido o seu artigo, logo abandonaram a idéa da mudança de nome das “*Mocanguês*” os promotores desse movimento, aliás nobilitante, porque pretendiam honrar um grande brasileiro. A verdade é que a razão está ao lado do excelso cultor

das letras e das ciências. De qualquer modo, foram êles corretos e o amigo admirável.

“Acredite: prestou serviço notável o meu amigo, publicando aquele artigo esplêndido.

“Nesse terreno, estou com o seu espírito luminoso.

“Não se apagam, não devem ser extintas as tradições do nosso país. Por elas é a história que se faz, com segurança.

“E basta.

“Receba um abraço do velho amigo e admirador *Morreira Guimarães*. Rio, 17-11-1932. Rua Guimarães, 49 — Rocha.”

“Está, pois, encerrada a questão. Não se mudará o nome das Ilhas “*Mocanguês*”.

“Nem jamais o permitiria o Interventor do Estado do Rio, Comandante Ary Parreiras.

“O Brasil não precisa nem quer o *aportuguesamento* de sua toponímia...”

MOCANGUÊS — ILHAS MABAÇAS, ILHAS GÊMEAS, MOCANGUÊ GRANDE, MOCANGUÊ PEQUENO

S-ro Octavio de Gusmão Fontoura, ŝipestro ĉe la “Lloyd Brasileiro”, proponis al nia Societo, ke oni ŝanĝu la nomon de la insuloj Mocanguê, ĝin anstataŭigante per *Buarque de Macedo*: tiu alinomigo estus tre praviginda honorigo al la inĝeniero, iama direktoro de tiu navigacia entrepreno dum tri administro-periodoj.

Al tiu ideo kontraŭis d-ro José Geraldo Bezerra de Menezes per la ĵurnalo “O Estado”, publikigata en urbo Niterói (Ŝtato Rio de Janeiro), en artikolo, en kiu li defendas la indiĝenajn nomojn; tiuj ĉi ĝuste esprimas la aĵojn, kiujn ili reprezentas: efektive, la vorto “mocanguê” signifas “du insuloj, ĝemelaj insuloj”.

Per nobla gesto s-ro Fontoura cedis antaŭ la argumentoj de sia klera kontraŭanto kaj indikis la nomon “Buarque de Macedo” por la laborejoj instalitaj en tiuj insuloj.

A SOCIEDADE DE GEOGRAFIA E O INTERCAMBIO CULTURAL COM AS INSTITUIÇÕES CONGENERES ESTRANGEIRAS

Por ocasião de sua visita á Sociedade de Geografia, onde foi recebido em sessão presidida pelo Sr. Dr. Lindolpho Xavier, na ausencia do Sr. General Moreira Guimarães, que se achava enfermo, pronunciou o Prof. Spencer Vampré, da Faculdade de Direito de São Paulo e membro do Instituto Historico e Geografico daquele Estado, o seguinte discurso: —

“Visito sempre com prazer e honra esta casa estudiosa, que, dia a dia, cultiva, na modestia de seus meios materiais, os elementos de mais transcendente importancia para o presente e o futuro do Brasil.

Sob certo aspecto, residem, nas investigações que promoveis, as soluções de maximos problemas internos e externos, pois do conhecimento do territorio nacional, de suas riquezas, possibilidades e desvantagens, decorre a orientação que educadores, administradores, funcionários, estadistas e varões de larga iniciativa, possam imprimir aos nossos destinos.

Mais ainda: — a primeira condição do patriotismo sadio, que se não contenta com torneios retóricos, está no conhecimento dos primores e dos precalços da formação geografica brasileira. Sendo o maior país da America Meridional; entestando as nossas fronteiras com quasi todas as outras Nações desta parte do continente: situados mais perto da Europa, e com mais faceis comunicações com os centros europeus, estadunidenses e canadenses; postos, até através dos rochedos S. Pedro e S. Paulo, nas atalaias da navegação aerea, que está apagando as fronteiras politicas dos povos, e acabará por destruir as muralhas chinas, que se chamam tarifas internacionais e alfandegas, nossa situação no mundo é geograficamente incomparavel. Dilata-se nos, no espaço, um segundo horizonte de intercambio entre o Brasil e os cerebros do mundo, pois, dentro em pouco, se soubermos compreender o nosso papel de cultura, haveremos de exercer uma nobre e fecunda influencia. Tudo na idade

contemporanea depende da instrução das intelligencias, e da formação dos corações. O Brasil, pelo seu papel no passado, pela atuação presente, pelas auras que se lhe desvendam ao futuro, pode dignamente emparelhar-se com as nações mais polidas, si soubermos difundir nas massas populares as joias intellectuais de alguns milhares de brasileiros, educados e instruidos.

E' preciso, meus amigos, que esta hospitalidade generosa, com que me distinguis, se vaze tambem, com o mesmo carinhoso desprendimento, sobre os estrangeiros que vieram, e vem, todos os dias, trazer-nos o inestimavel concurso de sua tecnica, amor ao trabalho, capitais, e iniciativas, e ensinar-nos as ciencias e as artes, que, sendo universais, se acham entretanto desigualmente repartidas entre os povos da Terra.

Peçamos-lhes colaborar em todas as nossas obras, sobretudo para as de educação e de cultura, e os seus corações se abrirão, generosos e ufanos, como lhes estamos abrindo todos os dias os lares e os corações. Nenhum estrangeiro, que deva a este Paiz uma recordação de afeto, um raio de luz espiritual, um pouco de alma, ou um pouco de pão, e que aqui tenha recolhido um pouco de dinheiro, ou um pouco de amor, um bem material ou um traço de amizade sincera, nunca, jamais, deixou de atender a um apelo de colaboração em nome de um alto ideal por sua patria e pelo Brasil.

Muita vez tenho notado que muitos estrangeiros amam melhor a nossa Patria do que alguns brasileiros. Quereis saber por que?

Porque a estudaram, e procuraram compreende-la, não nos seus defeitos e erros, que todas as patrias os tem; mas nas suas qualidades de que, aliás, não estamos ainda bem capacitados e convencidos.

A mim, que amo este Brasil entranhadamente, com todas as véras de minha alma, frequentes vezes, alemães, portugueses, norte e sul-americanos, ingleses, hespanhoes, franceses, japoneses, polacos, filandeses, me hão ensinado a querer mais este torrão sagrado em que nasci, a quere-lo sob um aspecto até então desconhecido para mim. Desde os tempos de Nosso Senhor, ninguem é profeta em sua terra, e tambem nenhuma terra se entreabre a homens de verdadeiro merito, que os não almeje tisnar o carvão da inveja, pequenina e soêz. E aqui está a primeira lição do amor patrio — aprender a conhecer, e, portanto, a amar, as intelligencias e os corações que constroem o Brasil espiritual, tão rico,

tão formoso e tão agazalhador, como o Brasil geografico. Mas, ama-la, sem ciumes estreitos ou jacobinismos tacanhos; ama-lo em colaboração com todos os que, aqui e lá fóra, acalentam os mesmos ideais.

Professor de uma escola, que, todos os dias, prepara o futuro do Brasil, sem se deixar ensoberbecer pelas glorias passadas, — as quais nos devem trazer maior sentimento de responsabilidade do que de orgulho, — sinto-me bem entre vós, porque sois uma alta academia, em que todos são alunos e mestres ao mesmo tempo, e em que um pugilo de homens generosos e sabedores, mantém o fogo vestal das investigações geograficas. Considerae que o futuro nasce do presente, como o momento que vem está agora nascendo deste momento em que vos falo. Considerae, igualmente, (ai de nós!) que o passado tambem se está formando agora, e que este mesmo instante, em que nos reunimos aqui, será dentro em pouco já passado, e dêle restaria apenas a saudade de nosso convivio, si não acalentassemos a certeza de que nos une e unirá a paixão de trabalharmos pelo Brasil.

Desejo aproximar-vos melhor, e mais intimamente, dos homens de S. Paulo, dos de Minas Gerais, dos do Rio Grande do Sul, — dos do Norte, tão glorioso pela inteligencia e pelo patriotismo, como o Sul pelas realizações praticas e economicas, — afim de que se crie um Brasil novo, não pelo açodamento de reformas precipitadas e mal concebidas, na pressa de improvisações ignorantes, mas de um Brasil orientado pela ciencia e pelo amor de nossa gente. Trabalhemos por um Brasil em que, militares e civis, se entendam perfeitamente, unidos pelo respeito á tecnica e á especialização, irmanados pela certeza de que ninguem sabe tudo, e, portanto, todos precisam de todos, e ainda caldeados por um grande amor ao Brasil, amor gerado, não de prosopopéas discursativas, mas do conhecimento sincero, que nasce do estudo e da observação acurados.

Estou a excogitar, com o meu prezado amigo Dr. Mello Franco, os meios de promover novas fórmulas de vida nacional, pela cooperação inteligente dos institutos, que, como vós outros, integram o cerebro e a alma do Brasil. No dia em que nos convenceremos que todo problema nacional, ou humano, é um problema de cultura, isto é, de ciencia e de educação; no dia em que cada um se convencer que pode e deve trabalhar para êle com a sua inteligencia, com o seu trabalho material, com uma contribuição qualquer para qualquer instituto que promova ideais de civilização humana, ou com o simples comparecimento a festividades, que

honrem as Nações, ou os homens eminentes, que as integram ou as representam, — teremos afirmado ao mundo as forças imensas que dormem, latentes, no grande oceano mental e moral do Brasil.

Devo dizer-vos que o Diretor do Departamento Nacional de Ensino, Capitão Dulcídio Cardoso, — que honra as letras civis e militares de nosso País, e que é um carater, porque sabe aproximar-se dos que não comungam, como eu, dos seus credits politicos, com a mesma lhaneza acolhedora, e com a mesma lealdade espontanea, como si tratasse com os seus companheiros de ideais, — presta á colaboração que desejo iniciar comvosco o apoio mais caloroso. E a razão fundamental é que êle é um educador, e voltou os estudos precisamente para as ciencias que aqui honrais, e que se sintetizam no nome de vosso gremio.

Pois bem, como êle, ha moços militares, que engrandecem a patria, pelo idealismo que os impulsiona e pela cultura que os ilumina. Colaboremos com êles, inspirados só pelo amor do Brasil, mas não abduquemos de nossas convicções politicas, não sejamos adesistas, não reduzamos a nossa personalidade moral ao bafejo transitorio do interesse momentaneo. O Brasil precisa dos homens que não sabem aderir, mas sabem colaborar para o bem comum, inspirados só pela ideia da Patria. E aqui mesmo uma alta patente do Exercito Brasileiro, que é, ao mesmo tempo, um dos maiores brasileiros, o Sr. General Moreira Guimarães, diz bem, pela sua formação mental e moral, que o saber congregar homens consiste em achar entre êles um ideal que os una, acima das competições e rivalidades pessoais.

Edifiquemos o Brasil novo; e não deixemos que a hora que passa, venha a ser passada, sem havermos cumprido o nosso dever de brasileiros e de apóstolos da ciencia, nem consintamos que a hora, que vem do futuro, seja presente, sem afirmarmos, por atos, o amor das cousas nossas.”

LA GEOGRAFIA SOCIETO KAJ LA KULTURA INTERSANĜADO

Pri la kultura intersanĝado inter la Geografia Societo kaj la samcelaj fremdlandaj institucioj, la artikolo prezentas la paroladon faritan, en ordinara kunsido, de prof-ro Spencer Vampré, instruisto ĉe la Jurscienca Fakultato de S. Paulo.

La konsideroj de la klera profesoro, kiuj sin ĉiam bazas sur la principoj de la Sociologio, estas esence kulturaj. En tiu ĉi direkto d-ro Vampré klopodas por "novaj formoj de nia nacia vivo, per la saĝa kunlaborado de la institutoj, kiuj, kiel la Geografia Societo, reprezentas la cerbon kaj la animon de Brazilo".

CRIAÇÃO DO SERVIÇO GEOGRÁFICO DO EXÉRCITO

Decreto n.º 21.883 — de 29 de Setembro de 1932

Damos abaixo os principais artigos do regulamento que baixou com o Decreto n.º 21.883, de 29 de Setembro de 1932, e pelo qual foi criado o *Serviço Geográfico do Exército*.

E' de louvar esse importante ato do Chefe do Governo Provisório da República, que estabelece um serviço de grande importância e que concorrerá para o perfeito conhecimento do território nacional. Sentimos não ter espaço para trasladar todo o regulamento.

Eis os artigos principais:

“Fins

Art. 1.º E' criado o Serviço Geográfico do Exército (S.G.E.), que substitue, com a ampliação constante dêste regulamento, a Comissão da Carta Geral do Brasil e o Serviço Geográfico Militar.

Art. 2.º O Serviço Geográfico do Exército (S.G.E.) destina-se ao levantamento, organização, preparação e impressão das cartas geográficas e topográficas, necessárias principalmente á defesa militar.

Os objetivos das cartas, a natureza do terreno e as circunstâncias de prazo e lugar determinam sua qualidade, escala e precisão em métodos ou processos a empregar.

Art. 3.º O S.G.E. procurará recolher e coordenar todos os dados idôneos (federais, estaduais, municipais, privados, nacionais e estrangeiros) sôbre a geografia e cartografia do país, sua descrição física e política e recursos diversos, principalmente no que interessa á defesa nacional.

Promoverá e realizará, como instituição técnico-científica que é, os estudos e experiências concernentes á sua atividade.

§ 1.º Não poderá executar nenhum trabalho de levantamento ou de campo não pertencente ao Ministério da Guerra ou fora dos programas aprovados pelo Estado-Maior do Exército, mesmo que sejam federais. Exceptuados êstes e quando devidamente autorizado, poderá encarregar-se, den-

tro de sua alçada técnica e mediante indenização, de outras incumbências de reconhecida utilidade pública, desde que isso não perturbe sua atividade normal.

§ 2.º Atendendo ao seu valor econômico e administrativo, as produções do Serviço Geográfico do Exército que não tiverem caráter reservado serão acessíveis ao público. A decisão sobre a natureza reservada dessas produções compete ao chefe do Estado-Maior do Exército.

Art. 4.º Tem sob sua jurisdição a Escola de Engenheiros Geógrafos Militares.

Subordinação

Art. 5.º O Serviço Geográfico do Exército fica subordinado ao ministro da Guerra nos assuntos administrativos gerais, constituindo uma Diretoria de Serviço. A orientação geral do trabalho sobre as zonas a levantar para atender às necessidades da defesa nacional será dada pelo Estado-Maior do Exército, embora sem nenhuma interferência na técnica da execução. Os programas anuais de trabalho serão submetidos previamente à aprovação do Estado-Maior do Exército.

Divisão orgânica

Art. 6.º O Serviço Geográfico do Exército é formado da Diretoria e dos Grupos Gráfico e Administrativo, e de tantas Divisões de Levantamento quantas forem necessárias.

§ 1.º A Diretoria, os Grupos Gráfico e Administrativo formam a Sede do Serviço Geográfico do Exército na Capital Federal.

§ 2.º As Divisões de Levantamento dividem-se em Grupos, os Grupos em Secções e estas em Sub-Secções ou Turmas de campo.

DIRETORIA

Art. 16. A Diretoria do Serviço Geográfico do Exército compreende:

Diretor;

Gabinete do Diretor;

Gabinetes técnicos;

Gabinete de publicações e Biblioteca-Arquivo.

Parágrafo único. O Serviço de Saúde fica diretamente subordinado ao diretor do S.G.E.

Art. 17. O cargo de diretor compete a um general ou coronel do quadro ativo do Exército e do técnico-militar

do S.G.E. Tem sobre o pessoal do S.G.E. a competência de um comandante de Região Militar.

Parágrafo único. O diretor superintende todas as atividades do S.G.E., chefia e inspeciona todos os seus trabalhos e toma as providências necessárias á eficiência de seus resultados.

Art. 18. O Gabinete do Diretor abrange todos os trabalhos de secretaria do S.G.E.: protocolo, correspondência, despacho do diretor, escrituração, arquivo e boletim da Diretoria.

Art. 19. Os gabinetes técnicos incumbem-se do exame, pesquisa e estudo de todas as questões técnico-científicas do S.G.E., com o fim de manter a unidade de doutrina e obter a maior eficiência dos trabalhos.

Além disso, coordena os resultados, organiza e redige as publicações e estimula o estudo, mantendo o pessoal do S.G.E. ao par da evolução da técnica de suas diversas especialidades.

Estão subordinados diretamente ao diretor do Serviço Geográfico do Exército.

Art. 20. Haverá quatro gabinetes técnicos a saber:

Gabinete de Geodesia;
Gabinete de Topografia;
Gabinete de Fotogrametria;
Gabinete de Física e Química.

Parágrafo único. Cada um desses Gabinetes, com as necessárias instalações técnicas, ficará sob a direção de um *consultor técnico*. Os três primeiros terão oficiais adjuntos.

Art. 21. O Gabinete de Geodesia, além dos fins definidos nas atribuições do respectivo consultor técnico (artigo 54), tem mais os seguintes:

§ 1.º Os estudos, pesquisas e observações sobre os problemas de Geodesia Superior.

§ 2.º Os trabalhos de exame e comparação de instrumentos geodésicos.

Art. 22. O Gabinete de Topografia, além dos fins definidos nas atribuições do respectivo consultor técnico (artigo 54), tem mais os seguintes:

§ 1.º Proceder á revisão final dos originais cartográficos a serem impressos, bem como das provas de impressão.

§ 2.º Recolher e coordenar os dados geográficos e estatísticos das regiões levantadas, para a organização da respectiva descrição geográfica militar.

§ 3.º Executar os trabalhos de exame e comparação de instrumentos topográficos.

Art. 23. O Gabinete de Fotogrametria, além dos fins definidos nas atribuições do respectivo consultor técnico (art. 54), tem mais o seguinte:

Parágrafo único. O exame de instrumentos e aparelhos e determinações de suas constantes.

Art. 24. O Gabinete de Física e Química, além dos fins definidos nas atribuições do respectivo consultor técnico (art. 54), tem mais as seguintes:

§ 1.º Os estudos das questões físico-químicas relativas aos trabalhos do S.G.E., principalmente dos processos de reprodução e impressão de cartas.

§ 2.º Os exames de material (drogas químicas, gomas, tintas, papéis, chapas e filmes fotográficos, etc.).

§ 3.º Os trabalhos de micro-fotografia; comparações de termômetros, barômetros, etc.

Art. 25. O Gabinete de publicações se incumbirá da publicação do *Anuário do Serviço Geográfico do Exército* e de outras publicações que interessem o S.G.E., principalmente trabalhos dos Gabinetes Técnicos.

Art. 26. A' Biblioteca-Arquivo, que se destina principalmente a satisfazer as consultas do pessoal do S.G.E., cabe a guarda, conservação e conveniente catalogação de livros, mapas, impressos, originais de cálculo e de levantamento do Serviço Geográfico do Exército. Compreende:

- Biblioteca;
- Mapoteca;
- Arquivo técnico.

Parágrafo único. O serviço respectivo será discriminado no *Regulamento Interno do Serviço Geográfico do Exército*.

Art. 27. O Serviço de Saúde será dirigido por um médico militar.

Parágrafo único. Rege-se-á pelas disposições especiais do Serviço de Saúde do Exército."

O Regulamento do Serviço Geográfico do Exército, que contém 169 artigos, foi publicado no *Diário Oficial* de 18 de Outubro de 1932.

RESUMO EN ESPERANTO — Kreado de la Armea Geografia Servo — Tio estas la transskribado de la parto rilata al la celoj de la Dekreto n-ro 21.883, kiu kreis specialan fakon nomatan *Armea Geografia Servo*. Tiu nova departemento de la publikaj servoj pliampleksigis la servojn, kiuj troviĝis sub la respondeco de la iama komitato de la ĝenerala karto de Brazilo, kiu havigis tiom da bonaj rezultatoj.

DECRETO N.º 22.698 – DE 11 DE MAIO DE 1933

Incumbe o Ministerio da Agricultura, de fiscalizar as expedições nacionais, de iniciativa particular e as estrangeiras, de qualquer natureza, empreendidas em território nacional, solicitando o concurso de outros Ministérios, sempre que se tornar necessário.

O Chefe do Governo Provisório da Republica dos Estados Unidos do Brasil, usando das atribuições que lhe confere o Art. 1.º do Decreto n.º 19.398, de 11 de Novembro de 1930, e;

Considerando que se tornam cada vez mais frequentes as incursões em território nacional de expedições sem prévio conhecimento do Governo Brasileiro;

Considerando a necessidade de coibir os abusos ou prejuízos que possam acarretar essas explorações no interior do País;

Considerando a urgência de proteger os monumentos nacionais, históricos, legendários e artísticos do País contra os riscos que atualmente correm;

Considerando, ainda, que assiste ao Governo o dever de examinar a idoneidade das expedições e a veracidade dos objetivos por elas alegados;

Decreta :

Art. 1.º — Fica o Ministério da Agricultura incumbido de fiscalizar as expedições nacionais de iniciativa particular e as estrangeiras de qualquer natureza, empreendidas em território nacional, solicitando o concurso de outros Ministérios, sempre que se tornar necessário;

Art. 2.º — As missões estrangeiras que se propuserem a penetrar no interior do País deverão solicitar, por intermédio do Ministério das Relações Exteriores e com trinta dias de antecedência, a necessária autorização do Ministério da Agricultura, cientificando-o dos objetivos e do plano da expedição.

Art. 3.º — As missões devidamente autorizadas serão sempre acompanhadas por expedicionários brasileiros, designados pelo Governo, de conformidade com a natureza e os fins da expedição.

Art. 4.º — Sempre que a expedição for julgada de interesse nacional, o Governo Brasileiro custeará as despesas dos seus representantes; em caso contrário, as despesas correspondentes correrão por conta dos expedicionários que, para esse fim, depositarão no Tesouro Nacional a quantia necessária.

Art. 5.º — Nenhum espécimen botânico, zoológico, mineralógico e paleontológico poderá ser transportado para fora do País senão quando existirem similares em algum dos institutos científicos do Ministério da Agricultura, ou no Museu Nacional.

Art. 6.º — Todo o material científico colhido pelas missões estrangeiras deverá ser dividido, em partes iguais, entre o Governo Brasileiro e os expedicionários.

Art. 7.º — Nenhum monumento natural, histórico, legendário ou artístico do País poderá ser transportado para o estrangeiro sem autorização expressa do Governo Brasileiro.

Art. 8.º — Dos relatórios, plantas ou filmes realizados por qualquer expedição, deverá ser fornecida uma cópia autêntica ao Governo Brasileiro, que a arquivará, assegurando aos expedicionários todos os direitos autorais.

Art. 9.º — Fica o Ministério da Agricultura incumbido de regulamentar o presente Decreto, dentro do prazo de trinta dias.

Art. 10.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 11 de Maio de 1933, 112.º da Independência e 45.º da República.

GETULIO VARGAS

Juarez do Nascimento Fernandes Tavora

Afranio de Mello Franco.

(Publicado no *Diário Oficial* de 22 de Maio de 1933).

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO

RELATÓRIO DO ANO DE 1932

Apresentado á Assembléia Geral de 25 de Fevereiro de 1933

Pelo Presidente

GENERAL DR. J. M. MOREIRA GUIMARAES

Ilustres Consócios da "Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro":

Pela reeleição com que, honrando-me, ainda uma vez me collocastes á frente dos destinos da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, aqui venho agradecer-vos essa deveras acalentadora confiança, formulando os melhores votos para que sejam de benefícios para a veneranda associação os dias de 1933.

E agora, cumprindo os nossos Estatutos, vou relatar-vos o que ocorreu, durante o ano transacto, nesta douta Sociedade, cujo passado é de labores em prol do país e vale toda a segurança do seu futuro esplendoroso.

ASSEMBLÉIAS GERAIS

Durante o ano de 1932 foram efetuadas duas Assembléias gerais, realizadas respectivamente a 25 de Fevereiro e a 14 de Dezembro; sendo a 1.^a para a leitura do Relatório de 1931, aprovação das respectivas contas e comemorativa do 49.^o anniversario da fundação da Sociedade, e a 2.^a para a eleição da Administração, cujo mandato será exercido durante o período de 25 de Fevereiro de 1933 a 25 de Fevereiro de 1935 (anexo n.^o 1).

SESSÕES MAGNAS

Nesse mesmo ano de 1932, foi realizada a Sessão Magna comemorativa do 49.^o anniversario da fundação da Sociedade aos 25 de Fevereiro.

CONFERÊNCIAS

Não foram além de três, pelos trabalhos de instalação da sala de conferências; a 1.^a conferencia de 1932, a 16 de Abril, fê-la o socio correspondente Dr. Albert Gertsch, Ministro da Suíça, que tratou da bela Suíça, discorrendo sobre "*A Festa da Uva na Suíça*" e ilustrando o seu trabalho com interessantíssimas projeções luminosas; a 2.^a, realizada aos 21 de Maio, fê-la o Dr. Karl Leu, sobre o tema "*A Questão das Raças na Europa*", também com projeções luminosas; a 3.^a aos 25 de Junho, fê-la o professor Hidezô Tanakadate, discorrendo sobre "*As Condições Atuais do Japão*", ilustrando-a com projeções luminosas e havendo além disso musicas japonesas.

SESSÕES DO CONSELHO

Durante o ano de 1932, realizaram-se as dez (10) sessões ordinárias do Conselho Diretor da Sociedade de Geografia, nas quais foram tratados assuntos de grande interêsse social, fazendo, além disso, vários consócios comunicações geográficas, que menciono no anexo n.º 2, do mais alto interêsse para a ciência e para a pátria.

PUBLICAÇÕES

Ainda motivado pela situação financeira da Sociedade, não foi possível, nesse ano, a publicação dos tomos referentes ao 2.º Semestre de 1929 e anos seguintes; no entanto, graças ao auxílio concedido pelo atual governo, no mês de Outubro, acha-se bastante adiantada na tipografia a impressão dos mesmos números do ano de 1932, o que permite assim seja regularizada a publicação da *Revista da Sociedade de Geografia*.

SECRETARIA

Este departamento, durante o ano de 1932, teve o seu movimento bastante ampliado em relação aos anos anteriores, tendo sido incansável o Secretário Geral, Dr. Carlos Augusto Guimarães Domingues.

TESOURARIA

A Tesouraria da Sociedade de Geografia continúa tendo á sua frente o sócio Benemérito Dr. Alberto Couto Fernandes, que nesse posto, vem prestando os melhores serviços a esta utilíssima Sociedade.

Pelo balanço anexo a este Relatório, verificará toda gente a exata notícia da aplicação dos exíguos recursos pecuniários da nossa benemérita associação.

AUXÍLIO OFICIAL

Desde o ano de 1930, ficou a Sociedade de Geografia desprovida da sua subvenção.

Mas, já em Outubro de 1932 o Governo pagou á Sociedade a quantia de sete contos e quinhentos mil réis, relativa á prestação do 1.º Semestre do mesmo ano, subvenção essa anual de quinze contos de réis.

Não é ainda o bastante. Mas auxilia sobretudo á Sociedade de Geografia.

BIBLIOTECA E MAPOTECA

Esse departamento durante o ano de 1932, chefiado pelo nosso consócio benemérito Dr. João Ribeiro Mendes, teve o seu trabalho bem desenvolvido, conforme se verifica no anexo n.º 5.

Com a mudança da Biblioteca do andar térreo para o 1.º andar, e antes, com a mudança da sede da Praça 15 de Novembro, 101, para a Rua Marechal Floriano 212, onde se encontra presentemente, o catálogo ficou desorganizado, estando sendo feita a respectiva re-catalogação, obedecendo-se ás normas aquí instituídas.

Os principais arquivos da Biblioteca, apesar de serem bastante antigos e de madeira, passaram por uma restauração, oferecendo atualmente melhor aspecto; no entanto, se possível fôsse, seria o ideal, a aquisição de arquivos ou armações de ferro, não só pela estética como também, para melhor conservação das coleções existentes, muitas das quais preciosíssimas.

A Mapoteca foi enriquecida com alguns mapas e cartas geográficas, conforme se verifica no anexo n.º 5; durante o ano de 1932 o movimento de consultas foi muito animador não só na Mapoteca como também na Biblioteca, (anexo n.º 5).

VIDA SOCIAL

Atendeu sempre a Sociedade aos convites que lhe dirigiram para as sessões, conferências e recepções de caráter oficial ou diplomático, tendo assim tomado parte na "Assembléia Inaugural do Instituto Panamericano de Geografia e Historia", realizado nesta Capital, pelos seus Delegados, nossos dignos consócios Drs. Alcides Bezerra, Saladino de Gusmão, Coronel Souza Docca e professor Dr. Everardo Bachkeuser.

Realizou aos 7 de Dezembro uma sessão especial de despedida, consagrada ao Dr. Hubert Knipping, então Ministro da Alemanha no Brasil, por ter esse nosso ilustre confrade de regressar ao seu país. Foi essa sessão concorridíssima, tendo o referido Ministro, pró-

duzido emocionante discurso de agradecimento a esta douta associação.

CONCLUSÃO

Aí estão os fatos capitais, ocorridos em 1932 e que interessam á vida da Sociedade de Geografia.

Vem de molde lembrar sôbre a sede social, o que tenho dito em outras ocasiões. E' notório que a atual sede na Rua Marechal Floriano n.º 212, foi cedida pelo Ministério da Guerra. Mas, ainda não satisfaz ás exigências de uma Sociedade de Geografia como a que vem desempenhando os seus deveres desde 1883.

No pavimento térreo estava a Biblioteca como o Arquivo. Agora, porém, ali se acham dependências do Ministério do Exterior.

A verdade é que todos trabalhamos com o mesmo ardor de sempre, honrando as nobres tradições da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, que não quer ser útil senão á Patria, cuja terra e cujo povo exigem todo o nosso esforço e inteira dedicação de que somos capazes, estudando cada vez mais a geografia do nosso país, para bem conhecermos não só a riqueza na superfície de nosso território, mas aquela outra riqueza, que tanto se conserva distante dos nossos olhos.

Não temos o Diretor do Expediente. Mas o Secretario geral e o seu auxiliar Aristoteles Gomes Macedo, fizeram compreender que podemos dispensar aquele diretor. Aliás as funções de semelhante Diretor desempenhou-as, cabalmente, merecendo os meus louvores mais calorosos o aludido auxiliar Aristoteles Gomes Macedo.

E quanto ao mais, todos os meus companheiros de Diretoria e os funcionários desta casa são dignos dos nossos aplausos.

General Moreira Guimarães — Presidente.

ANEXO N.º 1

Administração eleita para o biênio 1933 a 1935

DIRETORIA

Presidente — General Dr. José Maria Moreira Guimarães
 1.º Vice-Presidente — Professor Lindolpho Xavier
 2.º Vice-Presidente — Dr. Everardo Bachkeuser
 3.º Vice-Presidente — Dr. Randolpho Chagas
 Secretário Geral — Dr. Carlos Augusto Guimarães Domingues
 1.º Secretário — Dr. João Alcides Bezerra Cavalcanti

2.º Secretário — Dr. João Ribeiro Mendes
 Tesoureiro — Dr. Alberto Couto Fernandes
 Orador — Professor La-Fayette Côrtes

CONSELHO DIRETOR

Dr. Affonso Vaz de Mello
 Dr. Alexandre Emilio Sommier
 Dr. Augusto Xavier Oliveira de Menezés
 Professora Aurea Xavier
 Edmundo Felix Tribouillet
 Dr. Epitacio Monteiro Pessoa
 Padre Geraldo José Pauwles
 General Heliodoro de Miranda
 Dr. Marcos Carneiro de Mendonça
 Capitão José Augusto Barbosa
 Dr. José Magarinos de Souza Leão
 Dr. José Mattoso Maia Forte
 Dr. José Wanderley de Araujo Pinho
 Dr. Paulo José Pires Brandão
 Almirante Raul Tavares
 Dr. Raymundo Saladino de Gusmão
 Dr. Sylvio Frões de Abreu
 Dr. Taciano Accioli Monteiro

COMISSÃO DE CONTAS

Dr. Augusto Carlos Moreira Guimarães
 Edmundo Felix Tribouillet
 Professor Luiz Duarte Gama
 Coronel Luiz M. de Barros Fournier
 Dr. Taciano Accioli Monteiro

COMISSÃO DE REDAÇÃO DA REVISTA

Dr. Alexandre Emilio Sommier
 Dr. Carlos Augusto Guimarães Domingues
 Dr. João Alcides Bezerra Cavalcanti
 Dr. Raymundo Saladino de Gusmão
 Dr. Sylvio Frões de Abreu.

ANEXO N.º 2

COMUNICAÇÕES GEOGRAFICAS

- Padre Geraldo José Pauwles — “Potomografia no Amazonas”, em 2-3-1932.
- Dr. Saladino de Gusmão — “Oscilações do Amazonas”, em 2-3-1932.
- Professor Lupercio Hoppe — “A Infancia da Humanidade”, em 6-4-1932.
- Dr. Taciano Accioli — “O Centenário de Ferreira Vianna”, em 4-5-1932.
- Dr. Alexandre Sommier — “As Fronteiras do Brasil-Uruguay”, em 1-7-1932.
- Padre Geraldo José Pauwels — “A Origem dos Lagos dos Andes Meridionais” e “Quedas d’Aguas do Brasil”, em 3-8-1932.
- Professor Lupercio Hoppe — “Estudos Históricos sobre os vultos de Ferreira Viana e Teixeira Mendes” em 3-8-1932 e 14-9-1932.
- Dr. Alcides Bezerra — “Os Geógrafos do Século XIX”, em 9-11-1932.
- Padre Geraldo José Pauwles — “Ventos Gerais do Oeste” e “Origem do Estuário do Pará”, em 9-11-1932.
- Dr. José Magarinos — “Amazônia”, em 9-11-1932.

ANEXO N.º 3

EXPEDIENTE DA SECRETARIA

Correspondencia enviada

- 34 Offícios
- 16 Circulares
- 26 Cartões
- 44 Diversos
- 7 Telegramas.

Correspondência enviada

- 119 Offícios
- 440 Convites para Assembléias
- 336 Convites para as Sessões do Conselho
- 26 Cartas
- 11 Telegramas.

ANEXO N.º 4

INSCRIÇÃO DE SOCIOS

*Efetivos**Matr.*

1.688	— Cap. Dulcideo do Espirito Santo Cardoso . . .	2-3-1932
1.688 A	— Ten. Antonio Leoncio Pereira Ferraz	" " "
1.689	— Dr. José Soares Brandão Filho	" " "
1.690	— Dr. Oscar dos Santos Pimentel	" " "
1.691	— Prof. Armando Magalhães Corrêa	" " "
1.693	— Dr. Otto Sand Knebler	" " "
1.694	— Dr. German Chávez	6-4-1932
1.695	— Comte. Braz Dias de Aguiar	" " "
1.696	— Ten.-Coron. Carlos Amadeu de Carvalho . . .	" " "
1.697	— Cap. Carlos Alberto Bastos	" " "
1.698	— Ten. Christovão Falcão Castello Branco . . .	" " "
1.699	— Cap. Aureliano Luiz de Faria	" " "
1.700	— Cap. Albino Gonçalves Carneiro	" " "
1.701	— Cap. Armando de Carvalho Dias	" " "
1.702	— Ten. Ademar de Oliveira Cruz	" " "
1.703	— Ten. Arnaldo Morgado da Hora	" " "
1.704	— Cor. Augusto Porkorny	" " "
1.705	— Cap. Hermenegildo Portocarrero	" " "
1.706	— Cap. João Masson Jacques	" " "
1.707	— Cap. João Affonso Medeiros e Albuquerque .	" " "
1.708	— Cap. Misael Cavalcanti de Albuquerque . . .	" " "
1.709	— Cap. Lincoln de Carvalho Caldas	" " "
1.710	— Cap. João Brito da Silva	" " "
1.711	— Cap. José Brito da Silva	" " "
1.712	— Cap. José Corrêa de Mattos	" " "
1.713	— Cap. Sylvio de Almeida	" " "
1.714	— Cap. Jacintho Dulcardo Moreira Lobato . . .	" " "
1.715	— Cap. Ernesto Bandeira de Mello	" " "
1.716	— Cap. Francisco Pereira da Silva	" " "
1.717	— Ten. Renato Rodrigues Ribas	" " "
1.718	— Ten. Roberto Pedro Michelena	" " "
1.719	— Ten. Tales Facó	" " "
1.720	— Ten. Benjamin Arcoverde de A. Cavalcanti .	" " "
1.721	— Gen. Victor Eduardo Roszany	4-5-1932
1.722	— Maj. Armando de Mello Ararigboia	" " "
1.723	— Ten. Amaury Kruel	" " "
1.724	— Maj. Joaquim Nunes de Carvalho	" " "
1.725	— Prof. Emilio de Mesquita Vasconcellos	" " "

1.726	— Dr. Theotimo Ribeiro	4-5-1932
1.727	— Dr. Rodolpho Coutinho	" " "
1.728	— Dr. Roberto Muniz Gregory	" " "
1.729	— Maj. Henrique Q. de Castro e Silva	" " "
1.730	— Maj. Lysias Rodrigues	" " "
1.731	— Dr. Liberato Bittencourt Filho	" " "
1.732	— Cor. Luiz M. de Barros Fournier	" " "
1.733	— Cor. Luiz de Castro Afilhado	" " "
1.734	— Cap.-Ten. Diogo Borges Fortes	" " "
1.735	— Dr. Candido Jucá Filho	" " "
1.736	— Dr. Celso Lemos	" " "
1.737	— Cor. Caio Lustosa Lemos	" " "
1.738	— Dr. Augusto Xavier Oliveira de Menezes	" " "
1.739	— Cor. Olyntho de Mesquita Vasconcellos	" " "
1.740	— Ten. Waldemiro Pimentel	" " "
1.741	— Dr. Sylvestre P. de Góes Monteiro	" " "
1.742	— Dr. Achilles Lisboa	" " "
1.743	— Ten. Affonso Aranha P. Nina	" " "
1.744	— Cor. João Borges Fortes	" " "
1.745	— Dr. João Severiano da Fonseca Hermes	" " "
1.746	— Dr. Humberto Pimentel Duarte	" " "
1.747	— Cor. Alvaro de Alencastro	6-7-1932
1.748	— Alm. Antonio Julio de Oliveira Sampaio	3-8-1932
1.749	— Consul Waldemar de Araujo	" " "
1.751	— Dr. Janserico de Assis	9-11-1932
1.752	— Mar. Joaquim Marques da Cunha	" " "
1.753	— Cor. Boanerges Lopes de Souza	" " "

*Correspondentes**Matr.*

1.692	— Maj. Walter Ferrel Winton — do Exército Americano	4-5-1932
1.750	— Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva — Em- baixador do Brasil em Lisboa — Portugal	14-9-1932

ANEXO N.º 5

MOVIMENTO DA BIBLIOTECA E MAPOTECA

Obras consultadas durante o ano

Geografia — 36 obras em	79 vols.
Botânica — 14 obras em	22 vols.
Geologia — 7 obras em	16 vols.

História — 9 obras em	12 vols.
Etnografia — 15 obras em	18 vols.
Meteorologia — 18 obras em	22 vols.
Filosofia — 6 obras em	8 vols.
Literatura — 21 obras em	21 vols.
Revistas — 18 em	46 vols.
Mapas e cartas	42 peças.

153 consultantes que consultaram 144 obras em 244 volumes e 42 Mapas e Cartas geograficas.

Obras entradas durante o ano

Por compra — 2 obras em	21 vols.
Por permuta — 183 obras em	341 vols.
Por doação — 169 obras em	203 vols.
” ”	6 mapas.

Tendo sido aumentada a Biblioteca com 354 obras em 565 volumes, e a Mapoteca com 6 mapas.

Publicações remetidas

49 exemplares dos diversos tomos da *Revista da Sociedade de Geografia*.

Funcionamento

A Biblioteca e a Mapoteca, durante o anno de 1932, funcionaram 277 dias nas horas do seu expediente normal.

João Ribeiro Mendes
Bibliotecario.

ANEXO N.º 6

PUBLICAÇÕES DA “SOCIEDADE DE GEOGRAFIA”,
EXISTENTES EM 31-12-1932

“Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro”

Tomo n.º I — 1.º trim. de 1885	esgotado
” ” I — 2.º trim. de 1885	20 exemplares
” ” I — 3.º trim. de 1885	30 ”
” ” I — 4.º trim. de 1885	50 ”

Tomo n.º II — 1.º ao 4.º trim. de 1886	30	exemplares
" " III — 1.º trim. de 1887	32	"
" " III — 2.º trim. de 1887	36	"
" " III — 3.º trim. de 1887	53	"
" " III — 4.º trim. de 1887	60	"
" " IV — 1.º trim. de 1888	70	"
" " IV — 2.º trim. de 1888	58	"
" " IV — 3.º trim. de 1888	60	"
" " IV — 4.º trim. de 1888	50	"
" " V — 1.º trim. de 1889	40	"
" " V — 2.º trim. de 1889	50	"
" " V — 3.º trim. de 1889	60	"
" " V — 4.º trim. de 1889	80	"
" " VI — 1.º trim. de 1890	50	"
" " VI — 2.º trim. de 1890	30	"
" " VI — 3.º e 4.º trim. de 1890	60	"
" " VII — 1.º ao 4.º trim. de 1891 (de cada)	60	"
" " VIII — 1.º trim. de 1892	50	"
" " VIII — 2.º trim. de 1892	60	"
" " VIII — 3.º e 4.º trim. de 1892	80	"
" " IX — 1.º ao 2.º trim. de 1893	60	"
" " IX — 3.º e 4.º trim. de 1893	40	"
" " X — 1.º ao 4.º trim. de 1894	60	"
" " XI — 1.º ao 4.º trim. de 1895	80	"
" " XII a XIV — 1896 a 1901		esgotados
" " XV, XVI, XVII e XVIII — 1902, 1903, 1904 e 1905 (de cada tomo)	50	exemplares
" " XIX a XXI — 1906 a 1908	490	"
" " XXII a XXIV — 1909 a 1911	464	"
" " XXV a XXVII — 1912 a 1922	670	"
" " XXVIII — 1923	530	"
" " XXIX — 1924	460	"
" " XXX — 1925	347	"
" " XXXI — 1926 a 1927	453	"
" " XXXII — (1.º sem. de 1928) 1928	724	"
" " XXXIII (2.º sem. de 1928) 1928	583	"
" " XXXIV — (1.º sem. de 1929) 1929	722	"

"Geografia do Brasil"

Tomo n.º I — 1922	1.251	exemplares
" " II — 1922	989	"
" " IX — 1922	1.134	"
" " X — 1922	1.416	"

"A Terra Mineira" (Separata do Vol. X da "Geografia do Brasil")
462 Exemplares

João Ribeiro Mendes
Bibliotecário.

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO
BALANÇO DO ANO DE 1932

<i>Receita</i>		
Saldo que passou do ano de 1931		158\$930
Contribuições dos socios	6:204\$000	
Juros de apolices	100\$000	
Venda de 4 apolices	3:040\$000	
Donativos	198\$130	
Indenização	50\$500	9:592\$630
Subvenção do Governo Federal correspon- dente ao 1.º semestre de 1932		7:500\$000
		<hr/>
Rs.		17:251\$560

<i>Despesa</i>		
Vencimento dos empregados	4:080\$000	
Compra de Material de Expediente	726\$000	
Percentagens de cobranças	930\$600	
Selos do Correio e estampilhas	174\$600	
Luz e telefone	25\$600	
Compra de livros	20\$000	
Pago por empréstimos	2:600\$000	
Prêmio de Seguro contra Fogo	198\$130	
Concertos de móveis	2:791\$000	11:545\$930
Saldo que passa para o ano de 1933		5:705\$630
		<hr/>
Rs.		17:251\$560

Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1932.

Alberto Couto Fernandes
Tesoureiro.

A "Comissão de Contas".

J. P. Carneiro da Cunha
João Ribeiro Mendes
Edmundo Tribouillet
Taciano Accioli Monteiro.

Rio de Janeiro, 7 de Fevereiro de 1933.

A COMISSÃO DE CONTAS DA "SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO", tendo examinado o Balancete e as respectivas contas relativas ao ano de 1932, apresentadas pelo Tesoureiro Dr. Alberto Couto Fernandes, é de parecer que podem ser aprovadas. Estão em perfeita ordem os lançamentos assim como os documentos comprobativos devidamente classificados e legalizados.

Verifica-se do Balanço que a Receita arrecadada foi de Rs. 17:092\$630, que adicionada ao Saldo do ando de 1931 de Rs. 158\$930, perfaz o total de Rs. 17:251\$560, e a Despesa tendo sido de Rs. 11:545\$930, resulta para o ano corrente o saldo de ... Rs. 5:705\$630, conforme discriminação do aludido Balanço.

Como sempre a Comissão tem o prazer de propor um voto de louvor ao Sr. Tesoureiro pela sua grande dedicação.

A Comissão de Contas

Edmundo Felix Tribouillet, Relator

Dr. Taciano Accioli Monteiro

J. P. Carneiro da Cunha.

João Ribeiro Mendes.

REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO

COLABORAÇÃO

A comissão de redação da *Revista da Sociedade de Geografia* aceita, com prazer, artigos, estudos e quaisquer trabalhos sôbre geografia, arqueologia, etnografia, e ciências correlatas, especialmente do Brasil, que mereçam ser publicados na Revista, dirigindo, mesmo, um apêlo aos Srs. Professores dessas materias para que contribuam com o concurso valioso de seus conhecimentos e de suas ideias para o desenvolvimento e divulgação dos assuntos relativos ao nosso país e á nossa gente.

CONSULTAS

A *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* além de franquear aos seus leitores e aos estudiosos das ciências geográficas, em sua sede, a biblioteca e a mapoteca da Sociedade, atende as consultas que lhe forem dirigidas sôbre questões de geografia física, política e econômica, e assuntos correlativos, podendo as mesmas lhes ser dirigida por escrito.

ERRATA

No tomo XXXVI — 1932 — (2º semestre), pags. 156, no artigo intitulado “As ilhas da Micronésia, antigas possessões alemãs, sob mandato japonês” onde se lê *Guaur*, leia-se *Guam*.

IBMAOS
PONGE  I